



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Mariana Tereza Diniz Mendonça

Festas e visitação religiosa em uma comunidade evangélica na Ilha Grande

Rio de Janeiro

2011

Mariana Tereza Diniz Mendonça

Festas e visitação religiosa em uma comunidade evangélica na Ilha Grande



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Birman

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

M539 Mendonça, Mariana Tereza Diniz.
Festas e visitação religiosa em uma comunidade na Ilha Grande / Mariana Tereza Diniz Mendonça. – 2011.
114 f.

Orientador: Patricia Birman.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Pentecostalismo – Ilha Grande, Baía da (RJ) – Teses. 2. Assembléia de Deus – Cerimônias e práticas – Teses. 3. Festas religiosas – Teses. 4. Ilha Grande, Baía da (RJ) – Teses. I. Birman, Patrícia, 1949- II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 284.57(815.32)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Tereza Diniz Mendonça

Festas e visitação religiosa em uma comunidade evangélica na Ilha Grande

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 05 de setembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Patrícia Birman (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^ª. Dra. Rosane Prado

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^ª. Dra. Bianca Freire-Medeiros

Fundação Getúlio Vargas

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus avós Maria Auxiliadora
Mendonça, Célio Feijó Mendonça, Maria Augusta de
Souza Diniz e Antônio Gervásio de Paiva Diniz.

AGRADECIMENTOS

Devo esta dissertação aos moradores de Provetá. Quero expressar minha gratidão e dizer que os ensinamentos daqueles que dividiram experiências comigo ultrapassam sobremaneira os dados apresentados nessa dissertação, pois os carrego em minha vida profissional e principalmente pessoal. Gostaria de agradecer em especial à Marcela Neves Gonçalves, cuja alegre companhia e dedicação fez dos meus trabalhos de campo muitíssimo agradáveis. Também agradeço a Manoelzinho, Magna, Neném, Magnum, Manoela, Fabico, Mayara e Maytê que formam uma das famílias mais especiais que pude conhecer. Meus agradecimentos a Seu Zé Pimenta, Dona Deca, Solange e Natália pela simpática receptividade em sua casa; pela amizade de Teleco, Tetéti, Lucia, Abraão, Líbina, Seu Cici, Idson, Sandra, Tuca e Sandrinho. Agradeço a Ninica, Marilda, Boeca, Gustavo, Pastor Osmar, Irmã Marilene, por partilharem seu tempo e suas experiências religiosas. Obrigada a todos os provetaenses por terem possibilitado a realização desta dissertação.

Meus agradecimentos a minha mestra Patrícia Birman por todo o ensinamento que consegui apreender em quase cinco anos de convivência. Neste tempo Patrícia vem pacientemente me introduzindo a experiência etnográfica e me auxiliando na realização do trabalho prático e teórico, com muita sensibilidade antropológica, sempre trazendo argumentos fascinantes, que me fazem crescer a cada encontro.

Agradeço também as professoras Clara Mafra e Bianca Freire-Medeiros que me deram a chance de realizar minhas primeiras experiências em trabalhos acadêmicos e por terem me ensinado tanto. Meu agradecimento especial a Rosane Prado pelo importante auxílio na realização deste trabalho e principalmente por ter me feito entender o que é e como fazer Antropologia.

Um agradecimento especial a “equipe Ilha Grande”, que mesmo em momentos descontraídos tem a paixão pela Antropologia como principal assunto: André Bakker, Vicente Cretton, Eduardo Pereira, Helena Guilayn, Angélica Ferrarez, Natania Lopes, Mario Wiedemann e Debora Herszenhut. Agradeço também a meus colegas de curso Élbio Ribeiro, André Luiz, Vanessa Areirom, João Godói, Wendell Deplan, Pedro Benevides, Palloma Menezes, Andrew Reed e Charles Moura.

Não tenho palavras para agradecer a UERJ por ter proporcionado meu encontro com Livia Campello, o ser da espécie humana mais doce e generoso que já conheci.

Por fim, agradeço aos meus pais Marcelo Pietra e Maria Emília Diniz que com muito carinho, amor e esforço viabilizaram meus estudos, oferecendo pleno apoio em todas as minhas

escolhas. A Carolina Mendonça e Martin Pietra, por serem irmãos tão presentes e bacanas. E Douglas Eleutério, que vem realizando os meus maiores sonhos.

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

Ferreira Gullar

RESUMO

MENDONÇA, Mariana Tereza Diniz. **Festas e visitação religiosa em uma comunidade evangélica na Ilha Grande**, 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Apesar de ser percebida como uma entidade supra-humana, a instituição “Igreja” é o resultado de um trabalho desenvolvido cotidianamente por indivíduos dedicados a tal empreendimento. Na Igreja Assembleia de Deus da vila Provetá, Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ, esse trabalho contínuo vem sendo realizado com bastante êxito. O crescimento da vila foi concomitante ao crescimento da Igreja e seu corpo ministerial. Vinculado à sua história houve o processo de evangelização de grande parte dos moradores. Assim, a Igreja “Assembleia de Deus Provetá” detém uma clara hegemonia sobre o modo de vida local há pelo menos três gerações. Seu território é designado e percebido, tanto pelas pessoas dali, quanto pelas pessoas “de fora”, como um lugar regido por preceitos religiosos, cuja moral é predominantemente pentecostal. Este trabalho concentra-se na investigação acerca dos “conjuntos” da Assembleia de Deus, suas festas religiosas e desdobramentos. As festas e principalmente a organização e preparação das mesmas são veículos através do qual um cotidiano e/ou uma maneira de viver se manifesta. Tais práticas formam um complexo empreendimento que mobiliza grande parte da população local e revela dimensões sociais específicas. Ao delinear a forma com que a Igreja se inscreve na vida cotidiana dos fiéis, pode-se compreender de forma mais clara a interface entre religião e “comunidade” presente neste estudo de caso.

Palavras-chave: Religiosidade. Relações sociais. Festa religiosa. Turismo religioso.

ABSTRACT

MENDONÇA, Mariana Tereza Diniz. **Festivities and religious excursions in an evangelist community of Ilha Grande**, 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Even though perceived as a supra-human entity, the “Church” is the result of constant and arduous input of individuals who dedicate their time and effort to that purpose. In the Assembleia de Deus church located at the village of Provetá, Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ, this individual effort has been, so far, successful. The development of the village of Provetá is directly associated and concomitant to the growth of the church and its ministerial representatives. The evangelization of the majority of the local dwellers is part of the story of this village. The church “Assembleia de Deus of Provetá” clearly detains an important and hegemonic role in determining the local life style for, at least, three generations. Its territory is well defined and perceived by locals, as well as by outsiders, as being a religious place where the Pentecostal lifestyle is predominant. This research investigates the “groups” that constituent the Assembleia de Deus, its religious celebrations and the consequences of the existence of these two characteristics. In other words, these celebrations and their preparation is a form of manifestation of their lifestyle and a valuable opportunity that enable us to understand the routine of these residents. These festivities form a complex venture that assembles the majority of the local community and reveals specific social dimensions. Henceforth, once we can delimitate the way the church inserts itself in the day-to-day activities of its followers, one can understand the interface between religion and “community”, which is the focus of this case study.

Keywords: Religiousness. Social-relations. Religious celebrations. Religious tourism.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	O CÍRCULO DE ORAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA MULHER PENTECOSTAL EM PROVETÁ	21
1.1	Introdução	21
1.2	O Círculo de Oração	25
1.3	Casamento e Desvio	31
1.4	Formas de pertencimento	34
2	TRAJETÓRIAS PESSOAIS E O ESTABELECIMENTO DO CONJUNTO JOIAS DE CRISTO	41
2.1	Introdução	41
2.2	Marilda e a educação pela fé	43
2.3	Ninica e a “festa das crianças”	53
2.4	O trabalho espiritual e suas recompensas	69
3	DE ATALAIA À GIDEÃO: DESVIO DA IGREJA E CELEBRAÇÃO RELIGIOSA	73
3.1	Introdução	73
3.2	Juventude e Perigo	78
3.3	O novo pertencimento contínuo	82
3.4	A eficácia da festa pentecostal para a <i>reinserção</i> do membro <i>desviante</i>	84
3.5	Gideões: Os pescadores cantores	89
4	TURISMO E VISITAÇÃO RELIGIOSA ENTRE ASSEMBLEIANOS NO PROVETÁ	94
4.1	Introdução	94
4.2	A praia sem turista	97
4.3	Visitantes e <i>Visitados</i>	102
4.4	Os <i>Saragaços</i> de um Carnaval	115
	ANEXO A - Apresentação da Ilha Grande	119
	ANEXO B - Credo das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil	121
	ANEXO C – Imagens	122
	REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças que, de forma sempre renovada, continuará a ser o domínio da antropologia. (LÉVIS-STRAUSS 1976, p. 26).

A vila Provetá se situa na face sul da Ilha Grande¹, Angra dos Reis, RJ. É uma bonita enseada, cercada de costão rochoso e mata atlântica. Possui, mais ou menos, 1.300 habitantes fixos, é a segunda vila mais populosa da Ilha, ficando atrás apenas da vila do Abraão. Provetá é uma localidade cuja sociabilidade, forma de moradia, e de trabalho são orientadas pelos valores aprendidos na Assembleia de Deus local. A Igreja², fundada há mais de 70 anos, detém uma clara hegemonia sobre o modo de vida local há pelo menos três gerações. Seu território é designado e percebido, tanto pelas pessoas dali, quanto pelas pessoas “de fora”, como um lugar regido por preceitos religiosos, cuja moral é predominantemente pentecostal. Faz parte das atividades da Assembleia de Deus local zelar pela natureza evangélica da *comunidade*, defender suas fronteiras, gerir seu espaço público e ocupar-se da representação da vila diante do governo e da sociedade inclusiva. A aliança com o governo municipal, também tem permitido transformar o princípio comunitário, baseado no monopólio religioso desta Igreja, em algo garantido e cristalizado pelas instituições do estado (BIRMAN, 2008).

Ao introduzir a vila de Provetá, Birman (2006, p.35) dá-nos uma noção da perspectiva local sobre o território:

Logo na primeira visita à comunidade de crentes de Provetá um assunto parecia obrigatório em todas as conversas com seus moradores: o caráter singular daquela comunidade, o quanto esta é especial e inconfundível. O espaço geográfico da vila e do seu entorno adquiriam nestas conversas uma configuração moral peculiar que parecia evidente para os nossos interlocutores. Saltava aos olhos a experiência religiosa pentecostal onipresente, atravessando todas as relações sociais e que avançava nos

1 Para breve introdução à Ilha Grande e mapa ilustrativo, ver ANEXO I.

2 Quando faço referência à Assembleia de Deus Provetá, utilizo a palavra Igreja com “I” maiúsculo para facilitar a compreensão.

discursos de seus moradores como referência primordial para definir o que havia de comum entre eles. A ação do Espírito Santo que a igreja propiciava há quase setenta anos ali orientava o coração dos seus fiéis, mas antes mesmo destes existirem, há muito tempo, Ele já havia agido em Provetá de modo a fundar um território cuja natureza seria, por assim dizer, também “espiritual”.

Provetá é considerada uma *comunidade*³ singular e especial para seus moradores. A partir da chegada do primeiro indivíduo convertido à Assembleia de Deus houve a sacralização do território que levou a uma ruptura radical de Provetá com o seu passado. Inaugurou-se uma nova era para seus habitantes pelo rompimento com a aparente neutralidade do território na sua relação com Deus. Por intermédio do homem que para lá levou o Evangelho, chegou o Espírito Santo cuja presença propiciou uma transformação da natureza mesma do lugar. O que nos relatam é que houve uma melhora significativa em várias esferas sociais: A pesca se desenvolveu, o mar se acalmou e as doenças foram afastadas⁴. O Evangelho é referido como a cultura do lugar. Homens e mulheres não se pensam como “convertidos”, mas “nascidos” e “criados” no Evangelho (BIRMAN, 2006).

Mesmo para as pessoas que não são crentes, mas que tem algum envolvimento com o lugar como os professores e funcionários públicos, Provetá adquire uma conotação de lugar especial e bom, por ser um lugar mais tranquilo do que as outras vilas da Ilha. A moralidade específica da vila parece expulsar as coisas ruins, comuns aos outros territórios, como a violência e o uso de drogas. O território é “mais seguro”, por conta da sua configuração social norteada por preceitos pentecostais que asseguram a tranquilidade em seu cotidiano.

3 Patrícia Birman pontua que utiliza a categoria “comunidade” como categoria “êmica”, isto é, como forma de identificação que os indivíduos pesquisados utilizam para se referirem ao seu local de moradia e/ou a seu grupo territorial utilizado como referência identitária. No entanto, ao longo da pesquisa em Provetá ela discute criticamente as acepções sociológicas desta noção para colocar em relevo os obstáculos que eventualmente estas engendram para o conhecimento antropológico. Segundo Birman, o maior problema relacionado ao seu emprego advém de um certo substancialismo cultural que a perpassa, o que historicamente possibilitou a criação de algumas ficções antropológicas mais recorrentes, como a de “tradição”, de “identidade” como fenômenos sociais objetiváveis bem como a de “isolados” culturais vistos como totalidades de sentido disponíveis para uma explicação unificadora

4 O próprio missionário Deoclécio, o primeiro convertido, quando chegou à Provetá realizou a cura de um enfermo com orações, o que fez com que o povoado acreditasse no poder daquela crença que ele estava trazendo. Provetá também era antiga colônia de leprosos e o que contam é que a doença desapareceu da vila por conta da benção divina, principalmente nos locais mais próximos à Igreja.

Ao contrário das outras, nas quais a atividade da pesca já foi essencialmente substituída pelo turismo, em Provetá, são *os filhos do lugar* que possuem as melhores casas da vila e se beneficiam dos frutos do seu trabalho na pesca em uma *comunidade* gerida pela Igreja (BIRMAN, 2008). Quando comparamos o recente desenvolvimento histórico e social de parte da Ilha Grande ao de Provetá, vê-se que a vila religiosa se configura como um território de exceção com relação à chegada do turismo.

Provetá por suas características sociais foi e continua sendo uma localidade comumente pensada e designada – em espaços midiáticos, por turistas, ilhéus, ONGs que atuam na Ilha Grande, órgãos governamentais, principalmente aqueles relacionados ao meio ambiente - como uma comunidade *fechada, estranha*, eu diria, pouco conhecida.

Nesta introdução descrevo como se deu a elaboração do presente trabalho. Apresento os problemas de investigação, em que faço um breve relato sobre os caminhos que me fizeram chegar ao tema e objeto analisado. Exponho as questões principais, a estrutura da dissertação e metodologia empregada.

Problemas de Investigação

Esta dissertação é resultado de um trabalho que vem sendo desenvolvido desde 2007, quando eu ainda era estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na condição de bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq, na pesquisa “Religiosos na Esfera Pública”⁵, coordenada pela professora Patrícia Birman, comecei a investigar, através de sucessivas viagens para a realização de trabalho de campo, questões referentes ao contexto da peculiar *comunidade evangélica*, a vila Provetá, na Ilha Grande em Angra dos Reis, RJ.

5 A pesquisa iniciada e coordenada por Patrícia Birman foi muito bem sucedida, tendo como resultado artigos, monografias e dissertações de mestrado. Nesses trabalhos há informação etnográfica e histórica sobre o local, um material qualificado sobre uma localidade que havia um vazio informacional, principalmente no tocante a história e cotidiano religioso.

Em meados do ano 2000, antes de iniciar a pesquisa, morei na cidade de Angra dos Reis. Nessa época chegou aos meus ouvidos que na Ilha Grande existia uma vila onde “todo mundo era crente” e naquele lugar nós jovens laicos, “não podíamos fazer nada”. Julgava Provetá como um local ruim, ditado por regras religiosas que, a meu ver, não faziam sentido algum.

Na primeira visita a campo, em Maio de 2007, na companhia do colega de pesquisa Vicente, após uma hora e meia em viagem de barco desembarquei em uma praia vizinha e cheguei à Provetá por trilha. Aquele caminho possibilitou uma visão do interior da vila. No diário de campo relatei as primeiras impressões:

Fizemos a trilha e logo que avistamos a vila observamos os morros que a contornam, comentando sobre sua grande área já desmatada, ocasionada principalmente pelas antigas roças e atuais queimadas. Entrando em Provetá logo me surpreendo com o riacho cheio de lixo que exalava um odor nada agradável. Havia urubus fazendo a reciclagem. Vou percebendo a arquitetura “de puxadinho” das casas, as inclinações das ruas, os entulhos de material de construção acumulado nas esquinas e começo a achar as características do local diferentes das outras vilas que conheço na Ilha Grande. Provetá parece um típico bairro de baixa renda fluminense (como o subúrbio angrense) bastante habitado e com vários problemas urbanísticos a serem resolvidos.

Logo que comecei a realizar o trabalho de campo, percebi que eu não tinha a boa vontade necessária para desenvolver um trabalho que teria por premissa acompanhar o cotidiano religioso local, como ir aos cultos e conversar com as pessoas acerca da sua subjetividade religiosa. Sabendo dessa condição, escolhi entender a forma com que as pessoas da vila se relacionavam com a movimentação turística que desde o começo da década de 90 vem substituindo substancialmente a pesca em seu contexto regional. Esta pesquisa teve como resultado a monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais. Neste trabalho reuni discursos de diferentes atores sociais como donos das poucas pousadas existentes, empresários da pesca e alguns moradores e fiz etnografias das datas consideradas como “alta temporada” quando pude realizar um trabalho de campo mais longo e perceber as tensões existentes. A minha conclusão foi que Provetá realmente não faz parte dos circuitos turísticos da Ilha e a vila não possui estruturação formal nesse sentido. As pessoas da vila que se mostraram a favor da entrada do turismo disseram que o poder político e doutrinário da Igreja impossibilita qualquer atividade que possa dar um impulso à inserção da vila em direção a movimentação turística

presente na Ilha Grande. Na monografia, portanto, apresentei as questões suscitadas pelo que seria “O Turismo”, enquanto conceito de um fenômeno social contemporâneo no seio de uma localidade específica.

No entanto, pude perceber que a vila Provetá não é um local alheio à visitação, pelo contrário. Em minhas idas a campo, era notória a presença de pessoas “de fora” no local. Ao aprofundar minhas relações de amizade no campo comecei a ser chamada para algumas atividades religiosas que aconteciam na Assembleia de Deus. Fui percebendo, que em determinadas datas, tanto a minha estadia, como a de outros visitantes era facilitada, pois havia uma estrutura de recepção produzida pela Igreja e seus fiéis, que incluía transporte, leito e alimentação oferecida gratuitamente aos convidados.

Passei a aceitar os convites e frequentar a localidade quando havia algum tipo de atividade festiva acontecendo no interior da Igreja. Alguns moradores evangélicos demonstravam satisfação a me ver ali, prestigiando um evento religioso. Passei a me sentir na obrigação de participar dos cultos, afinal, para eles, eu estava lá para isso. Aos poucos fui percebendo que os eventos religiosos em Provetá poderiam se configurar como um bom ponto de partida para análise da vila e sua sociabilidade. Afinal, segundo a prerrogativa de Durkheim (1996) são principalmente os rituais mais elaborados geralmente mais públicos que modelam a consciência espiritual de um povo, aqueles nos quais são reunidos, de um lado, uma gama mais ampla de disposições e motivações e, de outro, de concepções metafísicas.

A cada viagem a campo me via cada vez mais interessada nas atividades empreendidas pela Igreja e em como a vida religiosa dos evangélicos provetanenses se apresentava. O evidente preconceito foi transformado em profunda admiração, o que, de certa forma, explica os desdobramentos da minha investigação acerca da vila. Assim, comecei a trabalhar como principal objeto de análise os cultos festivos que são realizados periodicamente no decorrer do ano, denominados pelos moradores locais como “festas da Igreja”.

As festas são realizadas para a celebração dos grupos da Igreja formados pelos fiéis; os temas das festas são os conjuntos formados por eles mesmos enquanto membros da Igreja e integrantes da *comunidade* provetaense. A divisão dos grupos dá-se conforme sexo, idade e

situação conjugal. Existe o grupo das mulheres casadas (Heroínas da fé); dos homens casados (Gideões); dos jovens, que abarca jovens recém-batizados e mulheres e homens ainda solteiros (Atalaias de Cristo); adolescentes (Tribo de Israel) e crianças (Jóias de Cristo). Fui compreendendo o calendário das festas e como os moradores se envolviam ou não em tais eventos, sem falar nos próprios cultos que se configuravam como momentos que compunham a reunião de centenas de pessoas, cujos acontecimentos muitas vezes ultrapassavam as paredes do templo.

A principal questão que norteou a minha pesquisa foi: *Quais atividades religiosas, principalmente aquelas relacionadas aos eventos festivos, a Igreja Assembleia de Deus disponibiliza aos seus fiéis e como essas atividades são empreendidas pelos evangélicos locais.* As ideias e os sentimentos coletivos só são possíveis graças a movimentos exteriores que os simbolizam (DURKHEIM, 1996). Desse modo, procuro entender as *ações* individuais e coletivas que compõem a religiosidade local e o resultado dessas *ações* no processo histórico e cotidiano da *comunidade*.

As festas, no entanto, são um objeto construído e não um objeto dado (MENEZES, 2009). Cada capítulo deste trabalho tem a realização das festas religiosas como um objeto que vai sendo construído para se chegar a um entendimento sobre o modo de vida local. Assim podemos perceber como os conceitos religiosos espalham-se para além de seus contextos especificamente metafísicos e forma parte da experiência individual - intelectual, emocional, moral - e também regulam a vida social.

Estrutura da Dissertação

Na primeira parte da dissertação as mulheres são protagonistas. A construção das características e práticas sociais - religiosa e moral - desse gênero é descrita e analisada. No capítulo 1 faço o desenho de como os afazeres das mulheres organizam a trama da vida comunitária através da religiosidade e as atividades empreendidas pelo Círculo de Oração da

Assembleia de Deus. Procurei examinar quais os critérios locais que delimitam e constroem o papel social da mulher provetaense.

O capítulo 2 parte da história de vida⁶ de duas mulheres, Tida e Ninica, cujo desenvolvimento intelectual e moral foram, segundo elas mesmas, permeados pelo envolvimento contínuo nas atividades religiosas da Igreja. As combinações que as narrativas fazem entre a ênfase na autonomia individual e um englobamento pela ‘família’ e na ‘congregação’, indicam como as entrevistadas entendem e discursam sobre o papel desempenhado por cada uma no desenvolvimento do grupo em que estão inseridas. Através de suas memórias também é possível descrever características históricas e sociológicas relacionadas ao conjunto infantil da Assembleia de Deus local.

A etnografia de uma festividade religiosa infantil visa mostrar como acontece atualmente o estímulo à participação das crianças nas atividades religiosas, sobretudo em uma data festiva. Neste capítulo discorro sobre as operações da Igreja que produzem certos modos de presença na vida cotidiana das famílias. No final do capítulo o discurso dessas mulheres sobre a prosperidade advinda como o resultado de uma vida moralmente reta e dedicada às *Obras de Deus*– formam mais um exemplo de como o protestante/pentecostal entende a sua salvação como dependente do seu trabalho. Esse capítulo está fundamentado na noção de que há um padrão de significados transmitidos historicamente que vem desenvolvendo o evangelismo local. Esse sistema de concepções herdadas faz com que a comunidade desenvolva seu conhecimento e suas atividades em relação à vida, permeada pela religiosidade pentecostal.

Gênero tal como se tem expressado no campo religioso, é o resultado de um processo de significação engendrado por indivíduos num contexto sociocultural específico, porém sempre

6 Bordieu (1998) critica o uso da história de vida em análises sociológicas e etnográficas ao dizer que esse tipo de relato tende a aproximar-se do modelo oficial, da apresentação oficial de si (como uma carteira de identidade, ficha de estado civil, curriculum vitae), ou seja, como biografia oficial produzida pelo próprio informante. E como o “real é descontínuo”, o ator social só pode atestar a identidade da sua personalidade, como individualidade socialmente constituída, à custa de uma abstração, de uma ilusão retórica que organiza os acontecimentos em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. No entanto, acredito que tal metodologia possa ser bem utilizada se sua análise for permeada de cuidados para não *engessar* aquilo que foi dito, como uma verdade absoluta.

em diálogo com as “regras” da cultura mais ampla. A ideologia geral sobre os gêneros liga a religiosidade muito mais à feminilidade que à masculinidade. O capítulo 3 compreende a análise sobre a imagem, o simbolismo e práticas dos homens nas atividades religiosas em Provetá. A primeira parte do capítulo é devotada à exploração da religiosidade pentecostal dos jovens provetaenses. Introduzindo categorias locais a partir das quais os provetaenses definem sua relação com a Assembleia de Deus, discuto a dinâmica circular de *afastamento* e retorno à Igreja que marca a trajetória de vida de muitos provetaenses. Nos capítulos anteriores friso a importância da festa como um evento que exalta e celebra a união dos membros da Igreja. Neste, investigo a importância das festas para aqueles estão “fora” do pertencimento formal da Assembleia local. Ainda neste capítulo faço a análise do conjunto masculino, composto majoritariamente por homens adultos que *retornaram* à Igreja. Os homens possuem a maior parte dos *testemunhos*, cujo conteúdo aponta para o exercício de práticas mundanas, vinculadas ao mal, exercidas às margens da comunidade ou fora dali. Esse tipo de *testemunho* possui força retórica que junto à evidente posição superior concernente ao gênero masculino situa os Gideões como o conjunto mais importante segundo reconhecimento da própria membraia.

Por fim, no capítulo 4, apresento uma análise sobre como Provetá é considerado um local “não turístico” frente à movimentação existente em Angra dos Reis e Ilha Grande. Também descrevo as recentes tentativas de construção da imagem da vila como potencial destino turístico. O capítulo prossegue abordando a recepção de visitantes evangélicos. A relação entre algumas igrejas e a Assembleia de Deus Provetá gera um distinto trânsito de pessoas na Ilha Grande. Deslocamento e recepção são feitos de forma específica, de acordo com um calendário próprio. Existe um intercâmbio entre as igrejas Assembleia de Deus que tem a Igreja de Provetá como matriz. Quando há festividades na Igreja local, alguns grupos são convidados a prestigiar o evento. Fiéis assembleianos também frequentam a vila de Provetá, o berço do ministério, por esta caracterizar-se como um “território especial”, onde a crença e os costumes pentecostais são altamente valorizados, isso cingido em uma bonita paisagem. Na última parte do trabalho analiso a etnografia de uma festa religiosa feita por uma colega que também empreendeu trabalho de campo em Provetá. Natania Lopes pode acompanhar a Festa dos Gideões do ano 2008, quando a atividade religiosa aconteceu simultaneamente a celebração profana do carnaval.

Ao contrário dos trabalhos de campo empreendidos por mim, nos quais me dedicava inteiramente à observação participante das atividades empreendidas no interior da Igreja, Natania nos dá informações importantes sobre como foi a movimentação dos moradores em dias de festa religiosa, concomitante a celebração de uma festa profana.

Metodologia

O trabalho de campo mediante observação participante, preferivelmente em um grupo social de dimensões reduzidas, bem diferentes daquele ao qual pertence o investigador, é o marco da antropologia social/cultural (STOCKING, 1992). A vila Provetá permitiu que eu realizasse um tipo de trabalho antropológico, que envolvia uma viagem de barco até uma Ilha, onde reside uma população cuja cultura às vezes se aproximava da minha, mas mantinha uma distância considerável. As dimensões reduzidas da vila permitiram simultaneamente o contato individualizado e a apreensão de um coletivo.

No entanto, os conhecimentos apreendidos no terreno nunca podem se aproximar, nem remotamente, da totalidade da população - foram criados laços preferenciais com algumas pessoas. A maior parte das informações coletadas e das entrevistas foi proveniente de pessoas e famílias com as quais tive maior aproximação⁷.

Os dados presentes nesta dissertação foram originados a partir da observação participante e entrevistas semiestruturadas e informais. Beneficiei-me ainda de dados provenientes de pesquisa na internet sobre a localidade, sem falar de minha Monografia de Graduação

⁷ Segundo Da Matta (1978, p. 30) o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam, segundo Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. “Tal intrusão da subjetividade e da carga efetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação”. Sem dúvida esse fator foi determinante para os desdobramentos dessa pesquisa. Prova disso são os primeiros capítulos dedicados a compreensão da construção religiosa e moral da mulher provetaense. Não havia decidido anteriormente me debruçar sobre o tema, no entanto, me dei conta que havia passado bastante tempo com as mulheres no interior das residências, trocando alegrias, dores e experiências. Quando comecei a escrever a dissertação essas informações, surpreendentemente, eram as que estavam mais presentes em minha memória.

(MENDONÇA, 2009), a Monografia de Vicente Cretton (2007), a Monografia e Dissertação de André Bakker (2006, 2008), e os artigos produzidos por Patrícia Birman (2006a, 2006b, 2008 e outros).

Desde Junho de 2007, quando iniciei meu trabalho em Provetá, realizei dez viagens a campo. No entanto, somente o campo realizado no ano de 2010, deu origem a maior parte dos dados aqui apresentados. Mas certamente o resultado possui intercessões de todas as estadias que me introduziram progressivamente às dinâmicas sociais da vila.

Foram realizadas 25 entrevistas semiestruturadas que possuem, em média, 40 minutos de duração. A maior parte dessas entrevistas foi feitas com pessoas⁸ que mantêm uma relação de proximidade com a Assembleia de Deus local. De acordo com prerrogativas metodológicas de Becker (1977), não podemos evitar tomar partido, por motivos que estão solidamente calcados na estrutura social, pois não há posição a partir da qual a pesquisa sociológica seja feita que não contenha bias em uma ou outra direção; por isso é preciso avisar as pessoas que nosso estudo nos diz somente como as coisas aparecem a partir de determinada posição. Que fique claro que minha pesquisa parte do contato com pessoas que possuem forte proximidade com a religiosidade local.

A observação participante foi o método que agregou a maior parte das informações coletadas em campo. Minha observação se desenvolveu durante todo o tempo, ao longo de todas as estadias. A viagem de barco até a vila, o tempo passado com as famílias que me recepcionaram, as tardes na praia ou na pracinha da Igreja, a frequência em bares, festas de aniversário – todas as atividades realizadas em campo foram gradativamente me introduzindo ao cotidiano e as esferas presentes na vida social da vila. No entanto, para a realização desta dissertação foquei a minha frequência em festas religiosas, cultos públicos e de doutrina, consagrações, escola dominical e demais atividades da Igreja.

8 Marcela, Marilene, Gustavo, Ninica, Tuca, Libina, Lucia, Manoelzinho, Kilsa, Joel (Boeca), Eliane, Dona Áurea, João Maia, Ivone, Magna, Dona Maria, Solange, Dona Deca, Seu Pimenta, Sandra, Abraão, Manuela, Marilda, Osmar e outros, meus agradecimentos pelas entrevistas e conversas concedidas.

Alban Bensa (1998) propõe que a sociedade pesquisada quando acolhe o pesquisador, faz da estada deste em seu seio um acontecimento que transcorre dentro do jogo do momento, dentro da história local. É com grande satisfação que apresento neste trabalho, um pouco da história e o modo de vida presente na vila Provetá, a partir das minhas experiências (de vida) em campo.

1 O CÍRCULO DE ORAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA MULHER PENTECOSTAL EM PROVETÁ

Foi a Igreja o ponto principal? Foi, pra mim foi. Foi o meu palco, o meu espaço. Ninica, 35 anos.

1.1 Introdução

Apesar de ser designada e percebida como uma entidade supra-humana, a Igreja Assembleia de Deus em Provetá, como todas as igrejas, é formada por indivíduos. A instituição nada mais é que o resultado de um trabalho desenvolvido cotidianamente por pessoas dedicadas a tal empreendimento. Esse trabalho contínuo vem sendo realizado com bastante êxito. O crescimento da vila Provetá foi concomitante ao crescimento da Igreja e seu corpo ministerial. Vinculado à sua história houve um processo de evangelização que acabou por abarcar grande parte dos moradores da vila de pescadores.

Partindo de narrativas locais (construídas a partir da memória dos indivíduos e do grupo), concluo que para os primeiros convertidos, a doutrina chegou através de alguém que havia adquirido aquele conhecimento em alguma parte do continente, sendo divulgada àqueles que cediam suas casas para a realização de reuniões religiosas. As estratégias de divulgação e instrução eram dependentes da interação social e dedicação de tempo daquele que profere a Palavra e também pelo interessado em ouvi-la. Esse tipo de prática é característica da forma de difusão da doutrina evangélica, anterior ao advento dos programas de rádio e TV, mas ainda praticada entre evangélicos de várias denominações.

Aos poucos, indivíduos e famílias inteiras ‘aceitaram Jesus’ e foi aberto um ‘ponto de oração’ na vila, estabelecendo um ponto fixo para a congregação dos fiéis. Nesse período a religiosidade ainda era operada como modelo de ‘seita’, ao apresentar o modelo canônico de

associação livre de fiéis que se convertem a uma denominação e dela participam por *aquisição*, e não por *atribuição*, como será em parte para as gerações seguintes⁹.

Em 1935¹⁰, o grupo de novos convertidos edificou a Assembleia de Deus Provetá em pau-a-pique. Não havia pastor formado na época e os cultos eram ministrados pelos *evangelistas*¹¹ que introduziram A Palavra no lugar. A Igreja se estabeleceu e na década de 50 foi feita uma reforma que ampliou o espaço e conforto dos fiéis. O pastor João Ribeiro, proveniente da Assembleia de Deus da favela Praia do Pinto¹², zona sul do Rio de Janeiro, foi para vila ilhéu, a comando da sede nacional da Assembleia de Deus (localizada no bairro São Cristóvão), com a missão de liderar a nova Igreja e seu ministério em formação. Junto com ele, veio a estrutura de uma instituição e o estabelecimento dos preceitos doutrinários da mesma¹³.

Com relação à doutrina pentecostal esta se concentra essencialmente na afirmação da necessidade de uma “segunda benção”, de um “nascimento em Cristo”, que repetiria o modelo bíblico do Pentecostes, a intervenção direta do Espírito Santo que dá aos convertidos a graça da

9 No entanto, há de forma permanente uma dupla forma de operação – a aquisição que vem com o nascimento em uma família, a adesão individual e sua reafirmação posterior. Para análise do afastamento e desvio no âmbito da Assembleia de Deus Provetá ver terceiro capítulo deste trabalho.

10 Essa data parte da inscrição pública na atual fachada da Igreja, conforme foto do anexo III, e também conforme os relatos que apenas indicam que o estabelecimento da Igreja se deu por volta de 70 anos atrás.

11 Evangelistas são aqueles que divulgam A Palavra fora do seu local de origem.

12 Ver fotos históricas da favela Praia do Pinto e a Assembleia de Deus da localidade no anexo III.

13 Ver o “credo” institucional das Assembleias de Deus do Brasil no anexo II.

glossolalia, do profetismo e de outros dons espirituais¹⁴ (SOUZA & CAMARGO, 1973). Segundo M. das Dores C. Machado (1996 cf. FRESTON, 1994):

Tal como a matriz norte-americana as primeiras Igrejas Pentecostais expressam a mesma ênfase no Batismo do Espírito Santo e no dom de falar em línguas estranhas. Comum a elas, seria também o estímulo à participação emocionada e espontânea nos rituais, ao proselitismo religioso e à rigidez moral, levando os fiéis a ocuparem lugares separados nos cultos, de acordo com o sexo, e encarregando toda comunidade religiosa da vigilância constante de seus membros¹⁵.

A distribuição dos membros na Igreja, separados de acordo com o sexo, está atrelada ao surgimento dos grupos organizados. Desde a fundação existe na Igreja de Provetá uma divisão de membros em grupos de acordo com critérios como sexo, idade e situação conjugal. Gustavo é administrador da vila e pastor da Assembleia Provetá. Considerado um *intelectual* da Igreja local sempre se colocou a disposição para refletir e opinar sobre a religiosidade e a configuração social da vila. Segundo sua explicação a existência dos conjuntos é uma característica comum:

Isso é da Assembleia e de algumas denominações também. A primeira igreja que se denominou Assembleia de Deus no Pará, que foi a fundadora da Assembleia de Deus no Brasil e depois São Cristóvão, que foi a primeira filial dela aqui no Rio de Janeiro, todas já foram fundadas com esse ritmo. O grupo das irmãs, chamado Círculo de Oração, o grupo das crianças e o grupo dos jovens. Essa norma de desenvolver esse termo de culto foram propagados pelas outras congregações que foram fundadas. Toda congregação que era fundada, automaticamente, ela formava um grupo das irmãs, um grupo de crianças e um grupo de jovens. Formavam esses grupos que faziam no caso a evolução do culto.

Gustavo relata a expansão da Assembleia de Deus no Brasil e explica a forma que os membros se organizam para a realização das cerimônias de adoração. Considera os grupos,

14 Outros dons possíveis de alcançar com o desenvolvimento espiritual na doutrina pentecostal: sabedoria, ciência, fé, cura, operação de maravilhas, profecia, discernimento de espíritos, interpretação de línguas, diversidade de línguas. A liderança costuma estar relacionada aos dons espirituais e as posições de prestígio derivam, muitas vezes, destes.

15 Para descrições e análises da doutrina pentecostal ver Freston (1994), Mafra (2001), Mariano (1995), Giumbelli (2001) e outros.

comumente designados de *conjuntos*, como os propulsores da evolução do culto, evolução no sentido do desenrolar da liturgia na ocorrência do ritual.

Apesar de priorizar a leitura da Bíblia na liturgia dos cultos, a Igreja Assembleia de Deus também valoriza a música (PAULA, 2007). Entoadada em um ritmo característico, os versos proferem mensagens pontuais e emocionadas sobre temas recorrentes da doutrina pentecostal. A participação dos conjuntos da Igreja dá-se, principalmente, pelas apresentações musicais, anteriormente ensaiadas, que ocupam grande parte do tempo do culto e que, segundo Gustavo, é o que dá o ‘ritmo’, o prosseguimento do culto. Assim, todo conjunto é necessariamente um coral e as apresentações são componentes importantes na liturgia praticada na Igreja.

Os conjuntos que tiveram sua formação no momento da fundação da Igreja de Provetá foram o “das irmãs”, o Círculo de Oração “Heroínas da Fé” e dois conjuntos de crianças o “Jóias de Cristo”, formado pelas meninas, e o “Jardim de Deus” pelos meninos. As crianças ficavam nesse conjunto até os 13, 14 anos, depois as meninas seguiam para o Círculo de Oração e os rapazes não faziam parte de conjunto algum. Apesar de ser comum a outras igrejas, na Igreja de Provetá o conjunto de jovens só surge na década de 70, e o conjunto adolescente na década de 90. O desenvolvimento dos conjuntos, no decorrer da história do evangelismo local, mostra como foram modificadas a construção do conceito de infância e juventude naquele grupo, em extensão ao desenvolvimento dessas noções no interior da sociedade mais ampla. No início, as crianças eram divididas de acordo com o sexo, como os adultos e se comportavam como estes no decorrer do culto. O indivíduo era considerado criança até efetuar o casamento¹⁶. Ao serem consideradas adultas, as mulheres passavam a integrar o conjunto feminino da Igreja e os homens se afastavam da religiosidade ao dar início às atividades profissionais na pesca.

Hoje, o conjunto infantil é um só composto por ambos os sexos. A criança participa do conjunto “Jóias de Cristo” até aproximadamente 12 anos e assim passa a integrar o conjunto “Eterno Louvor”, formado por adolescentes. Após três, quatro anos, seguem para a ‘mocidade’,

16 A partir dos 15 anos em média.

o conjunto jovem “Atalaias de Cristo”. Mulheres casadas compõem o Círculo de Oração “Heroínas da fé” e os homens casados o conjunto “Gideões”.

Imagens e ideais de gênero são importantes tanto na construção do grupo religioso, como na experiência religiosa dos indivíduos. Este capítulo inicial destaca a construção religiosa e moral da mulher em Provetá. Para isso descrevo e analiso as atividades empreendidas pelo Círculo de Oração da Assembleia local. Para uma população cujo pertencimento a uma instituição religiosa se confunde com o pertencimento comunitário, podemos elucidar com a análise do conjunto feminino quais os critérios locais que delimitam e constroem o papel social da mulher provetaense¹⁷.

1.2 O Círculo de Oração

Em um artigo histórico sobre o ministério feminino da Assembleia de Deus Fonseca & Farias (2009) indica que desde a fundação dessa congregação a forte presença feminina e sua força de trabalho foram fundamentais para o sucesso do estabelecimento da nova instituição religiosa.

Não há como dissociar a participação das mulheres da história da Igreja Assembleia de Deus e esse reconhecimento não está circunscrito apenas aos estudos acadêmicos, pois nenhum dos principais livros de cunho histórico produzidos pelos memorialistas da Igreja deixou de dedicar espaço à atuação das mulheres assembleianas nas mais variadas frentes de trabalho (OLIVEIRA, 1997; CONDE, 2005; ALMEIDA, 1982). A presença feminina na Assembleia de Deus remonta à sua fundação já que quando os dois missionários suecos Daniel Gustav Högberg – ou Daniel Berg como ficaria conhecido no Brasil – e Adolph Gunnar Vingren foram expulsos da Igreja Batista de Belém do Pará no ano de 1910, por motivo de rixas doutrinárias, foram acompanhados por um grupo de vinte batistas em que mais da metade eram mulheres e elas, conforme indicam os registros deixados por Daniel Berg (1997) e Gunnar Vingren (2000), trabalharam ativamente nas

17 Não quero dizer que a religião e suas atividades são os únicos componentes na construção do gênero feminino local, mas é a partir da religião que desenvolvo minha análise sobre as mulheres de Provetá.

atividades de ensino nas escolas dominicais e no serviço de evangelização. Outro aspecto importante a se destacar é que o primeiro membro da Assembleia de Deus a receber o chamado “Batismo com o Espírito Santo” foi Celina Martins de Albuquerque que por sua pioneira experiência espiritual, notabilizou-se na história assembleiana, sendo citada em inúmeros livros históricos da Igreja e, até mesmo, no diário do fundador Gunnar Vingren (2000). Enquanto as mulheres estavam cooperando com os trabalhos da Igreja sem a pretensão de ocupar cargos e espaços que eram exclusivos aos homens não houve por parte da liderança qualquer restrição aos afazeres femininos.

Conforme Perrot (2007), a relação das mulheres com a religião é paradoxal, ao passo que as religiões representam poder *sobre* as mulheres e poder *das* mulheres. Ao mesmo tempo em que as religiões tem como fundamento as diferenças entre sexos, ela se torna importante meio de sociabilidade feminina capaz de promover um “contra-poder” (FONSECA & FARIAS, 2009).

Embora o pentecostalismo reafirme a ordem hierárquica e patriarcal de gêneros, “ele abre brechas para redefinições dos papéis e imagens femininas e masculinas, com resultados positivos para as mulheres” (MACHADO, 1996, p. 3). Isso se dá pelo caráter individualista da doutrina que enfatiza uma escolha pessoal da fé e a possibilidade dos crentes de mudar o curso de sua vida e do seu destino. Assim “esta crença rompe com a visão tradicional e patriarcal na medida em que aumenta a responsabilidade individual e estabelece igualdade entre os gêneros” (IDEM, p. 155). “A mulher não se vê no papel tradicional como vítima e serve de seu marido e de sua família, por outro lado também não se vê como uma rebelde que deve lutar contra a opressão masculina” (IDEM, p. 156).

Malinowski (1983) relata que para os jovens trombiandeses os serviços que uma mulher pode prestar ao marido exercem uma grande atração sobre um homem desta idade; a sua aspiração ao descanso e à tranquilidade doméstica torna-se mais intensa a medida que o seu desejo de variação e aventuras amorosas se atenua. Para mais a vida em família significa a presença dos filhos, e o trombiandês adora as crianças. Essa afirmativa sobre a visão do papel da mulher na vida familiar nas Ilhas Trombiand (como dona de casa, cujos serviços garantem a tranquilidade dos homens), possui uma amplidão que perpassa grande parte das culturas, sendo muito próxima a que encontramos na sociedade brasileira, principalmente fora dos grandes centros urbanos. Em Provetá as mulheres em idade adulta são em sua maioria casadas e donas de

casa. Nelas é confiada a base da religiosidade familiar e o bom desempenho nos trabalhos domésticos. Esses cuidados femininos são considerados atribuição específica compreendida como função do seu estatuto de gênero na divisão de trabalho no interior da família. Birman (1996) chama atenção para o fato dos membros da família frequentemente considerarem a participação religiosa da mulher suficiente para lhes garantir a proteção que necessitam e os meios espirituais aos quais podem recorrer em momentos de crise¹⁸. Desse modo, a mulher ocupa um importante lugar: de mediadora entre crentes e não crentes, o que possui efeitos significativos na construção das identidades femininas nas igrejas (IDEM, p. 207). Com relação específica ao caso de Provetá Birman (2006) diz:

É interessante observar que embora os relatos insistam sobre o alcance da prosperidade através da transmissão paterna, percebemos que são as mulheres as guardiãs da herança espiritual da família. Elas possibilitam a seus maridos, muitos ‘afastados’ da Igreja, serem reconhecidos como seus membros. O equacionamento entre ser mulher e crente, embora não seja obrigatório num sentido estrito, carrega uma densidade normativa maior. A ruptura com os laços comunitários é assim claramente considerada se as mulheres do grupo familiar não se encontram nas Igrejas.

Ao participar ativamente das atividades da Igreja, a ação da ‘senhora’ da casa possui significado amplo. A atuação se estende para todos os membros de sua família que assim é identificada pela comunidade como uma família pertencente ao que é considerado, se não o desejável, ao menos o normativo¹⁹. Essa situação pode ser considerada um tipo ideal, no sentido de ser a participação comunitária mais “simples”, mas que corresponde a um “tipo regular” que se caracteriza como fundamental para a estabilidade da vila enquanto uma comunidade religiosa (WEBER, 1994).

18 Uma forma de compreender essa peculiar participação feminina nas igrejas pentecostais é de explicá-la pela divisão social do trabalho entre os gêneros que faria coincidir as religiões que tratam das “aflições” com a maior participação das mulheres, já que esses assuntos pertencem à esfera do trabalho doméstico (Birman, 1996).

19 Segundo Weber (1994) quando se “explica” tal ação, isto não significa que não se pretende deduzi-la a partir de situações “psíquicas”, pelo contrário, se pretende deduzi-la a partir das expectativas referentes ao comportamento dos objetos (racionalidade com relação a fins objetivos), e à racionalidade em relação ao que regularmente e objetivamente acontece.

O conjunto “das irmãs” é o maior e mais presente nas atividades cotidianas da Assembleia local. Além de ser maioria, são elas que desempenham o trabalho cotidiano, tanto físico como espiritual. Em Provetá existe uma divisão social do trabalho religioso na qual, em tese, os homens que “trabalham fora” evangelizam e as mulheres que ficam na vila, oram. O Círculo de Oração “Heroínas da Fé” da Igreja Assembleia de Deus Provetá possui cerca de cento e cinquenta e oito mulheres (o dobro dos integrantes do conjunto masculino) que são obrigatoriamente casadas e *batizadas nas águas*.

Irmã Marilene²⁰ é a figura feminina mais importante da Assembleia de Deus Provetá. Casada com um pastor e filha do ex-pastor presidente, possui posição eminente na elite local. Em Provetá, ela é quem detém o maior número de dons espirituais (profecia, visões, cura e outros). Sua manifestação do *Espírito Santo* consegue envolver coletividades e as pessoas em particular. Como prometera ao seu pai, tem dedicado sua vida ao ministério Provetá e mostra-se satisfeita com o trabalho realizado. Interessante salientar como pessoalmente Marilene costuma ser doce com uma fala calma e riso fácil, diferente da mulher forte, que fala com muito vigor em suas pregações nos cultos. Coordenadora do eminente conjunto feminino, Marilene explica o que entende como o significado e as práticas do conjunto:

O Círculo de Oração é uma organização para intercessão. É uma equipe de oração. O círculo é tipo uma roda, né? Uma união. Então nós temos horários, tem irmãs que vai de sete as oito interceder para Deus dar um bom dia, abençoar a família, abençoar os pastores, abençoar a Igreja, pra prosperidade. Quando chega meio dia tem outra equipe. Tem semanas que a gente põe propósitos, por exemplo, em favor da pesca, pra Deus abençoar a pesca, ou na outra semana, nós vamos orar pelos drogados, pra Deus libertar os drogados. Por exemplo, a gente põe numa semana, nós vamos orar para Deus libertar os homossexuais, para Deus ter misericórdia deles, é assim. Então tudo tem propósito. Aí meio-dia tem essa equipe novamente. E às vezes seis horas da tarde tem os ensaios do (coral) Círculo de Oração e visita aos lares.

20 Marilene é um exemplo de como a divisão sexual do trabalho religioso não é completamente marcada por tal separação do trabalho. Marilene é a principal missionária da Igreja de Provetá. Ela é quem mais faz visitas a casas de pessoas incrédulas para fazer conversões e vai a igrejas longínquas pregar o evangelho. No ano de 2008, Marilene foi convidada para ir à Itália pregar A Palavra. Portanto, uma figura feminina é atualmente a principal evangelista do ministério. Segundo Mafra (2001) o Brasil deixou de ser centro de recepção para se tornar o segundo maior polo de remessa de missionários para o exterior, posição só superada pelos Estados Unidos. Esses fiéis se dispõem a caminhar em busca do avivamento da fé de pessoas que, em sua visão, experimentam um cristianismo morto.

O conjunto das mulheres forma, portanto, a base espiritual da Igreja. Segundo Marilene, a união feminina forma uma corrente física e espiritual que garante uma permanente vigília religiosa na Igreja local e por extensão também na *comunidade*.

A Igreja é considerada por muitos de seus habitantes como uma instituição capaz de estabelecer “uma forma de segurança, um microcosmos substitutivo da hostilidade do mundo” (TARDUCCI, 1994, p. 162) no território da vila Provetá. Podemos entender os grupos religiosos formados no interior da Igreja como parte da estrutura e ao mesmo tempo um elemento estruturante de tal microcosmo. A apreciação das redes sociais formadas no interior da Igreja são meios importantes para compreensão da sociabilidade presente na religiosidade pentecostal.

As irmãs do Círculo de Oração se dividem e participam de subconjuntos denominados de *equipes*. Uma delas é chamada “Tribo de Israel”, e se dedica ao trabalho exclusivo da oração. É composta majoritariamente por mulheres, mas também há a participação de homens e jovens, ou seja, membros de todos os conjuntos que são escolhidos e convidados pela irmã Marilene para compor o grupo. Marilene diz que através do dom da profecia, Deus mostra a ela as pessoas que devem ser convidadas para compor a equipe. O trabalho é de oração ‘por causas impossíveis’ toda sexta-feira a partir de 10 da noite, sem hora para acabar. Às vezes acaba mais cedo, mas dependendo da necessidade do que estão pedindo, o trabalho costuma durar muitas horas. Essa equipe é antiga e contam os fiéis que antes o grupo saía de madrugada pelas ruelas da vila, orando, louvando e cantando hinos. Relatam que de vez em quando ainda fazem isso, mas jamais presenciei tal movimento.

Há também a equipe ‘Guerreiras da Vitória’, conjunto formado apenas por mulheres que são responsáveis por visitas a pessoas que por algum motivo não estejam frequentando a Igreja. Desse modo, a “Igreja” vai até elas. Essa equipe é composta por *irmãs* mais antigas e algumas mais moças que auxiliam a parte musical. Elas fazem orações e cantam hinos de louvor na casa das pessoas que estejam precisando de ajuda espiritual, como viúvas, idosos, doentes e pessoas que estejam passando por sérios problemas financeiros. Não tive a oportunidade de acompanhar

esse tipo de visita, mas certa vez ouvi na vizinhança os hinos sendo entoados na casa de uma senhora que estava doente. Considerei diferente e bonito os hinos sendo cantados e tocados sem o auxílio de aparelhos de som²¹. Essas mulheres, portanto, trabalham em áreas que podemos considerar como tradicionalmente femininas: junto à ‘ação social’, no auxílio àqueles que estejam em situação vulnerável, mas que são necessariamente membros da Igreja²².

A conversão e a busca de santificação implicam uma revisão radical do comportamento social e religioso do homem, atenuando o contraste da conduta masculina em relação a das mulheres (MACHADO, 1996, p. 39). O evangélico é considerado um homem caseiro, que prioriza sua vida familiar em detrimento das atividades cuja interação se dá no espaço público²³. Mas nas ruelas de Provetá a presença masculina é mais evidente e o trabalho na pescaria é exercido fora da vila. Assim, há uma diferença concernente ao domínio espacial. Os homens trabalham viajando, percorrem praias e portos, conhecem pessoas e realidades. As mulheres possuem o domínio doméstico. Muitas não vão sequer a praias vizinhas; somente a ida a Angra dos Reis costuma ser frequente, pois o continente hoje é quase uma extensão da vila. É na cidade que fazem compras, realizam exames médicos, etc. Somente em *tempos* específicos como nos dias de festa religiosa, por exemplo, as barreiras dos sexos (nesse sentido) são atenuadas. Nestes dias há uma forte presença feminina na rua, não só porque são as mulheres que organizam a vida religiosa, mas também porque nessas datas exibem o estatuto da família através da roupa, sua e

21 O sistema de som da Igreja local é bem equipado. A música mecanizada e o uso de microfones sem fio são elementos importantes nos cultos realizados no interior da Igreja. Para uma análise sobre a importância da tecnologia para grupos pentecostais africanos ver Meyer (2003).

22 Acho importante salientar que esse trabalho é dedicado àqueles que possuem algum vínculo com a Igreja. Negão é estigmatizado por ser negro, não evangélico, de “fora”, expressão referente a quem não nasceu no local, e com hábitos considerados mundanos; como o vício nas drogas. Certa vez me disse chateado que havia passado por um período de muita dificuldade, pois estava doente e não conseguia trabalhar. Disse que chegou a passar fome. Reclamou que o “pessoal da Igreja” não o auxiliou por ele não pertencer a membresia.

23 Na rua é possível observar que meninas e meninos brincam juntos, jogam taco, pulam corda, andam de bicicleta, nadam no mar. Mas só os meninos empinam pipa e jogam futebol na areia e somente as meninas brincam de boneca. Quando um pouco maiores, a interação é menos constante e os dois grupos de gênero andam mais afastados.

dos filhos. É na cerimônia religiosa que elas se apropriam da vila como casa simbólica (ALMEIDA, 2000).

Existem quatro festas voltadas para a celebração do Círculo de Oração. A festa do Círculo Heroínas da Fé, a festa para celebrar a Tribo de Israel, o chamado “pré-congresso” que acontece na vila de Provetá e o Congresso União Feminina do Ministério de Provetá, a UFEMIP. O congresso é a maior festividade do ministério, mas o evento não é realizado em Provetá e sim em uma igreja em Angra dos Reis. No entanto, as pessoas que organizam o congresso são os dirigentes e membros da Igreja sede. O congresso é realizado em Angra para que mais pessoas possam estar presentes. O intuito é que em cinco dias mais de trezentas *irmãs* pertencentes a todos os Círculos de Oração “do campo”, ou seja, *irmãs* de todas as igrejas pertencentes ao ministério Provetá compareçam em um dos dias de festa para louvar a Deus em união.

Perguntei a Marilene como foi o começo da produção desse grande Congresso:

Antes eu fazia tudo sozinha porque às vezes as pessoas não entendiam e ‘porque fazer isso’? Ficava assim... E se Deus me levantou eu tinha que ser o referencial, para elas verem como é que se faz e como é que Deus trabalha. Aí eu comecei a falar a obra é de Deus, todos nós somos importantes, porque elas (se) achavam assim incapazes... Deus nos chamou para produzir, não é isso? Em João 15, 16 diz “Eu vos chamei para que vais e dêis fruto”, nós temos que produzir(...) Deus está presente todo dia, eu sempre falo... Mas o culto de festa é isso que eu tô falando há um preço, há uma organização, e se gasta muito, então, por ser uma coisa trabalhosa, Deus se levanta com mais poder, com mais frequência, com mais ousadia e envia muito mais anjos para estar conosco.

O depoimento indica acepções fundamentais acerca do significado da festa religiosa. O trabalho envolvido na organização e preparação das festas preenche parte do cotidiano (principalmente das mulheres, mas não só delas), e isso possui sentido religioso: é um esforço destinado a *Obra de Deus*. E na relação entre festividade e a religiosidade vê-se que as festas são produzidas com vistas a produzir eficácia. O trabalho individual e coletivo realizado pelos fiéis terá recompensa vinculada à tradicional relação trabalho/bênção. Na interpretação de Mary Douglas (1976, p.82), o culto, como ritual, “pode vir, primeiro, formulando a experiência. Pode permitir o conhecimento de algo que, de outra maneira, não seria conhecido. Não exterioriza a

experiência, trazendo-a para a luz do dia, mas modifica a experiência, expressando-a”. Se as festas são produzidas de forma diferente, a experiência com o sagrado, a forma como este irá se manifestar também pode a vir se realizar de forma diferenciada.

1.3 Casamento e *Desvio*

Ao completar quinze anos, as moças costumam fazer uma festa, cujo tamanho depende da situação financeira da família, e na Igreja é realizada uma rápida cerimônia: a menina entra pela porta central da Igreja e percorre o corredor com uma boneca em mãos, sobe ao púlpito e troca com o pastor a sua boneca por um anel. Quando perguntei a uma moça como havia sido a sua cerimônia de 15 anos ela me respondeu: “Foi bem parecido com o meu casamento, só que não tinha o noivo!”.

As mulheres costumam se casar entre 15 e 20 anos. Antes do casamento o namoro é considerado normal, mas é preciso ser discreto e obedecer alguns princípios de decoro. Os namoros oficiais são públicos, mas os namorados não ficam “agarrados”, nem mesmo ficam de mãos dadas na frente de todos, na pracinha. São realmente discretos. Para ficar sozinho o casal costuma escolher a praia, o poço de água doce ou alguma ruela menos frequentada. Segundo relatos, “antes”, ‘no tempo do pastor Sales’, essas características eram mais acentuadas. Tuca, mulher evangélica de mais ou menos 35 anos, relata como via tal repreensão no tempo da sua juventude:

Poxa antes era mais rígido que agora... Eu achava muito pesado, a gente era moça, a gente não podia fazer nada que o pastor Salles era ali. Agora essas meninas aí ó... A gente não podia nem namorar um rapaz que não era da Igreja. Quando eu namorei ele (seu atual marido) eu fui cortada da Igreja! Eu namorei ele, eu era batizada, era da mocidade, tudo direitinho, aí o pastor Salles veio na casa da minha mãe e disse que eu não ia ficar no conjunto que eu tava namorando um rapaz que não era da Igreja. Aí ele me disciplinou, cortou mesmo. Minha mãe disse ‘ela gosta, fazer o que?’. Eu fiquei fora até eu casar, aí depois que eu casei direitinho, fiquei grávida do meu filho aí eu fui na Igreja, pedi perdão direitinho, e tô lá até hoje.

O depoimento mais do que ilustrar a rigidez e a repressão de um tempo passado, mostra como se deu um caso feminino de afastamento compulsório da Igreja. Mais comum entre os homens, a repreensão pública e o afastamento compulsório são práticas realizadas para a disciplina de um membro que exibir comportamento *desviante* aos preceitos da Igreja. No quadro do pertencimento formal, o cumprimento da doutrina pentecostal é absolutamente essencial. O crente não fuma, não bebe, não joga; não pode ter relações sexuais fora do casamento e deve guardar-se para uma só pessoa após o sagrado matrimônio. O crente não mente, não engana, não dissimula; isso porque, acima de tudo, sabe da onipresença, onisciência e onipotência de Deus (BAKKER, 2008, p.81). Mas a repreensão pública pode ser feita por motivos mais costumeiros, que em Provetá muitas vezes se confundem com os preceitos doutrinários. No caso de Tuca, uma jovem pertencente ao conjunto da mocidade foi duramente repreendida e desvinculada até a data formal do seu casamento por ter desagradado o pastor presidente que não via com bons olhos o namoro de uma moça evangélica com um rapaz que não frequentasse a Igreja. Isso indica que diferente do caso masculino, como veremos adiante, os motivos do *afastamento* e *desvio* feminino se dão por motivos vinculados a sua sexualidade. A repreensão às mulheres se dá pelo fato de não terem preservado a virgindade, de não oficializar (ao menos em cartório) um casamento, a práticas de adultério, etc. Isso indica que a mulher e sua feminilidade são vistas como um elemento desviante em potencial. Segundo Bakker (2008, p.84), em Provetá, “se é absolutamente ‘natural’ que homens vivam intensamente esse *communitas*²⁴ ‘do mundo’ em sua juventude, é relativamente ‘tolerável’ que mulheres apenas esbocem um interesse passageiro e superficial nele”. O casamento é considerado a obtenção do estatuto adulto e de algum poder, investidos na gerência de uma casa, na criação dos filhos. A partir desse momento, a mulher transpõe uma linha divisória: passa de um estado de perigo iminente a de salvaguarda de mais uma família.

24 O conceito de ‘*communitas*’ referido por Bakker é tal como proposto por Victor Turner: uma comunhão de indivíduos situados em posição de ‘liminaridade’ em relação a ‘estrutura’, isto é, à sociedade de indivíduos “como sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de ‘mais’ e ‘menos’” (Turner, 1974b, p. 119). “Nesse sentido sugiro aqui a noção de ‘estrutura’ como a sociedade provetaense estruturada hierarquicamente a partir de seu centro disciplinar, seu núcleo ordenador, a Assembleia de Deus, e a noção de liminaridade sendo referida a esta ordem” (Bakker 2008, p. 84).

Pude comparecer a dois casamentos religiosos (todos realizados fora do espaço físico da Igreja²⁵). A leitura e posterior pregação dos pastores foram fundamentadas no mesmo tema bíblico baseados nos seguintes versículos:

“Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da mulher; e Deus o cabeça de Cristo.” (Coríntios 11:3)

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao senhor porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.” (Efésios 5:22-24)

“Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém ao Senhor.” (Colossenses 3:18)

“Semelhantemente vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos; para que também, se algum deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavra pelo procedimento de suas mulheres.” (I Pedro 3:1)

A concepção local sobre o papel feminino na relação do casal deriva da religião. De acordo com as passagens bíblicas, a posição feminina é claramente um lugar marcado por sua subordinação em relação ao homem. Não fiz perguntas claras sobre esse tema, mas embasada pela observação posso considerar que o lugar ocupado pela mulher nos relacionamentos é ambíguo. Por um lado são elas quem detém o controle da casa, a criação dos filhos e as atividades religiosas. Mas, por uma compreensão baseada pelo conjunto de ideias formuladas pela religião os homens são considerados os elementos mais importantes da família. Este diferencial diz respeito a uma hierarquia relacionada a uma divisão de trabalho relativa aos domínios ocupados por cada gênero: casa/trabalho, esfera doméstica/pública, igreja/espços laicos. No entanto, a doutrina evangélica também pressupõe uma individualidade que acaba por atenuar essa ordem hierárquica.

25 Um casamento aconteceu na quadra da escola local e o outro no Iate Clube da cidade de Angra dos Reis. Para que o casamento seja feito no interior da Igreja é necessário que a noiva tenha preservado sua virgindade.

Com relação ao casamento as mulheres enfatizam a interminável espera do marido, que passa semanas no mar, trabalhando na pesca. Os homens costumam passar em média dois finais de semana por mês em casa. Uma amiga provetaense me disse que o fato do marido passar tanto tempo fora de casa fazia bem para o casamento, pois sempre fica ‘aquela saudade’. Contou-me que certa vez, seu marido passou mais de um mês em casa, não se lembrava se por causa da ‘parada da pesca’²⁶ ou se o motor do barco estava quebrado, mas o fato é que eles começaram a brigar muito. Portanto, ao mesmo tempo em que se queixam, consideram a sistemática distância boa para o relacionamento. Além de suscitar saudades, a ausência do homem lhes dá mais tempo para cuidar da casa, dos filhos e de si mesmas. Essa mesma jovem ao falar de uma mulher que possuía um marido que não trabalhava na pesca disse que não iria gostar que seu marido passasse tanto tempo em casa, pois seria um constante incomodo para a realização dos seus trabalhos domésticos. Isso poderia se tornar um perigo para o sucesso da relação conjugal. Essa constante ausência masculina costuma atrasar as obras da casa, a compra de produtos pesados, como móveis ou quantidade grande de alimentos, pois são os homens que executam esse tipo de trabalho. As mulheres já se acostumaram com a situação e sempre que indagadas reclamam um pouco, mas se dizem satisfeitas.

1.4 Formas de pertencimento

Na minha ultima ida a campo fiquei ao lado de uma *convidada da Igreja*, que ouvia pacientemente as histórias de uma provetaense que falava sobre sua vida permeada de

26 A “parada” da pesca é quando a lua está cheia e também no período de defeso. A pesca é proibida durante o período de defeso de determinadas espécie de peixe, crustáceos ou frutos do mar. A pesca fica proibida para garantir a reprodução da espécie. Durante toda a suspensão técnicos do IBAMA ficam responsáveis por fiscalizar se o defeso está sendo respeitado. Quem descumprir as regras pode responder por crime ambiental e ficar preso por até três anos. O Ministério do Trabalho e Emprego paga aos pescadores artesanais o Seguro Defeso, para que eles não fiquem sem renda. O problema é que a maioria dos pescadores provetaenses não são pescadores artesanais, pois trabalham em empresas grandes de pescadao, que possui grandes barcos e pescam toneladas de sardinhas. Deste modo, eles não recebem o Seguro Defeso e os períodos de parada da sardinha são vividos com grande dificuldade financeira. Ouvi dizer que para amenizar a difícil situação, os patrões demitem os pescadores para que eles possam receber o seguro desemprego nesse período.

verdadeiros milagres. Num determinado momento, a mulher disse estar triste, pois estava ‘afastada’ da Igreja e explicou a causa de sua saída:

Saí da Igreja por conta de um sonho que tive... Nele estava tendo uma grande festa (religiosa) e quando cheguei na Igreja vi que os bancos do conjunto das mulheres estava tomado por teias de aranha. Eu e a irmã Marilene começamos a gritar ‘Acordem irmãs! Vamos lá! Não podemos deixar as coisas assim...’. No dia seguinte comentei o sonho no ensaio do coral. Eu achei que aquilo tinha um significado. Daí falaram que eu tava falando demais, eu me aborreci e saí do conjunto.

“As condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária”, só pode ser possível “a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos, a partir do ‘sentido’”. (WEBER, 1994, p. 279). O fato de pertencer ao grupo social em questão faz com que o indivíduo esteja inserido em redes de sociabilidade vinculadas a religiosidade local, mas existem diferenças entre seu pertencimento considerado e o formalizado. Ao mesmo tempo em que as mulheres são reputadas como as guardiãs do território sagrado, a relação destas com a Igreja local possui enorme variabilidade. No entanto, isso não quer dizer que a força simbólica desse lugar social depositado às mulheres não seja sentida por quase todas. Algumas mulheres exibem uma relação de extrema proximidade com a religiosidade local, mesmo com seu pertencimento se dando de forma pendular, com momentos de dedicação, outros de afastamento²⁷ (decorrentes, sobretudo, de certa subjetividade que em determinados momentos opõe o fiel às prescrições morais e comportamentais de sua confissão religiosa).

Marcela tem 29 anos, apenas quatro a mais que eu, mas a considero uma espécie de mãe quando estou em campo. Depois de dois anos recebendo visitas periódicas, Marcela começou a me hospedar em sua casa simples, mas confortável, mesmo estando constantemente em obra. Sua casa fica em cima da casa do seu pai, assim como a de sua irmã²⁸. Eu e Marcela

27 Caractere semelhante ao caso do afastamento e desvio masculino em Provetá analisado por Bakker (2008). Ver terceiro capítulo da presente dissertação.

28 Marcela e seu marido moram numa casa que fica em cima da laje da casa de Manoelzinho. Em Provetá, o crescimento espacial se dá dessa forma. Quando os filhos se casam estes costumam morar em terrenos próximos, com a construção de uma casa num quintal, por exemplo. Hoje o mais comum é a construção de lajes para que os filhos habitem a parte de cima da casa.

costumamos trocar confidências e às vezes conversamos um pouco sobre minha pesquisa. Filha mais velha de Manoelzinho, importante líder local e sobrinha de Marilene, Marcela pertence uma das famílias mais tradicionais de Provetá, cujo vínculo estreito com a religiosidade local os coloca em posição eminente na vila.

Quando a conheci, Marcela andava pela vila trajando short, exibindo cabelos curtos e tatuagens; frequentava os forrós da Dona Áurea²⁹ e bebia cerveja de vez em quando. Hoje, no entanto, após breve retorno à Igreja, Marcela só tem usado saia e como a maior parte das mulheres da vila, passa o dia fazendo “serviço de casa”, assistindo televisão e cuidando do seu pequeno João, enquanto aguarda o retorno do marido da pescaria. Marcela está em seu segundo casamento. Seu marido Neném é um exímio pescador que trabalha em um grande barco de pesca com seu sogro proeiro.

Os domicílios provetaenses costumam estar sempre limpos e arrumados. Quando consideradas moças, as meninas têm a obrigação de ajudar a mãe em tal tarefa doméstica. Se as casas aparentam estar sujas ou bagunçadas, por conta das fachadas com tijolos e cimento à mostra³⁰, basta entrar nas residências para perceber o cuidado que as mulheres destinam a organização, decoração e limpeza. Como as ruelas são compostas de pedras e areia, os moradores costumam entrar em casa descalços para preservar a limpeza. Essa característica é muitas vezes mencionada pelas próprias mulheres; a limpeza da casa era sempre narrada com proeminência por Marcela. É no espaço doméstico que Marcela e a maior parte das mulheres da

Por exemplo, na casa de Manoelzinho, sua laje foi dividida em três partes, onde três de seus filhos construíram suas casas. Também é comum o homem ir morar junto da família da esposa.

29 “Quando há mulheres “de fora” da vila, como nós quando chegávamos para realizar o trabalho de campo, os rapazes da vila logo pediam para Dona Áurea abrir o bar de sua pousada para fazer um forró, já que as mulheres provetaenses não frequentam o local. Muitas vezes vi os rapazes dançando forró entre si por não conseguirem parceiras de dança do sexo oposto. Mesmo com poucas mulheres e por isso, pouca dança, os forrós são animados. Muitos meninos e homens ficam do lado de fora do bar, sentados, somente olhando o que está acontecendo lá dentro. O bar é frequentado pelos rapazes desviados, comumente pescadores quando estão “*em terra*”. Ali se vende cerveja em lata, vinho barato e algumas porções para beliscar. O forró começa tarde e geralmente as pessoas bebem antes em outros bares, pois a cerveja no forró é mais cara” (Mendonça 2009, p. 39).

30 A maior parte das residências em Provetá está em constante obra para melhoria ou ampliação do espaço.

vila passam a maior parte do tempo, fazendo suas ‘obrigações’ e estabelecendo visitas mútuas entre irmãs, primas, vizinhas e amigas. Ali cuidam dos filhos, preparam as refeições e fazem a limpeza.

No dia 02 de Fevereiro de 2010, enquanto lavávamos roupa na casa de sua vizinha, insisti para que Marcela consentisse que eu ligasse o gravador e fizesse algumas perguntas. Depois de protestar, Marcela começou a narrar a sua experiência pessoal enquanto membro dos conjuntos da Igreja no decorrer de sua história de vida.

Eu: Quando você era criança, você era do conjunto da Igreja... Como era? O João (seu filho) não é, né?

Marcela: O João é. Mas é igual adulto assim, a gente tem os dias dos ensaios, tem o dia da oração que é no sábado de manhã, até hoje, desde quando eu era criança, era igualzinho. Não mudou nada, a única coisa que mudou foi os regentes né? Que antes era muito melhor, porque a pessoa que trabalhava com a gente tinha todo aquele dom, era conhecida como Tida... Tinha ensaio de coral, tinha a equipe que fazia as coreografias, era gesto, música, hino. Gesto é tipo uma dança, você faz vários gestos, o que o hino pede você faz, fica lindo. Hoje ainda tem. Ah é tudo tão parecido com hoje... O que mudou do passado pra agora são as roupas (risos)! Antes era bem mais simples, agora é tudo muito, muito chique. Ah e também as crianças, as mães, era mais ali, levava mesmo tipo o horário certinho, as mães dava banho nas crianças arrumava tudo e mandava pra Igreja mesmo, hoje eu não tenho essa preocupação que minha mãe tem. Minha mãe era assim, minha mãe arrumava cinco filhos no horário certinho, no caso era duas horas o ensaio, meio dia minha mãe já tava cuidando de todo mundo, fazendo trancinha, arrumando, botando sandália, a gente não podia ir de chinelo pra Igreja. Hoje eu não... Dá o alô assim da Igreja³¹: “- Ensaio das crianças!”. Se eu tiver a fim de arrumar eu arrumo se eu não tiver, ele vai assim mesmo, eu não tenho essa responsabilidade que minha mãe tinha, entendeu? Hoje em dia é mais ‘light’ assim, minha mãe levava mesmo.

Eu: Vocês não deviam faltar ensaio...

Marcela: Não. Oração de sábado que era assim “poxa hoje vou dormir até tarde...”, impossível, né? Minha mãe não deixava: “Hoje você tem compromisso com a Igreja!”. Então acordava mesmo, meu pai então... Enquanto eles puderam levar a gente enquanto criança, eles levaram, depois que não.

Eu: E agora você está no conjunto das mulheres?

31 A expressão local “Dá um alô”, se refere ao chamado feito pelo alto falante da Igreja.

Marcela: Não. Eu fiquei um tempinho, eu entrei agora (pra Igreja), mas não participei de nenhum coral. No caso, como eu entrei agora a pouco tempo, antes de sair (da Igreja), eu sentava lá atrás. Eu canto, eu participo, mas não do coral. Participar do coral já é uma responsabilidade mais séria, entendeu? Coisa que no momento... Pra mim não rolava por causa das minhas opiniões diferentes, eu tenho que largar muita coisa pra mim participar do coral. Mas a maioria das mulheres casadas participa do coral. É um jeito mais forte de segurar eles na Igreja, porque é uma responsabilidade. Ali onde eu ficava, (também) é uma responsabilidade, mas é diferente, dali um passo pra trás é... Não tem aquela coisa, po tem que pensar mil vezes antes de fazer. No coral não, você tem que dar satisfação pra tua regente, pro pastor, você tem horário certo, tem reuniões, tem lugares que você tem que viajar com o coral, tem tudo isso, então, por enquanto... E outra você não chega e entra, você é convidada, alguém te convida. Me convidaram muitas vezes mas não foi minha hora. A Kilsa é, ela foi convidada pelas regentes, aí ela aceitou. Nada que ninguém chegou e “Você vai pro coral e tal”, não... É um convite, deixaram ela pensar e ela aceitou.

Ao construir as memórias afetivas da sua formação religiosa e do cotidiano religioso de um tempo passado, Marcela indica o quanto sua infância foi permeada por essas atividades e contrasta a dedicação de sua mãe com a educação religiosa que dá a seu filho. No entanto, Marcela exclama que em relação às atividades da Igreja, o passado era semelhante ao presente. Isso mostra que a seleção do que está sendo lembrado possui um vínculo com as características contemporâneas da religiosidade local. A memória acaba por atualizar e *ressignificar* aquilo que o ator social considera importante ressaltar, no caso, as características da Igreja.

O cuidado com relação à aparência ao frequentar a Igreja é sempre mencionado, principalmente pelas moças mais jovens. A feminilidade marcada pelo recato pentecostal está em constante transformação. A moda e o que é considerado bonito pelas mulheres se modificam continuamente. Segundo o costume/doutrina local, as mulheres não devem cultivar a vaidade, algo nocivo por induzir a cobiça dos homens e a inveja das outras mulheres. O que predomina, nesse sentido, é um modelo teológico no qual a mulher é associada do ponto de vista da hierarquia do Bem como mais fraca e sujeita ao pecado. Assim, as mulheres tentam adequar seus cuidados com a aparência com as exigências de decoro e decência da doutrina assembleiana mais tradicional³². Se no decorrer do século passado a saia comprida e camisa de tecido até o punho compunham o vestuário feminino, hoje a saia jeans e a camiseta de algodão (muitas vezes

32 Já existem Assembleias de Deus, até mesmo em Angra dos Reis, que tolera o uso de calça e blusas mais decotadas por parte das mulheres.

as camisetas comemorativas das festas religiosas passadas) é a roupa mais usada no dia-a-dia pelas mulheres. Disseram-me que a saia jeans quando surgiu fez eclodir uma controvérsia por conta do rasgo na parte de trás, necessário para a agilidade das pernas. Pastor Sales, o falecido ex-pastor presidente, durante um tempo se queixou continuamente do modelo desse tipo de vestuário. Mas em uma praia, em que não havia cais e as mulheres precisavam pular de uma pedra para subir e descer dos barcos o rasgo na parte de trás era imprescindível. O tempo passou, a saia jeans ficou e o apreço das mulheres para com os cuidados relativos à beleza vem aumentando. O furo na orelha continua proibido e bastante respeitado, a maior parte das mulheres não usa brincos, nem mesmo pequenos. Mas, principalmente, as moças mais jovens desenham as sobrancelhas, cortam, pintam e escovam os cabelos e em dias de culto passam uma maquiagem leve, capricham na roupa e usam salto alto. Ao citar a mudança das roupas, Marcela também indica o aumento de renda da população e enfatiza o que os provetaenses entendem como “evolução”, principalmente a chegada da luz elétrica e da televisão, como fatores que vem modificando a vila, no decorrer da sua história recente. Também sugere a relação do lugar como anteriormente “pacato” e “humilde” e por isso as crianças eram mais disciplinadas e concediam mais atenção ao cumprimento das obrigações religiosas que delas eram exigidas.

Marcela considera a principal atividade religiosa a participação no coral, que pressupõe maior vínculo com o conjunto e a Igreja, que faz a responsabilidade enquanto membro ativo aumentar. É preciso ir aos ensaios, frequentar os cultos específicos do conjunto, além dos cultos oficiais da quinta e sábado à noite. O papel da regente é destacado como liderança importante, para quem o membro deve satisfação.

Alba Bensa (1998) explicita que as relações entre os fatos observados e os diferentes contextos dos quais eles dependem devem ser antes entendidas como processos. O contexto é imanente às práticas, faz parte delas. É, portanto, impossível pensá-lo em termos de estrutura estática. Como a troca de informação, a aprendizagem ou a mobilização da memória, ele não é contínuo nem coerente na duração, mas habitado por múltiplas contradições e fraturas internas. Marcela fez um breve retorno a Igreja. Diz não ter entrado no coral por preferir se posicionar nos fundos do templo, perto da porta. Logo saiu por não conseguir se adequar as exigências

necessárias ao pertencimento formal. Isso indica que o *estar* e *pertencer* à Igreja possui significados múltiplos. Mesmo pertencendo a uma família tradicional e a membra da Igreja, participando do culto e cantando os hinos, as opiniões e comportamento que muitas vezes contradizem a doutrina fazem com que Marcela não queira e nem possa participar ativamente do conjunto feminino. Para se integrar plenamente ao conjunto das mulheres casadas, é preciso que Marcela largue o que ela considera “muita coisa...”, como algumas práticas *desviantes* e opiniões contrárias não só a doutrina, mas principalmente aos costumes locais³³. No entanto, sei que Marcela respeita e crê nos preceitos doutrinários pertencentes a *sua* Igreja. Aqui, vários contextos, no sentido de Bensa, se encontram cristalizados no comportamento e narrativa desse ator social.

33 Marcela costumava dizer que não concordava principalmente com as diferenças das considerações a respeito dos direitos e deveres das mulheres e homens. O fato das mulheres terem sua sexualidade reprimida com mais rigor, por exemplo, é considerado injusto por ela.

2 TRAJETÓRIAS PESSOAIS E O ESTABELECIMENTO DO CONJUNTO “JOIAS DE CRISTO”

2.1 Introdução

Ao construir um mapa geral das incidências do conceito de sociedade na disciplina antropológica, Viveiro de Castro assinala que a antropologia contemporânea tende a recusar concepções essencialistas e teleológicas da sociedade como agência transcendente aos indivíduos. A intencionalidade e a consciência “antes descartadas como mero epifenômeno de estruturas que encerravam em si a inteligibilidade e a eficácia da sociedade”, tornam-se agora aquilo que deve ser urgentemente explicado por nossa ciência. Assim, ao definir uma orientação predominante na antropologia contemporânea o autor sugere a existência de uma ‘crise’ na ‘estrutura’ cujo resultado seria o retorno ao ‘sujeito’ (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Como indicado no capítulo anterior, o trabalho das mulheres se configura como alicerce fundamental à sustentação da religiosidade local. Se conseguirmos delinear a forma com que a Igreja se inscreve na vida das fiéis, podemos entender de forma mais clara a interface entre religião e comunidade presente na vila Provetá. Neste capítulo apresento o discurso e práticas de duas líderes religiosas do *departamento* infantil pertencentes a duas gerações: Marilda e Ninica. As combinações (concomitantes ou alternativas) que as narrativas fazem entre a ênfase na autonomia individual e um englobamento pela ‘família’ e na ‘congregação’ (DIAS DUARTE, 2006), indicam como as entrevistadas entendem e discursam sobre o papel desempenhado por cada uma no desdobramento do grupo que estão inseridas. Através de suas memórias também é

possível especificar algumas características históricas e sociológicas da vila relacionadas ao conjunto infantil da Assembleia de Deus local.

Desde o início do meu trabalho de campo me interessei por como se dava o início da vida envolta pela religiosidade pentecostal. Neste capítulo discorro sobre as operações da Igreja que produzem certos modos de presença na vida cotidiana das crianças. No decorrer do desenvolvimento do evangelismo local o fato da Igreja proporcionar atividades infantis cotidianas constitui um fator importante para a formação espiritual e intelectual daqueles *nascidos e criados* no evangelho. Essa característica pode ter sido (e continuar sendo) um fator chave para o estabelecimento da Igreja como principal referencial institucional da vila.

A etnografia de uma festividade religiosa infantil visa mostrar como acontece atualmente o estímulo à participação das crianças nas atividades religiosas, sobretudo em uma data festiva. Segundo Renata Menezes (2009, p. 194):

(...) a observação participante em festas (e talvez não apenas nelas) possa nos ajudar a produzir uma “etnografia do não dito”, ou seja, daquilo que não é expresso através de formas verbais – seja porque não deve ser enunciado, seja porque se encontra incorporado, naturalizado – mas que mesmo assim é realizado, e que só se torna passível de explicitação a partir de um confronto, ou uma interação, entre um observador externo ao grupo e o próprio grupo.

A etnografia conta com as minhas impressões ao acompanhar a preparação e realização da festividade de um aniversário do conjunto Joias de Cristo. Em meu relato, dou ênfase ao desempenho da líder Ninica na composição e organização da festa. Com a descrição dos cultos, busco explicitar os procedimentos da celebração e como as crianças são orientadas e motivadas a participar do período festivo. O intuito é mostrar a construção de um momento especial (MENEZES, 2009) marcada pela ludicidade religiosa entre pentecostais. No desempenho ritual vê-se que a comunidade se reconhece unida através da presença do *Espírito Santo*.

O tema desenvolvido na parte final do capítulo é a prosperidade alcançada pelas líderes mencionadas, devido não só à benção divina da vila a qual pertencem (BIRMAN, 2008), mas também à sua dedicação para o desenvolvimento da espiritualidade local. O objetivo, portanto, é

entender o sentido atribuído às experiências de uma vida pessoal dedicada a conservação da religiosidade local. Portanto, as análises partem das descrições das transformações na trajetória institucional da Assembleia local associando-as a história pessoal de Marilda e Ninica. É importante salientar que as entrevistadas concebem Provetá, como um lugar eminentemente religioso, que se constitui uma *comunidade evangélica* na qual pertencem. É através dessas *ordens de significado* (SAHLINS, 1976) que as entrevistadas apresentam a história da sua vida e da comunidade onde vivem.

2.2 Marilda e a educação pela fé

Quando eu era pequena eu era muito curiosa. Eu gostava de aprender tudo, eu gostava de, aonde tinha uma pessoa fazendo alguma coisa eu gostava de ficar ali, entendeu? Eu gostava de brincar, sempre gostava de liderar, eu gostava assim ‘ah vamo brincar de fazer um culto’. Aí arrumava tudo, uma igrejinha, gostava de assumir conjunto, assumir trabalho. A gente arrumava as amiguinhas, as meninas, aí a gente fazia ‘ah você é pastor, você é fulano’, dividia, ‘você é de tal conjunto’, fazia igual na igreja, de brincadeira. Aí fazia aquele culto, batendo lata, batendo panela, e assim a gente ia brincando.

Foi falando sobre suas brincadeiras de criança, que Marilda, conhecida como Tida, começou a destacar a intensa presença da religiosidade em sua vida. Em meados da década de 50, quando Tida ainda brincava de *fazer culto*, Provetá era uma vila simples, humilde, segundo ela mesma. A pesca ainda não era de grande porte e a maior parte das famílias vivia do trabalho familiar na roça e da pescaria em canoas.

Tida conta que seus pais eram separados, mas viviam em lotes vizinhos e trabalhavam juntos na criação de seus treze filhos. Ela identifica sua situação social na época como muitíssimo pobre, sua casa como muito simples, “com piso de terra batida” onde todos (inclusive crianças, cuja função dependia de suas capacidades físicas) trabalhavam nos roçados da família. Seu pai também era excelente caçador. Seu Leandro ao invés da pescaria optava por passar o dia na mata, caçando. Tida disse ter passado a infância se alimentando principalmente

da carne de caça. Leandro também dava carne para os vizinhos ou trocava por outro produto que estivesse precisando. Segundo Tida, o trabalho da família era majoritariamente voltado para o próprio sustento, dinheiro mesmo quase não era visto.

É difícil especificar as atividades de tempo livre das famílias dos ilhéus da época de suas infâncias. Sempre que perguntados sobre tempos precedentes, meus interlocutores se referem a um tempo passado no qual o cotidiano aparece imerso no trabalho. Parece que no trabalho rural há sempre o que fazer, ou não há uma separação nítida entre trabalho e tempo livre. Conversas à porta com vizinhos e visitas aos parentes se configuram como os principais momentos de lazer. Suponho que o principal e recorrente acontecimento para o lazer da vila eram as reuniões semanais na Assembleia de Deus local, cuja participação nos cânticos, o prazer ao ouvir a pregação de um pastor e o encontro social é característica relevante da consagração entre fiéis (CORBIN, 2001).

Neste tempo, havia uma escola pública cujo ensino ia até a quarta série. Tida entrou para a escola e ficou fascinada com o aprendizado e com o trabalho das professoras. Desde aquela época já havia decidido o que queria ser futuramente. Tida não só frequentava a escola secular, mas também a escola dominical, aos domingos. Na época o conjunto da Igreja que Tida pertencia abarcava crianças e jovens solteiros. Havia um culto por mês dedicado a tal conjunto, no qual as crianças eram incentivadas a subir ao púlpito para ler algum versículo da Bíblia ou cantar um hino religioso.

Daí eu fui tomando aquele gostinho, eu sempre gostava de ir pros cultos, gostava muito. Aí quando eu já tava menininha, mocinha, eu olhava e via a irmã que trabalhava na tesouraria da Igreja, quando eu via ela com um monte de livro assim entrando, aí aquilo pra mim parecia um sonho, aí que coisa linda, sabe? Eu gostava de trabalhar, aí eu ficava assim. Até que eu fui crescendo e essa chama, esse desejo não apagava.

As normas da sociedade rural, segundo Corbin (2001), opõem-se ao tempo livre das mulheres, sinônimo de sedução (assimilada à ruína do lar) e negligências das tarefas domésticas. Em Provetá, tal norma moral também era prescrita às mulheres da comunidade. As atividades religiosas podem ser consideradas um dos momentos essenciais da sociabilidade feminina. Com

relação ao trabalho, este só poderia ser realizado fora do âmbito familiar se estivesse relacionado com as atividades de auxílio nas tarefas da Igreja.

Até hoje pouquíssimas mulheres possuem emprego formal. Somente as auxiliares da escola (cozinheiras e faxineiras) e as que trabalham em alguma função do governo, como a agente sanitária ou as secretárias do posto médico. As professoras e médicas são profissionais que vem “de fora” e passam de dois a três dias na vila. Com o estabelecimento do Ensino Médio, muitas moças (assim como os rapazes) tem procurado continuar os estudos em Angra dos Reis e o perfil das mulheres está mudando. Estão fazendo o magistério, uma escola técnica ou até mesmo uma faculdade particular. No entanto, isso é um dado novo, que ainda não provocou mudanças estruturais na vila.-

Ao ver esse movimento de valorização da educação formal, percebo que isso contradiz a célebre afirmação da literatura sociológica/antropológica que colocam os pentecostais numa posição de distanciamento e pouca valorização à formação educacional laica, principalmente por parte das denominações mais tradicionais. Isso seria mais um elemento do que compreendem como o “afastamento do mundo”³⁴, necessário a santificação. Conforme essa mesma literatura, os membros dessas igrejas pertencem, sobretudo, às camadas mais baixas da sociedade brasileira³⁵. Portanto, a atual inclusão desses jovens à educação formal mostra que esse afastamento possui outro sentido, que não exclui a educação e a valorização de outras oportunidades.

34 “Reforça-se, por meio de ênfases doutrinárias, a tendência típica dos grupos religiosos sectários: manter um estilo de religiosidade e de comportamento ético “separados do mundo”. Procura-se, por esse caminho, renovar constantemente, para os adeptos, o sentimento de ter superado sua anterior posição socialmente desprivilegiada” (B.M. DE SOUZA & C. P. F. CAMARGO, 1973, p. 790).

35 Ver André Corten (1996): Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil.

Para Tida, quando os estudos na escola secular terminaram, o sonho de ser professora foi abandonado³⁶. O que restava era participar das atividades infantis proporcionadas somente pela Igreja. Deste modo, a sua principal referência de um trabalho praticado por uma mulher, fora de casa, era o auxílio na obra da Igreja. E assim que teve oportunidade começou a trabalhar no chamado *departamento infantil*. Aos 15 anos, já era responsável por tal departamento.

O trabalho na Escola Dominical era o mais importante para ela. Nesta escola religiosa, aos domingos, transmitia-se ensino bíblico a crianças e adultos, reunidos. O modo como era instruído a participação das crianças no culto e a forma com que as passagens bíblicas eram ensinadas, promoviam uma postura de seriedade; as crianças deveriam se portar como os adultos. As revistas provenientes da Casa Publicadora da Assembleia de Deus para a Escola Dominical em Provetá chegavam como importante assistência aos evangélicos que se propunham a lecionar. Também foi a porta de entrada das novas metodologias de ensino bíblico para crianças. Por serem produzidas e fundamentadas pela própria instituição matriz, garantia a aceitação de quem estivesse no comando da Igreja local, na época o pastor Sales³⁷.

De acordo com informações da própria Casa Publicadora da Assembleia de Deus, em 1930, na primeira convenção geral das Assembleias de Deus realizada em Natal, Rio Grande do Norte, foi decidido que iria ser lançada no Rio de Janeiro a revista Lições Bíblicas para as Escolas Dominicais. Primeiro a revista era semestral e depois passou a ser trimestral. A escassez de transporte de cargas, que naquele tempo era majoritariamente marítimo ao longo do litoral dificultava a chega da revista no interior do país, mas não na comunidade ilhéu fluminense. A

36 Tida conta que em seu ultimo dia de aula na escola secular ela chorou muito e que por isso a professora foi pedir a sua mãe que deixasse levar a menina para morar com ela em Niterói, para continuar os estudos. Sua mãe, porém não deixou que ela fosse.

37 Este pastor é comumente lembrado como um homem severo em suas exigências aos cumprimentos da doutrina da Igreja e principalmente aos costumes locais vinculados a tal doutrina Para análise sobre a memória referente a figura do pastor Sales ver Bakker (2006 e 2008).

publicação “era o primeiro esforço da instituição para melhor alcançar a população infantil das igrejas”³⁸.

Tida narra que as revistas vinham com manual do professor, ilustrações e de acordo com esse conteúdo a equipe da escola dominical ia criando atividades, “tudo que a revista vinha ensinando a gente ia desenvolvendo, aí eu fui melhorando”. Assim, foram formadas as primeiras turmas infantis na década de 70.

O subsídio da denominação Assembleia de Deus é um dado importante para a análise do desenvolvimento da religiosidade local. Ao enviar obreiros e designar formas institucionais específicas (contabilidade da Igreja, formas de expansão do ministério, doutrina e evangelização derivada das revistas bíblicas, etc.), a sede nacional fez com que houvesse um fluxo de informação e saberes à vila. Os crentes acolheram e trabalharam avidamente para que se estabelecessem tais recomendações, culminando no bom andamento e crescimento da instituição no lugar.

As atividades na Igreja já estavam presentes na infância de Tida, com a escola dominical mista (turmas compostas por crianças e adultos juntos) e o culto mensal específico para participação infantil, o que após o término dos estudos primários se configuravam como as únicas atividades relacionadas à instrução para as crianças e jovens³⁹. Após 10, 15 anos, já com Tida no comando, as atividades foram sendo intensificadas, sobretudo pela ajuda externa derivada da revista da Casa Publicadora da Assembleia de Deus. Nesse tempo o auto de Natal já era encenado na Igreja. Mas ainda não havia uma festividade específica dedicada às crianças. Segundo Tida, aos poucos foi formada uma equipe de mulheres que a auxiliava nas atividades

38 Fonte: <http://www.cpad.com.br/escoladominical/historia.php> em 10/08/2011.

39 Sem contar o estímulo ao aprendizado nas atividades desenvolvidas no trabalho doméstico, nos roçados, pesca e na convivência familiar.

da escola dominical. O trabalho foi sendo aprimorado e as primeiras festas infantis foram realizadas.

(...) Mas aí parece que Deus fez isso pra mim... Já que eu queria tanto ser uma professora secular que você vai ser das crianças daqui, espiritual! Daí a gente começou a trabalhar, na praça eu comecei a trabalhar na festa das crianças, arrumava brinquedo, dava doce, dava bolo, sempre teve essas coisas. Aí reunia a equipe, vamo fazer uma festa, qual vai ser o tema, eu não sei desenhar nada, mas eu tinha a ideia e ia mandando fazer era painel, cada equipe tinha uma pessoa que fazia isso ou aquilo. E dava tudo certinho, graças a Deus. Eu trabalhei com umas quatro equipes e nunca tivemos assim um problema de uma sair triste, nunca tivemos mesmo.

Cada conjunto da Igreja possui em média cinco componentes que lideram as atividades. No entanto, uma mesma pessoa pode ter mais de uma função ou mais de uma pessoa exercer uma mesma função. Existem os regentes, que são aqueles que escolhem e ensaiam os hinos que serão apresentados nos cultos e os coordenadores que são uma espécie de produtores executivos, ou seja, trabalham na realização dos eventos e atividades, podendo também ser uma espécie de conselheiro, emitindo opiniões quando julga necessária alguma mudança nas atividades do conjunto ou quando precisa chamar atenção especial de algum membro. Quando o pastor presidente quer dizer algo sobre o conjunto ou algum membro do conjunto, ele não costuma falar diretamente, mas passa a informação para o coordenador tomar as atitudes que forem necessárias. Este seria, portanto, um líder intermediário. Tida está inserida nessa categoria. Este tipo de organização amplia o domínio que os líderes da Igreja têm sobre seus fiéis, pois os líderes intermediários auxiliam na vigilância das condutas morais da membrasia e ao mesmo tempo são importantes assistentes no amparo espiritual e material aos fiéis.

Foi no começo da década de 70 que Tida e sua equipe começaram a se empenhar na elaboração de festas infantis religiosas. A preparação das festividades dos conjuntos da Assembleia local possui mais ou menos as mesmas estratégias de produção. Eu não pude participar da preparação de uma festa específica (pois essa preparação pode durar meses), mas partindo de todas as festas que frequentei e de entrevistas com os fiéis e não fiéis pude fazer um registro daquilo que é necessário à realização do empreendimento festivo.

A festa costuma ser da responsabilidade do conjunto que está sendo celebrado. É realizada uma reunião para decidir a programação: quem serão os pastores e cantores convidados, qual igreja será convidada para participar da festa, qual será a peça encenada (baseadas em um texto da bíblia que tenha referência ao segmento social celebrado), qual a cor e desenho do uniforme que será confeccionado, quem serão os responsáveis pelos ensaios das apresentações, pela filmagem do evento, etc.

A tesouraria da Igreja não costuma liberar verba para as celebrações dos conjuntos. A verba destinada à festa é usada para comprar a comida a ser oferecida aos visitantes (normalmente arroz, feijão, uma carne, salada e refresco) e para convidar pregadores e cantores que são devidamente contratados para participar da festividade. No caso das crianças também é necessário verba para a compra de doces, bolos que são distribuídos ao final de cada culto festivo. Para tanto, os membros dos conjuntos precisam auxiliar na obtenção de doações para esse fim.

Existem diversas estratégias para levantar fundos, como a doação em dinheiro (cada membro do conjunto paga uma taxa por mês para a realização da sua festa anual), doações de ingredientes para fazer o que eles chamam de “Festival de churrasco” ou “Festival do cachorro-quente”⁴⁰ e também para tortas doces e salgadas que são vendidas na cantina da Igreja nas noites de culto. Para recolher os ingredientes, as crianças e adolescente são incentivadas a ir de casa em casa com um carrinho de mão, solicitar as doações. Outra estratégia usada é o pedido de doações aos barcos de pesca. Como me explicou o pescador Abraão:

Época de festa, se os barcos estão trabalhando, eles pedem doação, é cinco quilo de arroz de um, é açúcar de outro, peito de frango... Os donos dos barcos a maioria é da Igreja. A gente trabalha num barco, a gente trabalha com onze pessoas. A gente doa essa parada pra Igreja e chega no dia de anunciar lá fala que foi o dono do barco que deu. Sendo que foi a gente que paga. Eles botam o nome de quem ta na frente que é o proeiro né? Mas quem doou foi todo mundo. Mas isso não vai deixar a gente mais pobre. A maioria das pessoas ajuda.

40 Os chamados “festivais” são barracas que alguns fiéis montam em frente à Igreja para depois do culto vender o churrasco ou cachorro-quente. São os próprios fiéis que doam os ingredientes e que compram o produto oferecido.

Esse depoimento evidencia não apenas a atividade desenvolvida pelas pessoas que se empenham em recolher doações pela vila, mas também o alcance das festas no cotidiano dos não membros da Igreja. Mesmo não pertencendo à Igreja, o pescador participa da realização das festas, fazendo doações, e ainda critica a falta de crédito dada a sua participação.

As mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho nas festividades, pois permanecem na vila cuidando do trabalho doméstico, das crianças e o andamento das atividades religiosas da Igreja. A maior parte dos homens passa semanas entre o mar e diversos cais de pesca, e apenas os pastores do “primeiro escalão”, que vivem dedicados inteiramente às atividades religiosas ficam na vila em tempo integral. Esses poucos homens supervisionam o bom andamento do trabalho das mulheres, pois estão no cume da hierarquia da congregação.

Após a reunião, os membros do conjunto⁴¹ se dividem em grupos e começam a executar as tarefas encarregadas. Cada membro paga por sua camiseta que será confeccionada em Angra dos Reis especialmente para os dias de festa. Nas festas das mulheres e crianças é confeccionada uma roupa especial para a ocasião, denominada uniforme. Nessas épocas as costureiras da vila ficam bastante atarefadas, e é difícil dar conta da demanda, pois são muitas pessoas querendo que o produto seja entregue na mesma data.

Aqueles que ficaram responsáveis pela arrecadação de verba, contam com o apoio de algumas mulheres que além de doar ingredientes, se dispõem a preparar tortas salgadas e doces que são vendidos na cantina da Igreja, em dias de culto. Também é necessária a arrecadação de um estoque grande de ingredientes para as refeições destinadas aos visitantes, que são preparadas por outras mulheres nos dias de festa. Na Pousada da Igreja⁴² há uma cozinha que conta com fogão industrial destinado a esta finalidade.

41 Para festa do conjunto feminino, são as próprias mulheres que realizam o trabalho, mas elas também o fazem para a festividade dos homens (que não podem se dedicar a tal empreendimento por trabalhar fora da vila) e das crianças. As festas dos jovens e adolescentes costumam ser produzidas pelos próprios membros de tais conjuntos.

42 Para descrição da Pousada e análise da visitação religiosa ver o quarto capítulo deste trabalho.

Com o dinheiro arrecadado na cantina e doações dos próprios integrantes do conjunto, os líderes do conjunto entram em contato com pregadores e cantores⁴³ pertencentes à doutrina, exclusivamente membros da Assembleia de Deus. Isso se dá meses antes da festividade, para que esses convidados possam confirmar com antecedência sua participação na festa e também para combinar um *ordenado* compatível ao que o empreendimento local pode pagar.

Como já dito, apesar de priorizar a leitura da Bíblia na liturgia dos cultos, a Igreja Assembleia de Deus valoriza a música. Os membros dos conjuntos, também formam corais musicais, e estes começam a ensaiar os hinos especiais a serem entoados meses antes dos dias de festa. Nos cultos semanais, os corais se dividem nas apresentações musicais, mas em dia de festa o coral do conjunto celebrado irá cantar a maior parte dos hinos. Há, portanto, um aumento no trabalho dos regentes, àqueles responsáveis pela parte musical dos conjuntos, que escolhem os hinos, ensaiam e os *regem* no momento da apresentação.

São pintadas faixas e grandes painéis com o nome do conjunto e o tema da festividade. Dependendo da verba disponível há a confecção de um panfleto com a programação da festividade, mas a forma de divulgação do evento varia de acordo com o ano, o empenho dos líderes, etc. Dias antes da festa, alguns membros trabalham nos últimos detalhes na arrumação da Igreja e seu púlpito. Os painéis e as faixas são colocados nas paredes, as grandes cortinas que envolvem o púlpito são trocadas por outras com cores e tecidos diversos, além das flores de plástico dispostas sobre os grandes vasos.

Os líderes dos conjuntos são os responsáveis pela logística da produção da festa e os membros que os auxiliam são voluntários pertencentes ao próprio conjunto. O cargo dos pastores é vitalício, mas o cargo dos líderes intermediários possui um tempo incerto. Apesar de dedicarem boa parte de seu tempo cotidiano à Igreja, os cargos podem ser modificados (um líder

43 Os cantores da Assembleia de Deus cantam “hinos pentecostais” ou “hinos de fogos”. “Trata-se de músicas inspiradas, na maior parte das vezes, no ritmo do forró, com letras que explicitam especialmente o poder da divindade contra as investidas do demônio, ou descrevem passagens da bíblia em que Deus exorta os fiéis. Esses hinos são entoados com voz estridente e com muita personalidade. Quando essas músicas são cantadas pela cantora nas igrejas pentecostais, geralmente provocam choro ou expressões como “Aleluia, glória a Deus”, o que indica uma sintonia entre esse tipo de música evangélica e uma certa performance corporal” (PAULA, 2007, p. 63).

virar regente, ou conselheiro e vice-versa), ou até mesmo haver uma pausa para a pessoa se dedicar a um trabalho laico, ou à sua família.

Após 33 anos de trabalho ininterrupto no departamento infantil, além de alguns anos na tesouraria da Igreja, Tida chegou à conclusão que seu tempo de dedicação àquelas atividades tinha chegado ao fim:

Aí um dia eu senti que tinha terminado o meu tempo. Foi uma coisa assim tão perfeita, eu senti e falei pras meninas, ‘meu ultimo dia é hoje’, eu senti de Deus, parece que tava contado. Eu entreguei pra Deus, ‘Deus eu trabalhei até aqui e eu to sentindo que daqui eu não posso ir mais e agora eu to entregando nas Tuas mãos’, aí no outro dia eu fui na casa do pastor ‘Olha pastor não dá mais porque eu to sentindo que não é mais meu tempo de trabalhar’. Ainda falei que meu joelhinho tava ficando pesado, não dava mais pra pular coelhinho com as crianças...

O trabalho dedicado à Igreja é concebido como auxílio à *Obra* de Deus. É Ele quem escolhe aqueles que irão desempenhar as principais funções para o desenvolvimento das atividades. Quando o *crente* compreende e responde ao chamado, prestando tempo e trabalho a tal empreendimento, a experiência *edifica-o espiritualmente* e com o passar do tempo, esse passa a desenvolver certos dons, como o da sabedoria. Para Tida, a sua formação espiritual foi fundamental ao seu desenvolvimento intelectual. Ao mesmo tempo em que ensinava as crianças, desenvolvendo atividades e métodos de ensino bíblico, ela foi trabalhando a sua *edificação espiritual* em um movimento interdependente.

Foi importante porque eu ajudei. A gente vê o fruto do trabalho que a gente fez lá atrás, sabe? Então a gente se sente recompensada. A gente ensina a Bíblia, A Palavra de Deus, então as crianças iam pra ouvir, aí aquilo ali, trás uma edificação espiritual, e vai surgindo neles, como eu tinha o desejo. Às vezes eu falava ‘o que você quer ser quando crescer’, aí falavam ‘ah eu quero ser igual ao pastor Salles’, aí a menina ‘ah eu quero ser igual a Irmã Marilene’, aí a outra ‘ah eu quero ser igual a senhora’. Aí eu orava por eles, entregava na mão de Deus e hoje eu vejo muito resultado. A gente olha e vê lá atrás, onde nasceu aquilo.

A narrativa de Tida sobrepõe a história de sua vida ao desenvolvimento da religiosidade local. Seu relato faz correlações insistentes entre o que ela entende sobre eventos e

características do passado, fazendo dele a melhor garantia do presente. A memória, o esquecimento, o prognóstico selecionam os fatos sociais, e nesse caso, os elementos mais significantes são os aspectos religiosos que revela. De modo geral, os evangélicos, principalmente os da Assembleia da Deus, procuram desenvolver uma vida eclesial intensa (MAFRA, 2001). Mas nesse caso, a Igreja incitou um forte desejo de dedicar o trabalho de uma vida inteira à evangelização infantil, à educação religiosa local. Ao trabalhar com persistência Tida conseguiu alcançar um posto de liderança na principal instituição local. Para ela, o seu trabalho foi importante para a constituição presente da *comunidade religiosa*. Seus alunos, hoje são os adultos que formam boa parte da membrasia da Igreja. Mesmo com relação aos *desviados*, Tida sabe que estes têm ciência do que fazem, pois realizaram as atividades religiosas infantis empreendidas pessoalmente por ela. Assim os enunciados revelam as impressões, expectativas e significados por meio do qual o ator social se encontra inscrito numa história sempre em marcha (BENSA, 1998).

2.3 Ninica e a “festa das crianças”

No dia 18 de setembro de 2010 fui à Provetá realizar mais um trabalho de campo. Assim que cheguei à vila, ouvi pelo megafone da Igreja⁴⁴ uma convocação para as crianças comparecerem ao ensaio que começaria a pouco. Logo identifiquei quem pronunciava a convocação, era Ninica, a atual dirigente do departamento infantil.

Em entrevista, Ninica sobrinha materna de Marilda, também discorre sobre sua vida dando ênfase na relação desta com a doutrina e as atividades empreendidas na Igreja. A narrativa sobre sua história de vida destaca o seu nascimento como um verdadeiro milagre, possibilitado pela fé conjunta de sua mãe, pai e parteira.

44 O megafone é uma característica específica da Assembleia de Deus Provetá. Contam que nas décadas anteriores, o microfone no qual o culto era celebrado era ligado ao megafone para que todos na vila ouvissem o que estava sendo falado no interior da Igreja. Hoje ele é usado apenas para os avisos, mas isso indica que tal comunicação pressupõe o interesse da maior parte dos moradores da vila.

O meu nascimento pra mim é uma história de fé. (...) Então antes da minha gravidez ela (sua mãe) conta que o médico queria dar o anticoncepcional pra ela, na época era tão desconhecido... O médico queria ajudá-la né? A que nasceu antes nasceu com problema e também pra dar um intervalo maior, porque a gente nasceu tudo assim pertinha. Então ela fala que não, porque tinha todo o costume⁴⁵ da Igreja, já começa envolvendo Igreja nas histórias! E ela achava que não, que tinha que ser quantos filhos Deus desse, essa história toda né? Ela esperava pra uma data e quando ela começou a sentir as contrações aí deu (o vento) sudoeste⁴⁶ e fecha né, a nossa porta. Toda vez que entra sudoeste eu falo ‘Ai Meu Deus coitada das grávidas!’. (...) Então ela começou a entrar em trabalho de parto e não tinha passagem. A parteira disse que não tinha passagem e na época não tinha barco grande, igual agora tipo eles encaram, eles enfrentam, se tiver que salvar alguém eles vão enfrentar, mas na época não dava porque era tudo pequeno, canoa. Barco grande parece que tinha dois e eles estavam longe daqui. Então, foi dando a noite, ela ali sofrendo e deu uma hemorragia forte, e foi aí que entrou a fé, meu pai se ajoelhou de um lado, a parteira de outro, começaram a orar e ela começou a desfalecer e a parteira falou ou vai as duas, ou a mãe não vai sobreviver, perdeu muito sangue. E ela disse pra Deus ter compaixão, poupar a vida dela, mesmo que fosse só ela, porque eu era um bebe ainda.

A Assembleia de Deus é uma denominação evangélica que valoriza certos hábitos considerados ortodoxos pela sociedade mais abrangente, como a proibição do corte de cabelo para mulheres e o uso de bebida alcoólica. Mas a oposição ao anticoncepcional não pode ser considerado um preceito tão distante ao levar em conta a sociedade brasileira na década de 70, pois além do contraceptivo ser pouco conhecido no contexto rural, sua proibição é anunciada por outras confissões religiosas, como o catolicismo. Mas a narrativa de Ninica indica que esse costume/doutrina de sua mãe foi responsável pela concepção de sua vida. Diante das dificuldades do parto, ela identifica o sucesso do seu nascimento como um milagre operado graças à fé dos que estavam presentes e pediram de joelhos pela sua vida, e principalmente pela vida de sua mãe.

O pai de Ninica, Noé, era um *crente* bastante presente na Igreja. Ela identifica sua dedicação à Igreja a um legado que seu pai deixou a ela. Noé não era pescador, pois jamais

45 Em Provetá é comum ouvir a denominação ‘costume’, ao se referir aos padrões de conduta característicos da doutrina assembleiana. Assim, tanto os fiéis como não fiéis, moradores da vila, sugerem que a doutrina da Igreja seja parte do que entendem por sua cultura.

46 O vento sudoeste é o que precede uma frente fria em grande parte da região sudeste. É um vento muito forte, que dificulta bastante a navegação.

conseguiu se acostumar com o balanço do mar. Isso possibilitou a sua presença contínua na vila e conseqüentemente nas atividades e cultos religiosos. Assim, ele abriu uma vendinha na praça, existente até hoje, mas não conseguiu levar o negócio à frente. Começou a quebrar pedra para sustentar a família, que possui cinco filhas, uma delas autista que também é surda e muda. Ninica, como Tida, também narra o passado como um período de grande dificuldade. Mas mesmo com todos os problemas financeiros, Noé era um exímio diácono⁴⁷ da Igreja e foi o responsável pela formação do conjunto dos jovens⁴⁸ e dos homens⁴⁹.

Fui assistir ao ensaio das crianças. Havia cerca de 80 delas. As meninas se dividiam em três grandes grupos de acordo com a idade, pois havia três vezes mais meninas que meninos no ensaio. Após ensaiarem alguns hinos religiosos com o auxílio do *playback*, as meninas bem pequenas foram com uma instrutora ensaiar uma apresentação de coreografia⁵⁰ que seria apresentada no púlpito e os meninos foram ensaiar a peça teatral: a encenação do início da história do rei Davi.

A principal figura do ensaio é Ninica. Ela é a líder que delibera sobre todos os detalhes das apresentações, emitindo comandos às demais instrutoras. A meu ver o ensaio foi confuso,

47 Segundo Boeca, pescador e membro da Igreja: “O diácono é pra servir. Ele serve, ele cuida da Igreja, ele varre a Igreja, ele faz tudo. Porque o diácono não tem que esperar o pastor pedir as coisas não, não pode ser aquele diácono mecânico, faz quando alguém manda, não. Ele tem que ta atento ao movimento, ao trabalho na Igreja, se tem uma Igreja pra limpar, se tem uma Igreja pra pintar, sempre ta chegando primeiro na Igreja, a primeira pessoa que chega na Igreja tem que ser ele. Porque ele tem que abrir a Igreja, ligar as luzes, ligar os ventiladores, ver o que ta precisando...”. Não existem diaconisas nas igrejas da denominação Assembleia de Deus.

48 Perguntei a alguns moradores que o conheceram como se lembravam da figura de Noé e muitos o descreveram como uma pessoa ‘agitada’, simpática e hospitaleira. Os jovens gostavam muito dele e como era pessoa animada, se desdobrava para motivar viagens e encontros dos jovens dali com os de outras igrejas da Ilha.

49 Para análise do conjunto jovem e masculino da Igreja local ver terceiro capítulo deste trabalho.

50 A coreografia da Igreja tem características específicas: as meninas vestem um figurino e fazem gestos apenas com as mãos, acompanhando o ritmo de algum hino religioso. Os gestos transmitem a carga emotiva do hino.

pois as crianças ficam entretidas umas com as outras e por isso Ninica falou o tempo todo a um microfone sem fio para ser ouvida.

Na peça, somente o personagem Davi tinha em mãos as falas a serem memorizadas. Ninica pediu para os demais personagens estudar os capítulos na própria Bíblia e na hora da apresentação construir de improviso a própria fala de acordo com o estudo bíblico. Ao final, as crianças foram dispensadas e Ninica fez uma reunião com as instrutoras, 15 mulheres, professoras da escola dominical infantil. Deliberaram sobre o trabalho referente à realização da festa e dividiram as tarefas a serem executadas para/no evento.

Ao falar sobre a produção das peças teatrais que desenvolve na Igreja, Ninica revela seu envolvimento com a religiosidade local:

Eu com cinco anos de idade, eu lembro que já tinha as peças de teatro, mas só no Natal. Era tradição falar sobre o nascimento de Cristo, aquela coisa toda nós via. Os pastores, os reis magos, então eu cresci, mal eu comecei a escrever eu comecei a ajudar a minha tia que fazia o teatro na época, a Marilda, ela mora em Angra agora. E na época ela ajudava a minha mãe com as crianças. Quando a minha irmã cresceu e começou a dar muito trabalho, a minha mãe então saiu do cargo e minha tia continuou. Então como eu já comecei a escrever bonitinho e tudo eu comecei a copiar, separar os personagens e participar. Com cinco anos eu já tava falando lá no púlpito a primeira poesia. Daí eu só parei que eu me lembre um Natal só. Fiz várias peças acompanhando ela. Mas era uma coisa assim bem simples. O linguajar não era tão questionado, o erro de português, a maioria era sem estudo. Eu fiz até a quarta série né? Eu terminei os estudos com 10 anos. E eu já escrevia muito bem porque o meu pai, por incrível que pareça, ele escrevia muito bem. Falar assim ele errava muitas coisas. Hoje pela minha memória eu vejo que ele falava palavras totalmente erradas, até na Igreja. Mas naquela época não... Porque as pessoas não tinham conhecimento.

(...) Há dez, doze anos atrás, que eu comecei mesmo a liderar. Eu comecei a sair fora do tema. Eu comecei a entrar nas festividades com o tema central que era Natal, no teatro, que é tradição até hoje. Eu comecei a olhar e pensar que a gente podia fazer outras coisas, a gente podia trazer outros temas. Aí eu vinha trazendo essas passagens bíblicas. O filho pródigo encenada com os dois lados, eu tento sempre trazer os dois lados, lá atrás o que Jesus falou e o que ele diria na atualidade. Sempre trazendo os dois lados e fui vindo.

Quando terminou a escola primária Ninica começou a se dedicar às atividades religiosas, na assistência e exercício ao mesmo tempo. Ela assinala o quanto as atividades eram simples, por conta da modéstia da vila e das pessoas da época. Com a unânime baixa escolaridade, o erro

de português era comum e a maior parte das pessoas nem se dava conta dos erros proferidos nas pregações. Mas com a narrativa fica claro que como Tida, Ninica obteve incentivo para aprimorar escrita, leitura e outras atividades relacionadas ao seu próprio desenvolvimento intelectual principalmente por meio da educação religiosa e o envolvimento familiar e pessoal com as atividades da Igreja. Ao dizer que na época o conhecimento erudito era praticamente inexistente, Ninica indica que hoje pessoas como ela têm acesso ao conhecimento considerado.

Na doutrina pentecostal não há qualquer estímulo a manifestações artísticas seculares por serem consideradas práticas mundanas. Ao se referir ao tempo passado, fica claro no discurso dos evangélicos locais que o exercício da doutrina não admitia assistir televisão, filmes, ler livros com conteúdos fictícios. A expressão lúdica, só poderia, portanto, ser manifesta por conteúdos edificantes, espirituais, que na religiosidade evangélica tem como argumento máximo, a narrativa bíblica. Esta é composta por histórias extraordinárias cuja espiritualidade está envolta em drama, romance, guerra, etc. Portanto, a Bíblia é uma fonte inesgotável de possibilidades à dramatização. Desse modo, Ninica se deu conta de que poderia montar encenações de outras histórias bíblicas, não só o nascimento de Jesus, que vinha sendo encenada há décadas e já era ‘tradição’ da Assembleia de Deus local.

No final da década de 90, a configuração social da vila já estava bem diferente. As canoas já haviam sido substituídas pelos barcos de pesca industrial e a vila já alcançava certa prosperidade econômica com o desenvolvimento da pesca há pelo menos duas décadas. Na mesma época o presídio da Ilha Grande foi implodido e a Ilha começa a receber turistas em diversas praias, o que diminui o “isolamento” da vila. O pastor presidente Eliseu já substituíra o pastor Sales e houve uma abertura para inovações nas atividades habituais da Igreja. Ao mesmo tempo há o crescimento significativo dos evangélicos na sociedade e a formação de um mercado dirigido para este segmento religioso, num processo de industrialização e massificação de música e produtos para evangélicos de todo o Brasil. A população que antes se considerava vivendo em um local isolado, condição que garantia o resguardo da doutrina, agora se vê como parte de um segmento religioso atuante na sociedade mais abrangente. Deste modo, aquilo que Ninica havia aprendido com as atividades religiosas empreendidas por Tida agora podia ser

desenvolvido, ganhando aspectos mais modernos. Ao alocar o tempo passado como menos evoluído, principalmente com relação às atividades destinadas às crianças as entrevistadas invocam certas categorias analíticas. Portanto, é como uma evolução permanente que entendem a história social que envolve não só o conjunto infantil, mas todo o desenvolvimento social e econômico da vila.

A festividade do Conjunto Joias de Cristo costuma ser celebrada no feriado de Nossa Senhora Aparecida, dia 12 de Outubro. Os pentecostais se apropriam da data celebrando o laico “Dia das Crianças” com uma programação intensa de atividades religiosas. No ano de 2010, no entanto, Ninica quis aproveitar seu período de férias para realizar o evento, o que mostra a flexibilidade do calendário festivo da Assembleia de Deus local. A festa foi realizada no “claro” ocorrido no final do mês de setembro, em cinco dias de cultos festivos durante a noite e no domingo de manhã.

No dia 22, quarta-feira fui novamente a campo para acompanhar o evento, *a festividade*. Fui para o cais de pesca de Angra dos Reis pegar o barco de Mestre Ernani, o único em Provetá que possui licença para realizar frete, pois todos os outros são barcos pesqueiros. Logo soube que ele havia ‘furado’ com a população local, que conta com seu barco como único meio de transporte regular. Neste dia ele havia optado por fazer frete para turistas. Os moradores com quem conversei pareciam estar acostumados com a situação e o jeito foi aguardar o ‘barco da fé’, como apelidam possíveis caronas no cais de pesca. Entre os moradores, havia uma família de visitantes que iam para a festividade que também aguardava pacientemente.

Após uma hora de espera notei uma movimentação entre os moradores que conhecia e logo fui me infiltrando no meio das pessoas e perguntando se havia algum barco que nos levasse a Provetá. “Apareceu um barco enorme!” disse sorrindo a esposa do pastor Gustavo. Quando cheguei ao cais onde os barcos de pesca se abastecem com toneladas de gelo, vi um grande barco de pesca catarinense, cujo porte é maior que os barcos da vila Provetá e daquela região. Aproximadamente 20 moradores subiram no grande barco com o auxílio de rampas e embarcamos sendo gentilmente recepcionados pelos pescadores. Em seu interior havia uma cozinha, uma grande mesa com uma televisão de plasma que exibia canais a cabo. Durante a

viagem nos ofereceram café, pão com queijo, caixas de bombom; pareciam felizes em estar conosco durante o período da viagem.

O tenebroso vento sudoeste ‘bateu’ e o mar ficou ‘grosso’. Fiquei contente por estar em um grande barco, pois ele quase não balançava com o forte vento. Os moradores da vila não paravam de dizer que aquela carona havia sido uma *verdadeira benção divina*.

Os pescadores catarinenses nos perguntavam coisas sobre a história da vila e seu cotidiano. Eles não estavam indo à Provetá e não desceram ‘em terra’ quando chegamos. Todos se despediram calorosamente e antes de desembarcarmos as mulheres oraram pelo barco, os pescadores e suas famílias; eles agradeceram muito pela companhia e pela oração, nos deixaram no cais e partiram para alto mar. Foi interessante observar a hospitalidade que os pescadores catarinenses dedicaram aos familiares dos pescadores da Ilha. Há um imbricamento entre trabalho e solidariedade presente nas relações entre os pescadores. Nesse caso, a presença da religião ampliou a interação entre os desconhecidos. Os presentes, tanto pescadores, como familiares, consideraram o encontro como algo bom, proporcionado pela providência divina.

Ninica já estava no cais da vila aguardando a convidada da Igreja, que em poucas horas iria se apresentar no primeiro dia da festa. Alegrou-se com minha presença, mas estava ali a trabalho, dando total atenção à recepção dos convidados. Disse que hoje era um culto voltado para as crianças, pois a convidada da noite fazia um trabalho específico para elas: vestia um figurino de boneca, se denominava Fanikita e em meio a brincadeiras passava conteúdo bíblico.

No primeiro dia da festa as crianças estavam todas sentadas em grupo, trajando roupas vermelhas. A noite era delas. Subiam ao púlpito, liam algum versículo ou cantavam um hino religioso. Crianças muito pequeninas cantavam a mesma música, um *hit gospel* que fez sucesso, agradando evangélicos e católicos. Todos ouviam pacientemente as crianças que pediam para se apresentar. Quando a boneca *Fanikita* entrou na Igreja as crianças ficaram eufóricas. Cantaram hinos e imitavam a coreografia que Fanikita gesticulava. A ‘boneca’ contou a história de Davi em meio a brincadeiras e muito humor. Muitos adultos compareceram ao culto e também participaram das brincadeiras da boneca. Pastor Eliseu o mais solicitado, fazendo o papel de

Samuel, pai de Davi, e todos riram muito de sua atuação e timidez. Nesse culto houve uma inversão ritual na qual brincadeiras davam lugar a atitudes jocosas entre os participantes, habitualmente marcadas por comportamentos de distancia e respeito. Quando acabou o culto, as crianças continuaram a cantar hinos, não queriam que a *feira* acabasse. Fanikita ficou um tempo tirando fotos com algumas crianças e na cantina da Igreja cachorro-quente era distribuído a todas elas.

Dia seguinte, fui cedo à casa de Ninica. Ela não estava muito bem. Disse-me que estava com problemas familiares e exibia um semblante de cansaço. Mesmo reclamando de dor de cabeça, conversava animadamente sobre assuntos diversos. Agradecia pela visita, pois assim conseguia se distrair e esquecer um pouco suas dores. Sua mãe, Cida, finalizava vários vestidos de cetim que havia costurado para a *feira* e me contou sobre sua participação nas festividades. Desde o nascimento de sua filha que possui problemas mentais, Cida, irmã de Tida foi a primeira da família a liderar o conjunto infantil, mas hoje quase não vai a Igreja. As *irmãs* responsáveis por visitar pessoas em seus lares, de vez em quando realizam reuniões religiosas em sua casa. Cida disse orgulhosa que costurou 13 vestidos para as crianças e havia cobrado por apenas dois deles. Foi a mãe de Ninica quem sonhou com as meninas vestidas de princesas na festa, e assim desenhou o vestido que todas as meninas usaram no final de semana festivo. Ninica comentou: “Desde que minha irmã nasceu minha mãe não vai mais a Igreja. Só fica dentro de casa. Mas ela me ajuda no que ela pode. Eu fico com pena porque ela não vê o resultado do trabalho dela”.

Marilene apareceu para saber como andava os preparativos da festa. Ninica pediu encarecidamente que ela arrumasse hospedagem para os visitantes que chegariam de diversas praias da Ilha Grande. Nessa festa, Ninica optou por convidar fiéis oriundos de igrejas evangélicas de algumas vilas da Ilha, que não tem necessariamente ligação com o ministério Provetá. Opção diferenciada, pois o costume é convidar fiéis das igrejas pertencentes “ao campo”, fundadas pelo ministério Provetá. Mas esse ano Ninica quis fazer diferente e convidou até mesmo pessoas do Aventureiro, membros da comunidade católica vizinha.

Após conversarem sobre os preparativos, Ninica, Marilene e Cida se levantaram e oraram pelo sucesso da festa. Perguntei a Ninica sobre a faixa que estava na frente da Igreja, na qual dizia que os pescadores eram os patrocinadores da festa: “Pois é menina toda hora me para um agradecendo, eles ficaram muito felizes com a homenagem!”.

Durante o dia de sexta-feira houve movimentação contínua na Igreja. As crianças ensaiaram a entrada na Igreja, os hinos que seriam apresentados em coro e a peça teatral. Após o ensaio as crianças foram para o “Monte” o pico de uma pequena montanha que fica no entorno da vila. O tempo de caminhada é curto e os fiéis costumam ir sozinhos ou em grupos para orar em meio à natureza. A Igreja, no entanto, já construiu uma simples estrutura, com telhado e bancos; portanto, o Monte é parte integrante da Assembleia de Deus Provetá. Os crentes relatam que ali a força de Deus é sentida intensamente e por isso consideram o lugar especial, eu diria *místico*. A própria denominação do local como *Monte*, remete a um linguajar bíblico que faz referências a pequenas montanhas como monte. No novo testamento há uma série de passagens em que Jesus sobe sozinho algum “monte” para estabelecer contato com o divino. Mediante tal ritualidade os fiéis ligam o seu presente a vida de Jesus, na tentativa de reatualizar a sua experiência, com o propósito de que a própria vivência religiosa (comunitária e individual) seja renovada à luz dos acontecimentos míticos passados. Naquela semana as crianças foram orientadas a subir a montanha e orar durante horas no período da tarde. Os adultos evangélicos narravam felizes a movimentação: estavam satisfeitos ao assistirem a dedicação dos pequenos nas atividades religiosas daqueles dias. A subida ao “Monte” faz parte da festividade. É considerada uma preparação para o culto, para cada criança ser inspirada pela presença do *Espírito Santo*. Assim ampliam sua capacidade de compreensão das mensagens proferidas nas pregações dos cultos e se preparam espiritualmente para o ritual dedicado a elas.

Na noite de sexta-feira, no interior da Igreja, adultos e jovens cantavam hinos sem muito ânimo, enquanto na praça foi se formando uma enorme fila com dezenas de crianças muito bem arrumadas. Os meninos estavam de terno e gravata borboleta e as meninas trajavam vestidos de cetim rosa, lilás ou verde com uma coroa na cabeça, como princesas. Na Igreja embaixo do púlpito havia um castelo de isopor. A ideia era fazer com que a Igreja remetesse a um reino e a

história do rei Davi era o tema bíblico trabalhado em todas as pregações que ocorreram durante a festa. O tema ‘Pequenos mas ungidos para reinar’, era uma referência a Davi, que mesmo sendo o menor dos irmãos, foi *ungido* para ser o rei de Israel. Pelo que compreendi a mensagem transmitida era que a pequenez da criança não se constitui um impedimento para que esta seja investida pelo *Espírito Santo*, ser uma escolhida do *Senhor* e alcançar uma vida permeada de bênção divinas.

A entrada das crianças na Igreja causou rebuliço! Com uma música instrumental ao fundo as crianças entraram pelo corredor da Igreja, uma atrás da outra e as mães se aglomeraram para tirar fotografias. As crianças subiram em grandes grupos ao púlpito, como se estivessem se apresentando enquanto membros da Assembleia local.

Apresento fotografias do evento não apenas como ilustração. As imagens compõem cores, formas, vestuário cujo alcance vai além da palavra escrita. Ao invés de ilustrar, peço que as imagens sejam associadas ao que está sendo dito sobre o desdobramento da festa infantil. Na primeira foto vemos a boneca Fanikita no momento da pregação às crianças no primeiro dia de festa, na fotografia vê-se a dimensão do conjunto infantil da Igreja local. Na segunda foto, os meninos no púlpito saúdam a Palavra de Deus, colocando a Bíblia para o alto. Estão à frente do púlpito decorado para a ocasião especial, com pedaços de cetim coloridos e painel ilustrado com o tema da festa. Na terceira foto, a dirigente Ninica sentada junto a meninas mais novas, assiste a pregação do culto festivo. Na última foto, uma cena da peça de teatro encenada, com homens trajando figurino correspondente ao que consideram semelhante às roupas da época do tempo bíblico.









O momento mais aguardado desse culto festivo era o início da apresentação da peça que contava a história de Davi. Estava curiosa para assistir a peça, pois era algo que todos comentavam quando ocorria e eu jamais havia presenciado tal feito. No momento da apresentação Ninica improvisou a narração da história bíblica e os personagens iam surgindo em cena. A reação das pessoas durante a peça me surpreendeu. Muitos choraram durante toda encenação, emitiram ‘aleluias’ e no momento mais emocionante, quando Davi chega a sua casa e é identificado pelo sacerdote como o futuro rei de Israel, houve comoção generalizada e muitos falaram em línguas. A própria Ninica chorou ao microfone, interrompendo a narração da história para também *falar em línguas*⁵¹.

51 “A glossolalia pentecostal é uma forma de elocução ritual caracterizada pela falta de um componente semântico. Assim, todas as sílabas são “sílabas sem sentido”. Contudo, os carismáticos contemporâneos que falam em línguas podem desenvolver distintos padrões sintático-fonológicos, e alguns podem ter mais de uma “linguagem de oração” glossolálica, usadas em diferentes situações e com diferentes intenções. Além disso, eles acreditam que é, por vezes, possível sua vocalização incompreensível ser de fato uma linguagem natural (xenoglossia). A despeito de sua indeterminação semântica e variabilidade sintático-fonológica, a glossolalia carrega um significado global como uma forma inspirada de louvar a Deus, e também pode ser

O ritual é sempre visto como um meio para se obter resultados, ao contrário de divertir-se, que tem um fim em si mesmo. No entanto, a peça teatral no interior do culto é um acontecimento que manifesta um *continuum* entre divertimento e eficácia religiosa. A plateia não apenas assiste a peça, há uma sintonia entre o desempenho da encenação e a *performance* ritual característica dos pentecostais. Naquele momento, a encenação teatral não era entendida e consumida como uma manifestação artística, mas antes como um veículo de comunicação entre Deus e seus fiéis. Essa parte importante do evento dá lugar à presença do *Espírito Santo*.

Após o evento a praça ficou cheia e Ninica exibia um semblante de dever cumprido, feliz com o sucesso do trabalho empreendido e ao mesmo tempo *edificada, abençoada*.

O culto de sábado costuma ser o mais aguardado. Como uma *irmã* me explicou: “Hoje é o dia principal. Antes é a introdução, hoje é o desenvolvimento e no domingo é a conclusão. Hoje tem que passar a mensagem principal”. A Igreja estava cheia, os visitantes⁵² de outras Igrejas estavam presentes. Houve novamente a apresentação dos hinos preparados para a noite. Meninos e meninas subiam ao púlpito para cantar ou ler um versículo. O capítulo final da peça foi encenado, mas não houve a comoção do dia anterior. A encenação da luta entre Davi e Golias foi *assistida* dessa vez por uma *plateia* que se divertiu com a atuação dos envolvidos.

O pregador da noite era um pastor do interior de São Paulo. Começou a discorrer sobre o papel da família do rei Davi em suas ações de fé. Usou algumas passagens da história que acabara de ser encenada para justificar sua ideia. Emocionado falou da importância dos ensinamentos religiosos da própria mãe em sua vida e destacou o papel dos pais na educação religiosa dos filhos. Pastor Eliseu, animado com a pregação, pegou o microfone do pastor e

utilizada como uma prece profundamente vivenciada rogando por intervenção ou orientação divinas. Às vezes ela chega a ser compreendida como a elocução de uma mensagem inspirada ou profecia divina. Ela pode ser falada ou entoada de improviso, e pode ser usada na devoção privada ou em um ritual coletivo. É um princípio doutrinário que os poderes expressivos da glossolalia transcendem as inadequações das línguas naturais.” (Csordas 2008, p.124, 125).

52 Um barco de Provetá passou por todas as vilas da Ilha Grande que haviam convidados para esta festividade para fazer o frete daqueles que estivessem interessados em participar da festa. Após o culto, o barco os levaria de volta.

frisou a importância do ponto que estava sendo tratado. O culto começou a ficar “quente”, com os fiéis emitindo ‘glória a Deus’ e ‘aleluias’. Após uma hora de palestra o pastor perguntou quem almejava bênçãos de Deus para sua família e principalmente para suas crianças que ali estavam. Convidou aqueles que queriam as bênçãos para ir à frente do púlpito. É comum essa convocação ao final do culto mas somente pessoas que estão realmente precisando de uma ajuda espiritual suplementar respondem. Mas naquele dia o chamado foi forte. Todos queriam que sua casa e família obtivessem bênçãos divinas. A Igreja estava em pé enquanto os pastores iam proferindo orações entremeadas de expressões faladas em línguas estranhas. Uma jovem do conjunto feminino começou a sentir o *Espírito Santo* e a pular no corredor em transe, em seguida desmaiou e o culto prosseguia intenso.

O pastor disse para cada pai e mãe ir ao encontro de seus filhos que estavam reunidos no conjunto infantil. Dezenas de pais e filhos abraçaram-se chorando e toda a Igreja foi sendo envolvida pela demonstração de amor e carinho entre as famílias presentes. As crianças começaram a chorar, e muitas iniciaram o batismo no *Espírito Santo*. Saíram de seus lugares e começaram a pular, chorar e bater palmas. Algumas se ajoelhavam enquanto outras colocavam as mãos sobre suas cabeças (posição de imposição das mãos) proferindo orações, como se estivessem abençoando uns aos outros. As crianças exibiram fielmente as *performances* pentecostais da manifestação do *Espírito Santo*. Algumas exibindo uma atitude jocosa, como se aquilo fosse uma grande brincadeira, outros como adultos, glorificavam gravemente. Não está em questão aqui se as crianças estavam imitando umas as outras, já que a impressão de uma espontaneidade coletiva indica a imediata apreensão intuitiva do significado implícito dos gestos por todas elas (CSORDA, 2008, p. 118).

A festa infantil se configura como uma reunião familiar, que se constitui um momento importante para a atualização da sacralidade das relações de família e também do lugar onde vivem. Segundo Contins (2004, p.15), diferente dos católicos, entre os pentecostais não existe um dia específico ritualmente comemorado relativo ao Espírito Santo, pois ele não está nas coisas, mas se manifesta através das pessoas: “No caso dos pentecostais, há uma lógica individualizante, onde se configura uma autoconsciência a partir de uma relação não ritualizada

com o Espírito Santo. Para os pentecostais a relação com o Espírito Santo se dá diretamente, sem data marcada no espaço da Igreja”. No entanto, vejo que a interação ritual da festa, em que havia também uma enorme quantidade de coisas envolvidas: roupas, bonecas, teatro, música - *performances* que faziam parte das manifestações religiosas. Esse fato contesta a afirmação que nega a importância dos rituais na religiosidade pentecostal.

Nesse momento culminante, Tida saiu de seu lugar e perguntou se eu queria fazer parte de sua Igreja. Exibia uma expressão de plenitude, pois ali estava a materialização daquilo que anteriormente ela havia tentado me explicar com palavras. O “fogo desceu dos céus” para abençoar as crianças e a Igreja glorificava o sucesso da religiosidade transmitida a elas. Passava da meia noite quando duas crianças que não faziam parte do conjunto subiram ao púlpito e chorando foram dizer ao pastor Eliseu que queriam aceitar Jesus. Queriam fazer parte daquele grupo de crianças que acabara de protagonizar o evento.

Ao discorrer sobre a festa religiosa voltada para a celebração do conjunto infantil da Assembleia de Deus de Provetá, visio entender o papel desse ritual na construção (e não apenas na expressão) de representações do mundo, pois as festividades são parte integrante dos modos de como se dá a transmissão do conhecimento religioso. É na festa que as crianças acedem à experiência daquilo que aprenderam no decorrer do ano, nos cultos, escola dominical e em seu cotidiano permeado pela religiosidade. Segundo Geertz (1989), é no comportamento sagrado (no caso dos pentecostais, o expoente máximo é o ‘sentir o *Espírito Santo*’) que se origina as convicções de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. Ao serem *tocadas pelo Espírito Santo* ou ver a maior parte dos seus colegas também serem, a existência de uma dimensão transcendental se revela como algo real. Pode-se vê-lo e senti-lo. É neste momento que a comunidade se realiza como eminentemente religiosa e neste caso parece ser o encontro de cada família com seus membros o que é mais valorizado.

Se entre os adultos a relação com a Igreja muitas vezes é controversa e permeada de idas e vindas, com o desvio e o retorno como algo que está em constante perspectiva, com relação às crianças essa característica se abranda. É quase um dever social que pais minimamente vinculados a Igreja façam com que seus filhos participem de tal comemoração. Mesmo membros

afastados ou *desviados* vão a Angra alugar o terno do seu filho, para que ele se apresente bem perante a sociedade local.

Através do relato da festa religiosa espero ter conseguido transmitir como o evento foi realizado no ano de 2010 e, portanto, mostrar a forma *contemporânea* de tal ritual.

2.4 O trabalho espiritual e suas recompensas

Após duas horas de entrevista com Tida, agradei a atenção e disse que minhas perguntas já haviam sido respondidas e que não queria incomodá-la por mais tempo. Quando me levantei, ela perguntou: E você não vai querer saber a recompensa disso tudo não? Sorri e me sentei novamente para ouvir as bênçãos divinas que o trabalho espiritual havia proporcionado para sua vida material. Emocionada Tida conta a seguinte história:

Então eu fazia esse serviço da Igreja, mas a gente pobre. Não passava fome, mas pingava né? E um dia eu tava aqui, sem dinheiro nenhum e em casa já tava faltando as coisas, chega a época do final do mês você sabe como é que é né? Aí eu tava contando aquele monte de dinheiro na Igreja, peguei os sacos, despejei, eu tinha uma mesinha, ainda tenho depois eu te amostrô... Aí eu despejei aquele dinheiro e o meu filho de manhã cedo me pediu pra comprar um biscoito, aí não tinha. Aí aquilo me doeu sabe? Que a mãe quando não tem dói né? Aí quando eu peguei naquele dinheiro meu coração doeu tanto, eu chorei aí eu falei assim, 'ah meu Deus eu trabalho com tanto dinheiro, e eu não tenho um dinheiro pro biscoito do meu filho, aí minha lágrima molhou aquele dinheiro, e aquele dia foi o dia que Deus mandou me abençoar.

Tida separa sua vida como antes e depois dessa passagem. Sozinha, ela sentiu que a dor de seu sofrimento (de origem social), simbolizada por suas lágrimas molhando as notas de dinheiro, foi tão forte que Deus resolveu abençoar sua vida a partir daquele dia. Logo depois, mesmo sem experiência seu marido foi contratado para ser marinheiro de uma lancha em um condomínio de luxo no continente de Angra dos Reis. Desde então eles já conseguiram comprar dois barcos médios, um de pesca e outro que é usado para frete por uma empresa em Niterói. Seguindo a lógica protestante, Tida identifica que a melhora na posição social foi proporcionada pela dedicação em servir a Igreja, e também pela sua fidelidade, que a fazia respeitar o dinheiro

das ofertas, mesmo estando numa situação financeira difícil. Deus ouviu suas lamentações e abençoou sua família com bens materiais. Marilda hoje mora no centro de Angra dos Reis, passa a semana sozinha à espera do seu marido, que só vai para casa nos finais de semana. Ela trabalha na escola dominical da Assembleia de Deus, ministério Sul Fluminense, mas sempre que pode vai a Provetá ver a família e até hoje não perde a festividade infantil, para ver o trabalho que vem sendo realizado com as crianças e principalmente para assistir as apresentações que seus netos participam.

Ao entrevistar Ninica, ela também frisou a importância das bênçãos divinas em seus ganhos materiais:

A minha casa é uma conquista, eu vim do nada! Eu vim do zero. Eu tive tudo pra não acreditar, mas eu sigo a Deus, não porque ele vai fazer alguma coisa por mim, mas pelo que ele já fez. Acho que o homem tem que procurar, não posso cruzar os braços e falar ‘ah Deus vai fazer por mim!’. Eu tive que batalhar pra ter essa casinha assim. Ao invés de ficar triste, ‘ah coitadinha de mim’, não tenho irmão, não tenho pai, não tenho marido, não, eu vou e conquisto. Nada disso abala minha fé pelo contrário, ela só cresce cada vez mais. (...) Eu trabalho a cinco anos na saúde. Quando o Manoelzinho era presidente da Associação de Moradores eu fui indicada por ele. Ó vou te falar que eu sinto muito orgulho, foi um emprego aqui no Provetá que não deu problema, não deu disputa, porque as pessoas queriam que eu tivesse uma oportunidade pela minha história de vida. E eu to aí a cinco anos de muito trabalho e eu to crescendo nele, aprendendo a lidar mais com as pessoas, com o público, eu sou uma pessoa que precisa de muito calmante pra ter um controle, e eu vejo que na minha história eu consegui mudar.

Aqui novamente um emprego mudou o rumo de uma vida, mas esse foi adquirido por sua influência na Igreja. O pastor Manoelzinho, figura eminente da Assembleia local, como presidente da Associação de Moradores a indicou para um dos poucos cargos públicos existentes na vila, de atendente do posto de saúde local.

Em Provetá a “polêmica” questão do que é ser ou não “nativo”, passa pelo crivo do pertencimento religioso. Os moradores locais, pertencentes a duas gerações (aqueles nascidos do primeiro grupo convertido e os seus filhos) se julgam como os *verdadeiros* nativos do lugar por serem “*nascidos e criados no evangelho*”. Essa característica faz com que se legitime a construção de uma *ancestralidade pentecostal*, na qual os descendentes diretos dos primeiros

convertidos são os atores que possuem uma posição social superior. Eles ocupam cargos considerados privilegiados na divisão do trabalho local, são mestres, proeiros e donos de barco, presidentes da Associação de Moradores, candidatos a vereadores, e na Igreja são presbíteros e pastores. Portanto, “esses atores sociais herdaram, não somente, a “prosperidade” legada pelas bênçãos divinas, mas um “direito político-religioso” de gerir politicamente o território provetaense e zelar por sua sacralidade” (BIRMAN, 2008).

Os cargos públicos costumam se destinar aqueles que possuem vínculo com a Igreja, o que causa controvérsias entre os moradores locais, sendo esta uma das principais queixas daqueles que se sentem lesados pela política local, liderada por uma instituição religiosa. Mas segundo Ninica, o seu emprego não teve contestações desse tipo, pois as pessoas ao conhecerem sua história de vida consideraram justa e merecida a oportunidade concedida. Como Tida, Ninica também identifica seu crescimento como proveniente de bênçãos divinas, proporcionadas por seu empenho e trabalho em conjunto com a fé.

As narrativas, portanto, revelam também um crescente apreço dessas mulheres às conquistas profissionais. As atividades empreendidas na Igreja são definidas não só como importantes meios de oportunidade para aprendizagem e prática do trabalho, mas também como propulsoras do sucesso profissional laico e a melhora de suas condições materiais. Há, portanto, a identificação de que as atividades religiosas que o indivíduo desenvolve estão em conformidade com a posição concreta que lhe reservou o desígnio divino (Weber, 2004). E quanto mais se obedece à ordem de Deus, mais este o recompensa na vida terrena. Há, portanto, a conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da autoestima que ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extra domésticas e as redes de sociabilidade, favorecendo, conseqüentemente, a individuação feminina (Machado, 2005).

A história de Ninica e a história de vida de Marilda mostram recorrências, tanto dos fatos como a lógica dos relatos orais. As narrativas seguem o mesmo padrão cronológico e fatural:

Infância pobre – Identificação de si mesmo como pessoa interessada no aprendizado - Igreja como alternativa precoce para o exercício de um trabalho – Vida dedicada a *Obra de Deus* –

Como líder aperfeiçoa as atividades para crianças – Recebe bênçãos divinas manifestas pelo crescimento profissional e material de si mesmo ou da família.

Ao apresentar dois atores sociais, que desempenharam papéis similares em gerações subsequentes, quis evidenciar não só as ações de cada um para o desenvolvimento religioso da *comunidade*, mas também como a religiosidade local forja um *ethos*⁵³ que se apresenta nas trajetórias de vida. A principal instituição do lugar marca profundamente a formação do indivíduo, o que motiva a alguns se dedicarem à transmissão do que aprenderam. Esses buscam o aperfeiçoamento daquilo que compreendem ser o melhor para o desenvolvimento da comunidade: a permanência da sua “natureza evangélica” (BIRMAN, 2008). O fato de pertencerem à mesma família indica a disposição de algumas linhagens em se envolver intensamente ao empreendimento religioso local. Se algumas famílias não cumprem a obrigação de evangelizar as crianças, a própria Igreja se encarrega da tarefa, num trabalho contínuo que parece estar sendo bem sucedido. Isso faz com que religiosidade por *atribuição* se desenvolva de maneira satisfatória no evangelismo local.

53 Com uma rede de significados e práticas profundamente conectados a uma tonalidade local no fazer e no como fazer as coisas do mundo (GEERTZ, 1989).

3 DE ATALAIA À GIDEÃO: *DESVIO* DA IGREJA E CELEBRAÇÃO RELIGIOSA

3.1 Introdução

A principal atividade econômica em Provetá é voltada, sobretudo, para a pesca embarcada e assalariada, empreendida pelos homens. Esse elemento marca profundamente as características da vida social provetaense⁵⁴. As fases da vida dos homens formam um complexo que reúne partes formadas pelo trabalho na pesca, a religiosidade pentecostal e a constituição da família. Para analisar tais fatores, estendo a análise das festas pentecostais e dos conjuntos religiosos, desta vez, focando o segmento masculino em tais empreendimentos.

O trabalho na pesca possui características temporais adequadas ao tipo de pescaria empregada na região⁵⁵. Nessa atividade, o “tempo natural” é marcante. As condições

54 Em sua etnografia, Vicente Cretton (2007, p. 47) argumenta que: “A identidade de comunidade pesqueira serve muito melhor para caracterizar, de uma maneira geral, o modo de vida provetaense do que comunidade de crentes, pelo simples fato de que a pesca é uma atividade bem mais comum do que a plena dedicação às práticas religiosas. Devo esclarecer que não estou de maneira alguma interessado em generalizações, ciente do fato de que um rótulo pode não ser capaz de dizer muita coisa sobre o conteúdo, porém eles existem, e partem tanto da mídia quanto da própria comunidade, e até mesmo dos outros aglomerados populacionais da Ilha Grande. Quero apenas chamar a atenção para o fato de que o interesse na atividade pesqueira (em suas diversas formas: artesanal, industrial, pesca de molinete, de linha de fundo, pesca de cerco, etc.) é compartilhado por uma quantidade maior de pessoas, do que aquelas que constituem o corpo de membros da igreja. Mesmo em conversas habituais há o interesse por qual barco saiu, qual voltou, quem pescou mais, qual motor é melhor, qual barco é maior, etc. Independente de ser ou não da igreja, ser provetaense é, antes de mais de nada, ter certa dose de interesse pela pesca, percebendo-a como atividade que tornou possível a chegada do desenvolvimento, da prosperidade econômica e do ‘progresso’ à vila de Provetá”.

55 A pesca da sardinha é a principal atividade empreendida pelos pescadores da Ilha Grande. Este tipo de pescado é capturado da seguinte maneira pelos barcos pesqueiros: “Sendo a sardinha caracteristicamente pelágica, desloca-se horizontal e verticalmente na massa de água, acompanhando os deslocamentos da sua fonte de alimentos, o plâncton, que tende a localizar-se nas camadas mais superficiais durante a noite e mais abaixo durante o dia. O sistema de pesca utiliza o fenômeno de bioluminescência produzido por protozoários (*Noctiluca*), quando estimulados pelos movimentos dos cardumes alimentando-se próximo à superfície. A captura é feita com uma rede de cerco (traineira) de panagem de fios sintéticos, cujo comprimento total pode atingir até 1.300 mt., tendo uma tralha de boias, que mantém a flutuabilidade da rede e uma tralha de chumbo, que mantém a rede esticada. Ainda, presas em toda a extensão da tralha de chumbo, situam-se as anilhas através das quais corre um cabo, “carregadeira”, que, puxado após o cerco, fecha a parte inferior da rede, mantendo o cardume preso. Avistado o cardume pelo “proeiro”, a embarcação aproxima-se e, colocando-se paralelamente ao mesmo, lança um pequeno barco não motorizado com um pescador que segura em uma das extremidades da rede. Ato contínuo, a embarcação começa o cerco, cruzando a frente do cardume, até apanhar a extremidade da rede no caíque, ocasião em que se dá início ao fechamento da tralha de chumbo. Preso o cardume, a rede começa a ser recolhida até que ele seja concentrado no ensacador, que é a parte da rede de panagem mais reforçada. A despesca da rede, ou seja, a retirada dos peixes da rede para o barco, dá-se com o auxílio de ‘saricos’. O pescado é acondicionado em urnas, no porão do barco, com gelo moído”. Fonte: <http://www.ilhagrande.org/sys/s.ig?a=82&npage=2>

meteorológicas, os ventos, a maré faz variar a natureza dos trabalhos. Nas épocas de “claro”, ou seja, na lua cheia, os homens de Provetá voltam para casa depois de semanas entre o mar e diversos cais de pesca. Esse tempo é incerto. Os pescadores não sabem com exatidão em quais dias o barco irá pescar ou não. Pode acontecer dos peixes estarem abundantes, assim o barco continua a pescaria. Caso a fiscalização do IBAMA seja intensa nas épocas do defeso⁵⁶ a volta para casa pode ser antecipada. Este uso do tempo não tem comparação com o dos assalariados adstritos aos horários das cidades (FARCY, 2001). Assim, parte prioritária da temporalidade social da vila Provetá é proveniente das atividades desenvolvidas profissionalmente pelos homens na pesca.

Nos períodos de *parada*⁵⁷ da pesca, podemos identificar as atividades das famílias quando os homens usufruem da folga do trabalho, o seu tempo-livre. Essas datas são aguardadas com a expectativa do encontro que parece afetar a todos. As mulheres que passam semanas sem os seus companheiros, e os homens por estarem longe do afeto e conforto da sua casa e vila. As crianças ficam sem a presença do pai, os jovens pescadores possuem namoradas, noivas ou amigos à sua espera.

Nos períodos de folga, os pescadores utilizam o tempo livre para resolver pendências relacionadas ao bem estar da família. Compram material de construção (cujo transporte para Ilha é caro e trabalhoso), trabalham nas obras das suas casas⁵⁸, fazem compras de móveis e estocam

em 11/08/2011.

56 A pesca é proibida durante o período de defeso de determinadas espécie de peixe, crustáceos ou frutos do mar. A pesca fica proibida para garantir a reprodução da espécie. Durante toda a suspensão, técnicos do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) ficam responsáveis por fiscalizar se o defeso está sendo respeitado. Quem descumprir as regras pode responder por crime ambiental e ficar preso por até três anos. O Ministério do Trabalho e Emprego paga aos pescadores artesanais o Seguro Defeso, para que eles não fiquem sem renda. O problema é que a maioria dos pescadores provetaenses, por profissão, não são pescadores artesanais, pois trabalham em grandes barcos que pescam toneladas de sardinhas. Deste modo, eles não recebem o Seguro Defeso e os períodos de parada da sardinha são vividos com grande dificuldade financeira.

57 A “parada” da pesca se dá quando a lua está cheia e também no “período de defeso” das espécies de pescado.

58 É comum a “bateção de laje” ser feita com o auxílio dos amigos. A obrigação do dono da obra é fazer um churrasco após a execução do trabalho em conjunto.

alimentos. O desfrute da natureza exclusivamente para o lazer (nadar, mergulhar, caminhar) é raro. Alguns saem para pescar em canoas, usufruindo de um tipo de pescaria diferente daquela feita nos grandes barcos em que trabalham. No entanto, os pescadores quando estão “em terra” passam a maior parte do tempo em casa, descansando, cozinhando⁵⁹, assistindo televisão com a família, se reunindo na praça para conversar com os amigos. Os pescadores *desviados* da Igreja se reúnem e passam o tempo livre com os amigos, jogando futebol e bebendo nos bares que nesses períodos funcionam⁶⁰ a todo vapor.

Nos períodos de *parada* os encontros sociais proporcionados pela Igreja ocupam lugar central na vila. O calendário de festas da Igreja costuma ser baseado no calendário lunar⁶¹ da pesca para que “todos” possam estar presentes nas comemorações. As festas que celebram o aniversário dos conjuntos da Igreja costumam ter como base a seguinte orientação do que seria a época apropriada:

No “claro” de fevereiro: Conjunto dos Gideões (Homens casados e batizados)

Na Semana Santa: Conjunto Atalaias de Cristo (Jovens batizados)

No “claro” de junho: Conjunto Eterno Louvor (Adolescentes)

No “claro” de julho: Círculo de Oração Heroínas da Fé (Mulheres casadas e batizadas)

No “claro” de setembro: Conjunto Tribo de Israel⁶²

No “claro” de outubro: Conjunto Infantil Joias de Cristo (Crianças)

59 Na cozinha, os homens auxiliam as mulheres em atividades específicas, como limpar o peixe ou fazer um churrasco.

60 Os bares que vendem bebida alcoólica em Provetá não abrem constantemente, em dias e horários bem definidos. Esse tipo de estabelecimento costuma ter datas específicas para o funcionamento (alta temporada, parada da pesca, dias festivos).

61 As marés são influenciadas pela lua e por isso há escolha de determinadas épocas para a prática da pescaria. Os pescadores de Provetá, tradicionalmente fazem uma parada nas atividades da pesca nos dias de lua cheia e denominam tal período como “claro”.

62 Ver primeiro capítulo da dissertação.

No entanto, a data festiva pode não ocorrer nos períodos de *parada*⁶³ e o trabalho nos barcos de pesca ser interrompido exclusivamente para a celebração da festa religiosa. Isso ocorre há décadas e os pescadores parecem estar habituados com a ocasional paralisação do serviço⁶⁴ para esse fim. Assim como a temporalidade social é regulada pelo trabalho na pesca, as atividades da Assembleia de Deus também constituem elemento importante na estruturação local do tempo.

Segundo Durkheim a existência de rituais é fundamental para a manutenção da constituição de um povo e também para a afirmação da religião pelo indivíduo:

(...) Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de confirmar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, assembleias, congregações, onde os indivíduos muito próximos uns dos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns (1996, p. 504-505).

(...) qualquer [indivíduo] que tenha realmente praticado uma religião sabe bem que é o culto que suscita aquelas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é a coleção de meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Que ele consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz. (1996, p.494)

Os cultos habituais são mais próximos ao que Durkheim conceitua como ritual. Esses cultos realizados semanalmente dão força contínua à afirmação da doutrina, fazendo parte da vida cotidiana dos fiéis enquanto rituais frequentes. Na Igreja local há diferentes tipos de culto. No “culto de doutrina” apenas as portas laterais da Igreja são abertas e o fechamento da grande porta frontal é simbólico: a Igreja não está aberta ao público. É uma reunião para os membros cuja finalidade é o estudo bíblico e a resolução de questões internas, como por exemplo, a repreensão pública de algum membro que tenha exibido comportamento desviante. Há também a “consagração”, comumente celebrada na parte da manhã. Nela o “crente” é incentivado a

63 Essa variação depende de fatores múltiplos, como disponibilidade dos produtores da festa, convidados e visitantes.

64 Isso não quer dizer que tal suspensão do trabalho não é por vezes questionada pelos pescadores que não fazem parte da membresia da Igreja local. Afinal o salário dos pescadores é inteiramente dependente da quantidade do pescado. Certa vez, ouvi um rapaz desviado reclamar de tal interrupção no trabalho para uma festa religiosa na qual não participaria. Ainda frisou a falta de oportunidade para frequentar as festas laicas que ocorrem em outras vilas da Ilha Grande. Os barcos liderados por eminentes membros da Assembleia só realizam pausas para celebração de festas religiosas locais.

praticar o jejum, e só tomar o café da manhã após a celebração. É como um culto público habitual mais breve. Os principais cultos públicos são celebrados quinta-feira e domingo à noite, a partir das 19 horas. Esse culto articula-se em quatro momentos principais: (1) acolhida: chegada, saudações e início da celebração; (2) invocação: orações, leituras da Bíblia ou referência a textos bíblicos, testemunhos e apresentações musicais; (3) edificação: leitura da Bíblia e pregação; e (4) despedida: orações, avisos e cumprimentos.

Os cultos festivos possuem a mesma liturgia de um culto público habitual, mas são considerados cultos especiais, por isso são denominados “festas”. Exibindo a mesma divisão ritual, as festas são consideradas um evento particular com diferentes propósitos e caracteres, são *extra-ordinários*. Os cultos habituais *confirmam e reafirmam* os sentimentos e ideias da doutrina pentecostal para aqueles que são membros da Igreja. Sugiro que os cultos festivos fazem com que o entusiasmo religioso se expanda para além das portas do templo, envolvendo a comunidade, de tal modo que a sacralidade do território é confirmada e reafirmada em tempos regulares (a cada dois meses) aos moradores locais. As festividades podem ser consideradas um tempo ritual capaz de acomodar sentidos diversos; são esses sentidos que procuro expor e discutir no presente trabalho.

Neste capítulo descrevo a construção e composição do conjunto jovem da Assembleia local, dando ênfase ao segmento masculino de tal grupo. Na juventude, principalmente masculina, o afastamento da Igreja destinado à prática de comportamento moral contrário a doutrina pentecostal muitas vezes é referido como parte constitutiva de tal segmento na história do evangelismo local. Por isso, neste capítulo, juventude e *desvio* religioso são analisados paralelamente, de acordo com as concepções locais de tais categorias.

Anteriormente frisei a importância da festa como um evento que exalta e celebra a união dos membros da Igreja. A análise que se segue investiga a importância das festas para aqueles que estão *afastados* ou *desviados*, ou seja, aqueles estão “fora” do pertencimento formal da Assembleia local.

O conjunto masculino é composto por homens adultos que retornaram à Igreja, após o período do *desvio*. O último conjunto analisado neste trabalho é o grupo denominado Gideões⁶⁵, formado por pescadores, detentor de posição eminente na hierarquia da Igreja local. Os homens possuem a maior parte dos *testemunhos*⁶⁶, cujo conteúdo aponta para o exercício de práticas mundanas, vinculadas ao mal, exercidas às margens da comunidade ou fora dali. De acordo com o *testemunho* dos homens, o *desvio* é permeado por influências malignas e por intermédio da sua força de vontade conjugada ao poder divino é possível alcançar a *libertação*. Esse tipo de *testemunho* possui força retórica que junto à evidente posição superior concernente ao gênero masculino situa os Gideões como o conjunto mais importante segundo reconhecimento da própria membrasia local.

3.2 Juventude e perigo

As interrogações e respostas sobre quando e como “ser” criança, jovem e adulto variam infinitamente nas diferentes culturas e, com o passar do tempo, no interior de uma mesma cultura. Novaes (2001, p.181-182) ao falar sobre as características desse segmento nega o critério biológico. Para ela, ser jovem é, sobretudo, uma maneira particular de estar no mundo:

Respeitando os limites da abordagem antropológica, creio ser importante considerar o fator biológico como representação. Os jovens – de todas as classes, cores, locais de moradia, gênero orientação/opção sexual, religiões, parecem partilhar uma percepção (dominante em certas ocasiões e situações) de que é preciso ‘aproveitar a vida’ e que eles

65 Gideão foi o juiz que libertou os filhos de Israel dos midianitas. Os midianitas eram povos nômades árabes dos desertos da Síria e da Arábia. Esse povo oprimia Israel roubando suas colheitas e também seus animais. Eles tinham invadido a parte central da Palestina. Em um de seus ataques eles mataram os irmãos de Gideão, em Tabor. Foi então que Gideão recebeu uma experiência com Deus, onde o Anjo do Senhor o chamou, para fazer dele o libertador de Israel. Deus ordenou-lhe que derrubasse o altar de Baal e erguesse ali um altar dedicado a Deus. Gideão reuniu uma pequena força com apenas 300 homens e surpreendeu os midianitas sob a escuridão da noite, levando-os em direção ao rio Jordão. Considerado um herói militar, Israel quis fazer dele um rei, mas surpreendentemente, Gideão recusou tal oferta. O serviço prestado por Gideão foi um fato muito importante na história de Israel, antes da monarquia. Gideão foi um exemplo de servo humilde e fiel a Deus. *Os Gideões*, portanto, é uma referência ao grupo de 300 homens que realizaram tal feito. Essa referência bíblica é bastante utilizada no meio pentecostal. Na Igreja Renascer em Cristo, por exemplo, os Gideões são pessoas que se dispõem a contribuir financeiramente com uma quantia fixa, tendo em vista o sustento de grandes projetos da Renascer, como programas de rádio e TV.

66 “O testemunho é um dos momentos em que a conversão ritualmente ocorre. A verdadeira questão sobre a conversão, segundo esta autora, é de como a ordem sobrenatural (a existência de Deus, a experiência do espírito santo, etc.) se torna ‘real’, ‘conhecida’, ‘experimentada’ por pessoas” (HARDING 1987apud CONTINS 2004).

têm 'juventude' para isso. (...) Ser jovem é combinar o gosto pela aventura, a predisposição para correr riscos com um sentimento de distancia em relação à morte. (...) Suas crenças e opções religiosas parecem estar mais para o 'aqui e agora', para manter e projetar a vida, do que para a preocupação com o destino após a morte.

A análise dos conjuntos da Igreja de Provetá contribui para apreensão do significado local das fases da vida. Afinal regras socialmente construídas definem em que momento, e por meio de quais rituais de passagem, muda-se de uma fase para outra. O Conjunto jovem "Atalaias de Cristo" foi fundado em 1979, pelo anteriormente citado diácono Noé. Sua filha Eliane, irmã de Ninica, conta a história da formação do conjunto:

Não tinha grupo de jovens. Nossa Igreja era assim, o grupo das meninas, aí das meninas ia desde as meninas pequeninhas até casar. Aí depois que casava separava e ia pro grupo de irmãs. Dos meninos era a mesma coisa. Aí chegou uma época tinha muito jovem, muito jovem na Igreja, meu pai olhou e falou assim 'Sabe duma coisa? Eu vou tirar esses jovens que tão tudo misturado com criança, vou fazer um grupo só de jovem'. Aí ele pegou e separou, tirou todos os jovens... Isso já existia nas outras igrejas, mas na nossa Igreja não existia. Aí ele juntou e formou o conjunto Atalaias de Cristo⁶⁷. O pastor da época que colocou esse nome. Aí os rapazes que casavam, continuavam na mocidade, que eram novos os rapazes, as meninas ficavam até ficar grávida. Quando ficava grávida passava pras *irmãs* (conjunto feminino). Antigamente as meninas casavam muito nova, muito nova mesmo.

Os Conjuntos dos jovens e adolescentes, "Atalaias de Cristo" e "Eterno Louvor", são vistos como grupos com características que demandam cuidado especial por parte da Igreja. Se após o casamento as mulheres vão para o conjunto feminino, parece haver uma lacuna concernente à posição masculina nesta fase da vida.

Os fiéis da Assembleia de Deus são conclamados a rejeitar ao que denominam 'mundo' como um lugar diabólico (BIRMAN, 2005). 'Mundo' é considerado todo tipo de sociabilidade que contrarie os preceitos doutrinários da Igreja. Na juventude acontece a maior parte dos *desvios*, principalmente entre os rapazes que começam a trabalhar na pesca e saem do espaço

⁶⁷ Atalaia é o mesmo que um vigia ou segurança. Atalaia de Cristo significado aquele que guarda (zela) a palavra de Jesus Cristo em seu coração e a pratica. "Eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a PALAVRA e os avisarás da minha parte" (Ezequiel 3:17).

“controlado” pela família e a Igreja. Em todas as entrevistas que fiz com homens pescadores que hoje *estão* na Igreja, é relatado esse processo de afastamento onde o “crente” conhece o “mundo” ao cometer práticas como fumar, beber e praticar sexo fora do casamento. Segundo Bakker (2008) o *desvio* da Igreja, vivido principalmente pelos homens na juventude, constitui em Provetá um período de *liminaridade*, anterior a constituição da família e ingresso na “fase adulta”. O viver *aqui e agora* são modos pertencentes à juventude que neste caso parece motivar o afastamento e *desvio* da Igreja.

Ana desde a infância frequenta Provetá em suas férias de verão. Proveniente da capital paulista, o lugar para ela sempre foi referencia de alegria e descontração. Em alguns anos da adolescência Ana teve um romance com um rapaz, na época *desviado* da Igreja, chamado Joel, mas contou-me que quando o trocou por seu irmão Edson viu-se muito mais interessada. O casal se apaixonara e namoraram no decorrer de dois verões consecutivos. Mas os períodos de férias sempre chegavam ao fim e ela retornava para a vida na metrópole, onde começou a trabalhar como *design* de interiores. No entanto, há mais ou menos quatro anos, Ana largou um bom emprego e a família para viver com Edson em Provetá.

Quando a conheci em 2007, não parecia muito satisfeita com o casamento mesmo se dizendo muito apaixonada pelo marido. O principal motivo das discórdias era o envolvimento de Edson com as drogas. Colocando-se inteiramente contra o uso das drogas, Ana, pertencente à Igreja Batista desde a infância, me dizia que não suportava a ideia de entrar para Assembleia de Deus local sozinha, sem o marido. Inserida numa circunstância comum às mulheres provetaenses, Ana me dizia que não havia se casado para passar as noites orando, enquanto o marido passava as noites nos bares e no forró de Provetá⁶⁸: “Se é para irmos à Igreja ou para o forró, temos que ir juntos”. No trabalho de Bakker (2008), há um interessante depoimento de Edson. Mesmo *desviado* e apelidado Cabeleira, Edson mostrou imenso respeito à doutrina da

68 Enquanto analisa o desvio masculino Bakker (2008, p.85) expõe em nota: “(...) cabe assinalar o orgulho no tom de voz dos homens (crentes, afastados e desviados) quando estes dizem o quanto suas esposas são crentes exemplares, que participam intensamente da vida comunitária da Igreja (cozinhando e trabalhando em seus eventos) e que estão presentes em todos os cultos, reuniões e orações das tardes e madrugadas, dedicando-se exclusivamente a sua família, sua Igreja e à Obra de Deus”.

Igreja local. Enquanto estavam juntos em um bar, Bakker lhe perguntou se algum dia ele havia sido crente e este lhe respondeu ofendido:

“Já fui não, eu sou crente! Eu to desviado agora mas eu sou crente! Sendo da Igreja ou não, todos nós aqui somos crentes em Provetá porque nós nascemos na Igreja, todos nós acreditamos em Deus, somos tementes a Deus e respeitamos Ele. Se eu não to na Igreja agora é por respeito a Ele porque eu to bebendo, to fumando, mas eu vou parar com tudo isso rapaz, se Deus quiser eu paro.” (Bakker 2008, p. 84).

“Nascido e criado” na Assembleia de Deus local, Edson passou boa parte da juventude cometendo práticas contrárias à doutrina da Igreja. Mesmo assim se considerava um “crente”, pertencente à membrasia da Assembleia local. No entanto, Edson não pode continuar no *desvio* após seu casamento, com sua mulher como a salvaguarda da família recém-estruturada. Ana não consentiu adotar tal posição, comum às mulheres locais que acabam por realizar práticas opostas as dos jovens maridos, principalmente nos anos iniciais do casamento. Mesmo considerando algumas proibições da Igreja severas e vazias de significado (como a proibição de bermuda e calça para as mulheres e à prática do futebol⁶⁹ que seu marido tanto gostava) Ana mostrava-se favorável à conversão na Igreja local desde que Edson também voltasse à sua condição de “crente”. Enfatizava que seu sonho era que ali houvesse uma igreja Batista, para gozar de mais

69 Práticas relacionadas ao futebol tem se instaurado no Provetá. Muitas casas exibem bandeiras de times, meninos desfilam com camisetas e a pelada do fim de tarde no campo de futebol no canto esquerdo da vila é um ritual diário. Os meninos mais novos jogam na praia uniformizados. Os mais velhos, que geralmente são *desviados* da Igreja, pescadores ou não, utilizam o bonito campo que fica atrás da praia. Foram os próprios moradores que o montaram, mas a prefeitura quem instalou os holofotes. Perguntei a um amigo “nascido e criado na Igreja” se permitiam que ele jogasse quando era criança e ele disse que não, que jogava escondido e quando seu avô o pastor presidente Salles o via jogando, levava ele embora “pela orelha”. Também me disse que há pouco tempo era raro ver alguém com camisa de time, principalmente crianças. Magnum, na época desviado, desfilava nas noites frias com um bonito casaco do Flamengo comprado por mais de duzentos reais. Membros da Igreja local não jogam futebol na vila. Somente os *desviados* frequentam as peladas, evento muitas vezes regado a álcool e outras drogas.

Procurei em sites da Assembleia de Deus o que a instituição nacional dizia sobre o futebol e acabei encontrando “regras” para esse tipo de prática esportiva: 1) Esportes violentos devem ser evitados (um crente jamais responderá com agressão).

2) Devo saber com quem estou jogando futebol (jogar futebol no meio de ímpios certamente é falta de vigilância e perigoso). Não jogue constantemente e desnecessariamente com “coleguinhas” ímpios, qualquer dia você vai acabar metido em confusão. Isso deve ser exceção e não prática na sua vida. 3) Se algum ímpio está no meio dos cristãos, ele deverá ser influenciado e não influenciar (vale orientá-lo antes de começar o jogo). 4) Devo saber a hora de parar (quando a brincadeira se torna desleal, violenta, etc.). 5) Não posso deixar o futebol virar um vício (Exemplo: deixo a mulher todo final de semana sozinha para ir jogar futebol). 6) Nos exemplos acima não está sendo levado em conta o esporte como profissão, ou competições oficiais do colégio, etc. Nestes casos, a chance da maioria ser ímpio será grande, vale prestar atenção então no bom testemunho e santidade, não se envolver em tumultos e não entrar na provocação do jogo.

de liberdade sem abrir mão da religiosidade. Ana achava que assim o marido conseguiria seguir a direção certa mais facilmente.

As categorias “afastado” e “desviado”⁷⁰ possuem características distintas, mas designam posições sociais próximas. Ao se considerar (e ser considerado) um “afastado” o retorno à Igreja parece ser iminente, o indivíduo está mais próximo da categoria “crente”. O início do *desvio*, principalmente por parte dos mais jovens, costuma ter a designação “afastado”. Mas quando o *desvio* se estende por períodos mais longos, como homens que ficam vários anos afastados entram e prosseguem na “fase adulta” longe das atividades religiosas, começam a ser considerados e designados como “desviados”. Essa posição indica maior distanciamento com relação à Igreja. Comum aos dois tipos é a manifestação do desejo e esperança de um dia retornarem a ser “crentes”. Se o *desvio* proporciona um novo campo de práticas possíveis para o ator social, “este não fizera o mesmo com suas crenças em Deus, no Diabo, e na inevitabilidade do Inferno, caso permaneçam indefinidamente onde estão” (Bakker 2008, p.78). Portanto, tais fronteiras classificatórias entre “crente”, “afastado” e “desviado” mostram-se frágeis frente à subjetividade dos indivíduos na relação destes com a circularidade de posicionamento religioso na trajetória de sua vida.

Após um período conturbado Edson e sua mulher se integraram oficialmente a membrasia da Igreja local. Em meu último trabalho de campo, me hospedei na casa do casal. Edson, após ser batizado *nas águas*, continua firme na Igreja e no seu trabalho na pescaria. Ana está feliz com o pequeno Valentim que nasceu há pouco. Diz estar satisfeita com o marido e já se acostumara com a nova Igreja, na qual trabalha voluntariamente como tesoureira.

A história de Edson mostra a circularidade dos jovens, principalmente do sexo masculino, frente às categorias de pertencimento formal da Igreja local. Mesmo havendo um notável desvio comportamental, esses jovens exibem respeito à doutrina que adquiriram ainda crianças e também uma forte inclinação ao regresso à religiosidade em uma fase posterior da vida. Desse modo, parece que “os homens são libertados da estrutura e entram na *communitas* apenas para retornar a estrutura, revitalizados pela experiência na *communitas*” (TURNER, 1974, p.157).

70 Para análise das categorias “crente”, “afastado” e “desviado” em Provetá ver BAKKER 2008, capítulo 2.

3.3 O novo pertencimento contínuo

Como o seu pai e avô, desde muito jovem, Edson trabalha em posições inferiores na hierarquia do trabalho na pesca⁷¹. Mais de uma vez tive a oportunidade de testemunhar Cabeleira dando conselhos a rapazes mais jovens, principalmente a seu irmão caçula, meu amigo Teco. Ele sempre lhe dizia que se a vida lhe oferecesse a oportunidade, deveria continuar os estudos e não trabalhar na pescaria embarcada e assalariada; considera o trabalho pesado, perigoso e pouco rentável.

Nos quatro anos que frequentei a vila pude perceber que a maior parte dos jovens *desviados* é de pescadores e os que pertencem ao grupo de jovens da Igreja que não foram para a pescaria e continuaram seus estudos. Muitos não passam a semana em Provetá e sim em Angra dos Reis ou nas cidades próximas que possuem universidades particulares como Barra Mansa e Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Essa característica é vista como desígnio de Deus, uma profecia feita anos atrás e que está se cumprindo: a de que esta geração seja uma “geração de doutores”. Gustavo, pastor e dirigente da mocidade, expõe o que entende sobre as características dos jovens provetaenses de hoje:

Eu trabalho só com os jovens. A atuação dos jovens hoje não tem tanta exigência dentro da Igreja. Primeiro que o jovem hoje ele quer ter uma certa liberdade, quer ter sua própria vida. O jovem do Provetá hoje mudou, a característica dele mudou. Tem o antes da luz e o outro depois da luz. O jovem provetaense antes luz ele era voltado para uma situação central, só do local, ele era centralizado com a pesca, era centralizado com a Igreja, e centralizado com a comunidade. Hoje o jovem depois luz, ele é centrado com os estudos, com a sua profissão e com a família. A Igreja não digo que está em segundo plano ainda, mas ta quase chegando ao segundo plano. E nisso engloba também os jovens que não são da Igreja, porque os jovens que não são da Igreja já foram.

71 No barco de pesca há uma hierarquia de trabalho, na qual há diferenças de função e ganho salarial. Quem está no topo da hierarquia é o *proeiro* que comanda a equipe, e faz todas as decisões referentes ao trabalho empreendido no barco. O dono do barco recebe metade dos ganhos do pescado e a outra metade é dívida entre os pescadores. O proeiro recebe metade dos ganhos e os demais pescadores recebem a outra metade. Os ‘safadores de gelo’ são aqueles que trabalham com o armazenamento dos peixes no barco, função que recebe a menor remuneração.

A terceira geração de evangélicos da Assembleia de Deus Provetá, os netos dos primeiros convertidos (que fazem parte das famílias consideradas “tradicionalistas” e que de alguma forma ascenderam socialmente), são rapazes e moças que parecem usufruir de uma situação econômica que permite avançar nos estudos e manter uma relação diferente com a Igreja e com a comunidade. Segundo a visão de Gustavo, se antes os jovens se viam sem grandes perspectivas e invariavelmente trabalhavam na pesca, hoje eles possuem uma “visão de mundo ampliada”, proporcionada pelos meios de comunicação, o crescente acesso à educação formal e também pela ascensão social de parte da comunidade provetaense. Portanto, os jovens que *estão* na Igreja não são pescadores e pertencem ao que seria a elite local. Mais do que uma distinção pela situação religiosa em que o jovem se encontra, *crente* ou *afastado*, parece haver uma distinção de classe social. Os jovens que precisam trabalhar vão para a pesca e os que não precisam farão parte de uma “geração de doutores”. No entanto, é interessante distinguir que aqueles que continuam os estudos, apesar de se afastarem momentaneamente da comunidade, não se afastam da religião, comportamento comum àqueles entram para a pescaria.

A característica da Assembleia de Deus ao não elogio da cultura erudita e a ênfase na capacitação pura e simples da escrita e leitura, alargou a porta de entrada na igreja da reduzida camada média baixa para as camadas populares (MAFRA, 2001). Mas essa camada social em Provetá (e também no interior da sociedade mais ampla⁷²) se vê em voltas de uma ascensão que possibilita a ampliação dos anos de estudo da nova geração em formação. Frente a esse fato, assim como para Geertz (2001), me via muitas vezes como uma exemplificação, uma vitrine ambulante das oportunidades que eles logo terão na vida, se não os informantes, com certeza seus filhos.

72 Segundo a "Síntese dos Indicadores Sociais 2000" do IBGE, a escolaridade média dos jovens de 15 a 24 anos aumentou 1,2 anos, mas a proporção de trabalhadores nesta faixa etária caiu de 59,2%, em 1992, para 51,7%, em 1999. A preocupação com aumento da escolarização é maior entre os jovens de 20 a 24 anos chegando a 51% de crescimento (de 16,9%, em 1992 para 25,5% em 1999). Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/default.php> em 10/08/2011.

Como indicado por Gustavo, esse segmento etário não é muito presente na religiosidade local e seu papel nas atividades habituais da Igreja é secundário. No passado os jovens eram responsáveis pela banda de música, muitos tocavam violão, bateria, clarinete. Hoje com o advento do *playback*, os corais não têm mais necessidade desses jovens para a realização dos ensaios e das apresentações. De fato, vejo que os jovens são pouco participativos nas atividades da Igreja, a não ser para organizar a festa do seu próprio conjunto.

3.4 A eficácia da festa pentecostal para a *reinserção do membro desviante*

É importante considerar a rejeição que os protestantes fazem da ideia de existir um valor inerente às ações rituais ou que somente através desses sacramentos que os homens entram em contato com o divino e recebem suas graças. Durkheim (1996) cita Max Weber ao dizer que este considera a importância e a relevância do ritual na relação com as divindades a questão mais importante na diferença entre cristãos católicos e protestantes. Como já mencionado, Contins (2004) conclui que a relação com o *Espírito Santo*, elemento importante da doutrina pentecostal, “possui uma lógica individualizante, onde se configura uma autoconsciência a partir de uma relação não ritualizada”. No caso provetaense, a manifestação do *Espírito Santo* também não está inteiramente vinculada a expressões rituais especiais. *Deus está sempre presente* nos cultos habituais e realmente não existe uma data específica para se revelar. Mas não é possível afirmar que a celebração é desprovida de rituais específicos na relação com o sagrado Segundo Mafra (2001), ‘no sentido oposto da ruptura litúrgica dos primeiros protestantes, uma das tendências fortes no campo evangélico atual é a recuperação do rito’, principalmente entre os evangélicos de denominações mais recentes⁷³. Com esse trabalho quero enfatizar a relevância dos rituais

73 No Brasil, as igrejas mais representativas do neopentecostalismo são a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Renascer em Cristo, a Igreja Mundial do Poder de Deus a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra a Igreja Batista Nacional e o Ministério Internacional da Restauração.

para a religiosidade dos pentecostais provenientes de uma linhagem mais tradicional, como é o caso da Assembleia de Deus de Provetá.

Dona Maria está afastada da Igreja há cinco anos. Proveniente da praia da Longa, mas moradora de Provetá desde seu casamento narra:

Aqui é um lugar que não tem opção de nada, tem uns barzinho lá no canto só, mas não tem muita coisa assim pro pessoal se divertir, então o que tem aqui de diferente é a Igreja mesmo, aí o pessoal acaba vindo aqui pra praça, e muita gente entra na Igreja, assiste o culto, até gosta, depois na próxima festa volta de novo porque gosta.(...) As outras praias aí também tem igreja evangélica, que também fazem festa, mas não é igual aqui no Provetá. Aqui é o foco. Não sei se porque a Igreja é maior, é a mãe de todas as igrejas das outras praias, mas é sempre assim, as festas falada é aqui. Festa falada evangélica né? Tem Festival de Mexilhão, Festival de Musica no Abraão, na Praia Grande, mas evangélica é só aqui.

Os evangélicos que vão pouco à Igreja, alguns *afastados*, *desviados*, frequentam as festas religiosas por curiosidade, para participar da movimentação existente ou até mesmo por não ter outra coisa para fazer naquela noite. Abraão, pescador catarinense que nunca pertenceu à Igreja disse: “Falou em festa a Igreja lota, pode nem ser boa, mas a maioria vai ver o que vai acontecer, não tem o que fazer em casa vai ver”. As festas religiosas promovidas pela Assembleia de Provetá se configuram como rituais importantes com ampla visibilidade local. Nos dias de festa, a Igreja ocupa não só o centro do espaço público no plano físico (o prédio se situa na praça central), mas ganha evidência na vida comum dos moradores, pois as atenções se voltam para o que os evangélicos produziram. Desse modo, a cada dois meses, a sacralidade do território é reiterada por tais eventos. Nos dias festivos a Igreja mostra toda sua vitalidade enquanto principal instituição local ao fazer com que a maior parte dos moradores participe da festa, mesmo como mero observador da movimentação existente. É no decorrer desses eventos que os moradores (evangélicos ou não) veem manifestar aquilo que entendem como o expoente da cultura local.

Em depoimentos alguns “crentes” disseram como compreendiam as festividades religiosas locais:

Fica mais avivado! A Palavra do Senhor, diz que temos que celebrar com ele, que temos que ter contato com ele. E na festa fica mais fácil porque a gente fica mais alegre, todo mundo fica alegre, aí ele se alegra também. Isso pra nós é importante. Jesus gosta disso, da gente alegre com ele, festejando ele. Zé Pimenta, 65 anos.

Ah não faltou não. É festa minha filha! Você viu na *festa dos Gideões* como é que tava? Eu fiquei em pé Mariana! É muita curiosidade. É muita gente “de fora”, a gente vai pra ver os cantor que vem “de fora” cantar, eles pagam muito cantor evangélico aqui. Tuca, 39 anos

Quando eu era nova eu não era da Igreja, mas quando tinha festa eu não perdia uma! Eu ia pro culto. Eu acho que tem aquela coisa do sangue mesmo. Quando você gosta, mesmo você não sendo evangélico, mas eu acho que já vem no sangue. Você não consegue ficar sem Igreja aqui no Provetá. Mesmo que tivesse outro tipo, outro lugar assim pra ir, mesmo assim muita gente iria na Igreja. Solange, 35 anos

Quando perguntados os crentes enfatizam o quanto aquele momento é bom, intenso, aviventado, para usar uma expressão evangélica. A reunião de uma multidão, a dificuldade de encontrar um espaço para sentar, as apresentações do conjunto festejado, o teatro, os cantores e pregadores contratados, são os caracteres mencionados para justificar a distinção das festas em meio às demais atividades da Igreja. O último depoimento evidencia como a festa é considerada um expoente da cultura local, na qual os provetaenses não podem e não *conseguem* deixar de ir, visto que a frequência ao templo é um hábito que já está *no sangue* do provetanense. Também é visto e vivenciado como um *espetáculo*. Com as festas religiosas a Igreja pentecostal em Provetá produz relevante ludicidade religiosa, como explicitado no segundo capítulo.

Os discursos sobre esses eventos dão pistas para o entendimento de como a religiosidade opera no lugar. Os líderes intermediários da Igreja, responsáveis pelos cultos festivos (personagens ritualmente definidos, situados numa relação hierárquica da Igreja local) sugerem outras concepções sobre as festas. Nos discursos dos dirigentes dos conjuntos a alegria também é mencionada. Mas para quem trabalha na produção das festas, é preciso mais que isso. O que é vislumbrado é a extensão do auxílio espiritual. Boeca, pescador e dirigente do conjunto dos adolescentes, quando discorre sobre as festas contempla outras finalidades prioritárias:

A festa é boa em si, festa é festa. Você sabe que festa todo mundo come, todo mundo gosta, todo mundo fala, todo mundo comenta é aquele comentário que é uma festa. Aquela aglomeração de gente, né? Mas o resultado de uma grande festa, pra ela ter um final feliz, na minha concepção, ela tem que ter salvação de almas, as pessoas se

rendendo, tem que ter cura, tem que ter libertação, as pessoas drogadas entrar na Igreja e saírem liberas, pessoas doentes que saem da Igreja curadas, esse é o resultado de uma festa. Nós fizemos uma festa não somente para ficar lá cantando, ela tem que ter resultado. Que não vale a pena, você fazer uma festa, se desdobrar todo e no final só glorificou a Deus. Tudo bem eu acho que é a nossa meta, mas a glorificação a Deus tem que gerar esses efeitos.

As festas pentecostais são importantes rituais de expansão da doutrina. Por ser um culto mais elaborado, possui alcance maior, tanto para os membros assíduos ou mais faltosos, como também para aqueles que estão *afastados* ou *desviados*. Boeca não trabalha apenas para a festa do seu conjunto ser considerada bonita e animada. De acordo com ele os cultos festivos precisam operar como catalisadores de manifestações espirituais como a cura de doenças, tanto físicas como morais, aquilo que os evangélicos denominam *libertação*. É considerado um momento especial no contato com o sagrado. O que parece decisivo para o sucesso da festa é a atenção daqueles que estejam “fora” da Igreja. É um evento produzido para que as pessoas *entrem na Igreja*. Desse modo, há um nítido protagonismo do grupo que está passando pelo rito de passagem local. Os “fracos”, aqueles que na estrutura social local estão em uma posição inferior possuem nesses dias especiais um *status* distinto, privilegiado. Segundo Turner (1974) toda posição social tem algumas características sagradas, no entanto, este componente ‘sagrado’ é adquirido pelos beneficiários das posições durante os *rites de passage*, graças aos quais mudam de posição. Portanto, o destaque do “afastado” e “desviado” nas festas religiosas é manifestado pela possibilidade de uma iminente mudança social.

Van Gennep (1978) mostra em seu trabalho sobre os ritos de passagem ou de ‘transição’ que estes se caracterizam por três fases: separação, margem e agregação. A primeira abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou grupo de um ponto fixo anterior na estrutura social. No caso da religiosidade de Provetá, o afastamento se dá quando o jovem sai do domínio da Igreja e da comunidade quando este se insere no trabalho e conhece o “mundo” cometendo ações que desafiam os preceitos doutrinários da religiosidade local. Durante o período ‘limiar’ intermédio, as características do sujeito ritual (o ‘transitante’), no caso local os “afastados” e “desviados” são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro (bebem, usam

drogas, não frequentam os cultos *habituais*, etc.). Na terceira fase (reagregação ou reincorporação) consuma-se o rito de passagem.

Quando há festa religiosa, os moradores da vila estão de alguma forma envolvidos nos preparativos, na participação dos cultos ou apenas frequentando a praça nos dias festivos. O evento se torna o centro das atenções e por isso é considerado o momento propício da volta de um sujeito *desviante* ao seu grupo social. Todos parecem saber disso, tanto a Igreja como aqueles que estão afastados. Sugiro que as festas da Assembleia de Deus local sejam rituais importantes para a *reagregação* dos sujeitos, pois a maior parte dos retornos à Igreja ocorre em dia de festa religiosa. A Igreja e sua comunidade são ‘coroadas’ com a reinserção de um membro. Neste momento ritual o indivíduo *desviante* deixa de lado a *rebeldia* e se submete ao grupo, reafirmando-o. Conquista pessoal e comunitária referente à *glória* da religiosidade local. Assim, o momento ritual de reintegração é o momento mais aguardado e considerado uma das prioridades das festas religiosas.

3.5 Gideões: Os pescadores cantores

Turner (1974) aponta a submissão como característica importante das pessoas em estado limiar. Desse modo, em muitos ritos de passagem os neófitos devem se submeter a uma autoridade que nada mais é senão a da comunidade total. Esta comunidade é a depositária da gama completa dos valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações. Se apresentar ao final de um culto festivo, em meio à festa e aleluias, é parte importante do retorno de um membro à Igreja, mas não é a única. Para que o retorno seja consolidado é preciso se desculpar publicamente pelas práticas desviantes cometidas.

Certa vez, participei de um ‘culto de doutrina’ que acontecia a portas fechadas, onde apenas membros da Igreja devem e podem frequentar. No decorrer da reunião, pastor Osmar lia versículos da Bíblia e em seguida dava uma explicação sobre tais fragmentos. Para mim, o culto estava monótono, pois era uma reunião de estudo e não havia manifestação dos fiéis. Ao final da reunião, um homem se dirigiu à frente do púlpito, se ajoelhou diante da membrasia presente e

fez uma confissão pedindo perdão à Igreja e seus membros por ter passado pela fase do *desvio*. Eu fiquei impressionada com a cena que acabara de presenciar: um homem forte, pescador, numa postura de humilhação perante seus amigos e vizinhos, demonstrando arrependimento e humildade ao fazer o retorno a sua congregação. Entretanto todos pareciam familiarizados com o procedimento. Afinal, a confissão pública é parte imprescindível da reinserção de membros desde o estabelecimento das primeiras igrejas protestantes no Brasil⁷⁴.

Manoelzinho é filho do ex-pastor presidente do ministério da Assembleia de Deus de Provetá, o Pastor Salles, e há poucos anos também foi formado pastor. Além de ser figura destacada da Igreja, é proeiro do maior barco de pesca de Provetá. Durante anos consecutivos foi o presidente da Associação dos Moradores local. O carismático dirigente do conjunto masculino Gideões explica o que entende como a configuração do conjunto, ao descrever as características dos seus membros:

A maioria dos Gideões são pessoas que foram viciadas em drogas, viciadas em cachaça principalmente né? Em baralho, em todos os vícios, então nossa função é também resgatar as pessoas que estão com os mesmos vícios daqueles que já foram antigos. No caso, você sabe quem é o pastor Timóteo, aquele bem alto? Então aquele foi um viciado, levou até tiro e tal, então conseguimos resgatar e hoje é um pastor. Nós mudamos praticamente o curso da natureza em relação a isso. Nossa função na realidade é buscar as pessoas que estão perdidas sem solução mais. Vamos supor “ah esse não tem mais jeito”, a sociedade não dá mais jeito... No nosso grupo tem uns garotos, uns irmãos que a sociedade não tinha mais jeito, entendeu? Então era até difícil pra polícia, aquele negócio todo. Jesus salvou, restaurou e hoje tá de pé, ganhou crédito de novo, tem crédito na comunidade (de Provetá), na cidade (de Angra dos Reis).

O conjunto masculino possui em média oitenta integrantes. Oitenta membros ativos, pois tem sempre aqueles que ficam na dúvida se integram ou não o conjunto. Há homens que preferem não se envolver nas atividades do conjunto e mesmo assim são membros formais da Igreja. Segundo discurso de Manoelzinho a vida dos homens que compõem o conjunto masculino foi fortemente marcada pelo desvio moral. O propósito da religiosidade, portanto, seria o resgate dos indivíduos que se encontram nesta condição. Aqueles que foram

74 Segundo Mafra (2001) quando comprovada a culpa de um mau passo do fiel, a primeira igreja protestante do Rio de Janeiro suspendia o membro temporariamente da comunhão, dando-lhe um prazo específico para a confissão pública e o arrependimento.

anteriormente *libertos* agora trabalham para que os mais jovens também sigam livres do que consideram jugo maligno. Assim, a religião poderá modelar o “crente” induzindo-o a certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade cotidiana, alterando a qualidade da sua experiência de vida (DURKHEIM, 1996).

O Conjunto dos Gideões foi formado no final dos anos 80 também pelo já mencionado presbítero Noé da Silva. Ele começou a perceber que os homens que retornavam do desvio, não tinham uma participação intensiva nas atividades e cultos da Igreja. Na época, os homens nessa situação tinham obrigatoriamente que entrar para o conjunto dos jovens e ele começou a achar que isso fazia com que eles se sentissem pouco a vontade na Igreja. Certo dia, Noé chamou alguns irmãos que estavam nessa situação para ensaiar um hino a ser apresentado no culto de domingo e apareceram oito irmãos para o ensaio. Quando houve a apresentação do pequeno conjunto pela primeira vez foi um sucesso. A Igreja se comoveu muito e todos gostaram da atuação dos Gideões e o desempenho da regência⁷⁵ do irmão Noé.

Disseram-me que na época de fundação dos Gideões houve um envolvimento grande e muitos homens que hoje acompanham o ministério, o corpo ministerial, retornaram para a Igreja. Noé conseguiu reunir não só *novos convertidos*, mas o conjunto Gideões acabou incluindo a maior parte dos membros masculinos e casados da Igreja. O administrador Gustavo, presbítero da Igreja lembra a atuação evangelista do grupo:

Então concordaram em fazer evangelismo aos domingos e o meu pai acordava cinco horas da manhã. Eles tinham um megafone, ele ia pra praça da Igreja e ficava cinco horas da manhã, gritando: ‘Gideões, ta na hora Gideões de sair pra fazer evangelismo, de evangelizar, tem pessoas esperando nós!’. Aí os pescadores que já tinham chegado sexta-feira da pesca e queria passar o domingo ou o sábado com a esposa sossegado, já eram incomodados na parte da manhã. Mas eles também levavam aquilo numa boa, ninguém reclamava, todo mundo até gostava desse alarme quase na madrugada na vila pra poder os pescadores se levantarem, irem pregar o evangelho... Aí aglomerava na praça, juntava aquela turma de gente e todo mundo levava sua marmita, sua comida, seu lanche. Existia uma alegria sabe naquelas pessoas, existia uma espontaneidade, ‘po a gente ta fazendo alguma coisa pra Deus’, o sentimento interno deles era esse. Até então esse era um ato da

75 O desempenho da regência dos corais é bastante curioso. Enquanto o coral canta os regentes ficam mexendo as mãos como um regente de orquestra, como uma forma de incentivo e também de autoridade, pois o hino que está sendo executado foi anteriormente ensaiado por aquele regente.

Igreja de fazer, mas já estava em esquecimento algum tempo, a Igreja aqui de Provetá sempre ela foi uma Igreja evangelizadora, ela fazia evangelismo na Praia Vermelha, Araçatiba, fazia evangelismo no Bananal, em alguns lugares da Ilha Grande. Depois de um tempo esse hábito foi suprido (*suprimido*). As pessoas já não evangelizavam, ficou naquela monotonia, só todo mundo enfiado na Igreja e isso provocou uma ansiedade assim nas pessoas que queriam que alguma coisa nova acontecesse. Quando os Gideões se formou esse hábito começou novamente a revigorar na vila e o que aconteceu? Eles vieram como uma reavivamento muito importante dentro da Igreja.

O Gideões é aludido como um conjunto que possui a responsabilidade de pregar o evangelho. O evangelismo é uma prática que em tese todo “crente” precisa adotar. Mas em Provetá seria em princípio uma obrigação confiada aos homens. De acordo com Manoelzinho por serem homens e pescadores, eles possuem “uma força maior e uma atividade melhor, além de andar nos lugares mais difíceis”. Por isso os Gideões são os responsáveis por essa parte do trabalho na Igreja. O trabalho evangelista dos pescadores pode realmente ser pensado como um importante meio de divulgação da doutrina, pois a pesca exige viagens e contato com pessoas incrédulas nos diversos cais de pesca em que trabalham. Mas na opinião de alguns membros, a característica dos Gideões como evangelistas não condiz mais com as atuais atividades do conjunto. Para Gustavo, pastor, presbítero e também um *gideão*, hoje o conjunto “é simplesmente um conjunto, junto com os outros conjuntos, dentro da Igreja”. Um conjunto hoje tem por finalidade última o louvor, ou seja, engendrar o desenvolvimento da liturgia da Igreja. Segundo o pastor essa não é a finalidade específica até mesmo do cristão, porque negligencia a obrigação de evangelizar: “Assim nós negligenciamos essa ordem e nós negligenciamos o futuro da Igreja, negligenciamos o bom andamento da Obra e assim por diante”.

O grupo foi formado em 1987 e em 1988 não foi comemorado o primeiro aniversário. Em Janeiro de 1989 houve a primeira festa, onde todos os Gideões vestiram um uniforme branco, com uma faixa de cetim azul e gravata borboleta. No ano seguinte Noé ficou doente e em 1990 faleceu. Dos Gideões ele só viu o primeiro aniversário. Se antes do surgimento dos Gideões o principal culto festivo era o aniversário de fundação do templo, hoje a festa “mais falada” que acontece em Provetá é a festa dos Gideões, a celebração do conjunto composto pelos homens, os

chamados “pescadores cantores”. Manoelzinho explica o que entende como propósito da festa do seu conjunto e comemora o sucesso do estabelecimento da religiosidade pentecostal local:

A festa, na realidade, vamos supor que você vai agradecer a Deus, quatro, cinco dias ou três dias, você vai agradecer a Deus pelo decorrer do ano pelas vitórias que você teve. No grupo, 80 componentes, todos eles tiveram vitória de Deus naquele ano. Um Jesus curou o filho, um Jesus libertou a esposa e muitas coisas que se você for dar a oportunidade todos vão ter o testemunho pessoal, de uma experiência própria e não dos outros, a contar. Então você reúne aquele grupo para agradecer a Deus, festejar, fazer uma festa em alegria aquele momento, entendeu?(...) O perdedor nunca dá festa, só dá festa quem ganha não é verdade? Então nós estamos sempre ganhando.



Parte do Conjunto Gideões posando para foto após culto festivo.

4 TURISMO E VISITAÇÃO RELIGIOSA ENTRE ASSEMBLEIANOS NO PROVETÁ

4.1 Introdução

Mesmo com uma baía de águas claras, “o Provetá” é comumente percebido e designado como um local não turístico por causa de suas características socioculturais. A proposta deste capítulo é deslocar a “sombra” projetada sobre a vila Provetá quando o assunto é a movimentação turística que, em seu contexto regional, vem se desenvolvendo como a principal atividade econômica. Embora seja claro o conflito existente entre a “natureza religiosa” daquele território e as tentativas de integração com as atividades turísticas, ali existe, não somente, atores sociais locais em disputa sobre qual rumo tomar frente a nova realidade socioeconômica⁷⁶ (MENDONÇA, 2009), como também um fluxo contínuo e específico de “pessoas de fora” que visitam o local, que pode ser considerado como um tipo igualmente específico de turismo, voltado para a visitação religiosa.

Turismo indica movimento de pessoas que não estão a trabalho em contextos diferentes do de origem, seja este o lar, a cidade ou o país. Trata-se, geralmente, de visitação a lugares onde poderão ser desempenhadas as mais variadas formas de atividades práticas e/ou subjetivas desde

⁷⁶ Para análise sobre os embates locais e discursos de atores sobre a implantação do turismo na vila Provetá ver Mendonça 2009.

que não o trabalho (GRUNEWALD, 2003). Segundo Miranda (2006), o turismo e as práticas do ócio são realizadas por existir um excedente financeiro, poder aquisitivo e que diante dessa demanda se desenvolveu a indústria do ócio, que virou negócio e consumo. Desse modo, o turismo e lazer transformaram-se, na sociedade contemporânea, em uma atividade de consumo e não mais em uma questão de identidade e auto-realização (URRY, 2001). Este fenômeno moderno tem sido pensado (pelas análises sociológicas, meios de comunicação, indústria do turismo, sociedade mais abrangente) como um bem de consumo das elites. Esse tipo de análise se restringe a um universo social específico e exclui a população mais pobre das práticas turísticas. No entanto, o desenvolvimento da sociologia voltada à análise do turismo vem substituindo seu enfoque voltado para apenas um tipo de turismo: aquele desenvolvido pelas camadas sociais mais altas. Afinal, o turismo se apresenta como um fenômeno tão complexo, que é passível de ser analisado sob múltiplas abordagens, o que resulta na dificuldade de se ter uma definição clara e consensual dos seus contornos (CARNEIRO & FREIRE-MEDEIROS, 2004). Desse modo, volto meu olhar para um movimento que não tem implicações econômicas como pressuposto.

Na primeira parte do capítulo apresento uma análise sobre como Provetá é considerado um local “não turístico” frente à movimentação existente em Angra dos Reis e Ilha Grande. Também analiso as recentes tentativas de construção da imagem da vila como potencial destino turístico. Para isso, recorro a narrativas sobre o local, veiculadas pela internet, hoje considerada o meio de comunicação mais importante pela indústria do turismo.

O capítulo prossegue abordando a recepção de visitantes evangélicos. A relação entre algumas igrejas e a Assembleia de Deus Provetá gera um trânsito específico de pessoas na Ilha Grande⁷⁷. Deslocamento e recepção são feitos de acordo com um calendário próprio. Existe um intercâmbio entre as igrejas Assembleia de Deus que tem a Igreja de Provetá como matriz. Quando há festividades na Igreja local, alguns grupos são convidados a prestigiar o evento. Fiéis assembleianos também frequentam a vila de Provetá, o berço do ministério, por esta

77 Os visitantes religiosos são provenientes de igrejas Assembleia de Deus do estado do Rio de Janeiro, litoral norte de São Paulo e alguns mineiros que fazem parte da membraia de assembleias provenientes do ministério Provetá.

caracterizar-se como um “território especial”, onde a crença e os costumes pentecostais são altamente valorizados, isso cingido por em uma bonita paisagem. As viagens empreendidas pelos fiéis provetaenses normalmente são vinculadas a celebração de festas em igrejas pertencentes ao ministério (por exemplo: o grupo de jovens da Assembleia Provetá vai para Angra ou praias vizinhas acompanhar a celebração do grupo jovem da igreja visitada). Isso faz com que exista um tipo de *circuito*. Nele há o exercício de uma prática de visitação a lugares que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; mesmo assim ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais, possibilitando o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos (MAGNANI, 2005).

Ao nos voltarmos para esse tipo de visitação, sem o olhar tradicional que os percebe como populações subservientes e subjugadas pelo turismo hegemônico, presente na maior parte da Ilha Grande, podemos entender de que forma acontece um intenso fluxo de viajantes que não são percebidos pela estrutura turística vigente (LEAL, 2007). A prática de visitação e intercâmbio entre igrejas não é uma característica exclusiva da Assembleia de Deus Provetá; é bastante comum, principalmente entre os missionários e pregadores que viajam por muitas cidades e vão até mesmo para o exterior “levar a Palavra” (MAFRA, 2001). Mas o fluxo de visitantes no cotidiano da vila de Provetá e seu significado na vida dos visitantes e *visitados* me parece proeminente.

Na última parte do trabalho analiso a etnografia de uma festa religiosa feita por uma colega que também empreendeu trabalho de campo em Provetá. Natania Lopes pôde acompanhar a Festa dos Gideões do ano 2008, quando a atividade religiosa aconteceu simultaneamente à celebração profana do carnaval⁷⁸. Ao contrário dos trabalhos de campo empreendidos por mim, nos quais me dedicava inteiramente a observação participante das atividades empreendidas no interior da Igreja, Natania nos dá informações importantes sobre como foi a movimentação dos moradores em dias de festa religiosa, concomitante a celebração de uma festa profana. É interessante salientar que na etnografia de Natania não há qualquer referência mais específica às atividades empreendidas pela Igreja nesses dias de festa. No entanto, fica claro que mesmo não

78 Pude acompanhar duas festas dos Gideões, mas nenhuma delas coincidiu com o feriado do carnaval, por isso considero interessante a narrativa feita por Natania Lopes em 2008.

acompanhando tal movimento religioso, a religiosidade local se interpõe continuamente entre aqueles que frequentam a vila para desfrutá-la de forma “laica”.

O trabalho que segue, não tem a pretensão de dispor fatos “estranhos” e irregulares em categorias familiares e ordenadas (GEERTZ, 1997), mas sim aumentar a nossa possibilidade de entender como fenômenos modernos comuns, como o turismo, pode adquirir sentido. O foco da presente análise está na especificidade das formas de usufruto do território por parte dos visitantes religiosos, a dimensão da sociabilidade e as relações de troca que tornam possível a recepção de visitantes na comunidade.

4.2 A praia sem turista

Em matéria exibida pelo site da revista Época (“Uma praia onde ninguém usa biquíni”, 18/08/2008), a jornalista Priscila Gorzoni, ao descrever Provetá dá-nos um bom exemplo de como as práticas e modo de vida provetaense podem ser vistas pela sociedade como algo não só diferente, mas incorreto devido seu caráter excessivamente repressivo:

Dominada por uma igreja evangélica há mais de mais de 70 anos, a praia do Provetá, em Ilha Grande, litoral do Rio de Janeiro, permanece intolerante aos trajes de banho. (...) Provetá fica em uma área bem isolada da Ilha Grande, que é banhada por mar aberto. Em Provetá as pessoas só entram no mar de roupa e o único bar que funciona na praia é vigiado pela comunidade evangélica. (...) Esse também é um dos motivos pelos quais poucos turistas se aventuram por aquelas paisagens. “Quando as águas estão revoltas é complicado chegar lá”, diz Otto Fiúza Nogueira, gerente de projetos de marketing da Prefeitura de Angra dos Reis. Para ele, o isolamento contribuiu para fixar uma comunidade tão fechada. (...) É o caso de perguntar se os “iluminados” são os que vivem sem bebida alcoólica, biquíni, música e balada⁷⁹.

A personagem principal da matéria é uma menina que sonha em ser modelo e se vestir com roupas da moda, o que é reprimido pelos pais evangélicos. Há também uma declaração de uma menina católica, moradora de Provetá, dizendo que as amigas evangélicas tem inveja das suas liberdades individuais. O olhar inquisidor que vem não sabemos muito de quem, mas sim

de onde (a vila como um todo), não deixa o turista aproveitar o local como deveria, já que a vila faz parte de um balneário procurado para a realização de práticas voltadas para o lazer. A opinião do funcionário público corrobora para a afirmação do lugar constituir-se como um isolado físico e cultural. A ironia da última frase deixa clara a posição da reportagem em relação à cultura pentecostal provetaense: A intolerância supostamente vigente faz com que aquelas pessoas estejam vivendo dentro de princípios equivocados, longe do que se configura como valores atuais que, segundo a narrativa, parecem ter como pressuposto o hedonismo e tolerância.

A “visão pós-moderna” manifestada pela reportagem sobre o território provetaense, aponta para uma percepção sociológica disseminada previu como o desenvolvimento futuro dos valores das sociedades modernas, onde o gozo do lazer seria a motivação central na vida das pessoas. Segundo previsão de Gilberto Freyre, essa mudança de paradigma faria com que sociedades de ética protestante deixem de ser valorizadas por conta de uma inversão dos valores. As “virtudes” das sociedades voltadas para a glorificação exclusiva da religião e do trabalho seriam substituídas pela valorização das sociedades voltadas para o ócio, lazer, arte, recreação, que estão semanticamente interligadas através da correlação de seus significados com o uso do tempo livre (FREYRE, 1970).

Os “crentes”, já são genericamente vistos, e inclusive, discriminados, como um grupo fechado e avesso à participação na política e nas coisas do mundo. A visão mais comum que se tem da vila e da população de Provetá na região é que eles são mais “difíceis de lidar” principalmente quando o assunto está relacionado às restrições ambientais e a chegada do turismo, que são as características mais notáveis da Ilha Grande contemporânea. Assim, “eles” acabam sendo considerados excluídos do que se apresenta como o novo caminho a seguir. Com esse raciocínio supõe-se que os provetaenses estejam mais preocupados com questões metafísicas, ao invés da proteção ecológica; com o trabalho na pesca e a “pureza” religiosa do lugar ao não permitirem a entrada maciça da “corrupção”, que chegaria com a recepção de pessoas “de fora”. Diferente da categoria “caiçaras” vista com simpatia, e às vezes com romantismo, quando representada como correspondendo ao que seriam os verdadeiros nativos, os “crentes” nesse caso não são vistos com simpatia e muito menos com tolerância (PRADO,

2003). Ao contrário de todas as outras localidades da Ilha Grande, Provetá, é comumente referido como um lugar feio e sujo, onde há problemas graves de saneamento e urbanização.

Provetá, portanto, é a única vila da Ilha Grande que não adquiriu o “status” de ser um destino turístico. Recorro ao conceito de etnocentrismo, para tentar explicar a exclusão do lugar na construção dos destinos turísticos da região. Nesse caso, ele parece estar sendo manifestado por uma “dupla via”: pelos provetaenses que construíram ao longo do processo de “territorialização” pentecostal uma imagem na qual parecem não apreciar os “estrangeiros” e os “diferentes”, censurando-lhes a maneira de ser e exibindo sentimentos de hostilidade; e dos diversos agentes exteriores (como por exemplo: mídia e agências turísticas) que colocam a alteridade em relação à identidade e cultura pentecostal, como um aspecto inibidor, onde o encontro com as diferenças desse outro parece não ser estimado, nem almejado (MENDONÇA, 2009).

A natureza turística de um lugar é uma construção histórica e cultural. Esse processo envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística é estabelecida, mantida e negociada, e tem como resultado narrativas a respeito da localidade como destinação turística. Estas narrativas se modificam com o tempo e enquanto certos aspectos são iluminados, outros permanecem na sombra (CASTRO 1999; 2002 apud FREIRE-MEDEIROS & CASTRO, 2007). Nesse caso, as narrativas que vem sendo construídas para a vila de Provetá e seus habitantes, parecem colocá-los à sombra da movimentação turística, ao ser destacado os seus aspectos socioculturais.

Um mesmo ponto de visitação pode assumir representações distintas os quais dependem da relação do lugar com o interlocutor (BRUNNER, 2005). Em minha pesquisa pela internet me deparei com outra reportagem sobre Provetá feita pela mesma jornalista, Priscila Gorzoni, agora para o site da revista “Enfoque Gospel”. Descrevendo as mesmas características do modo de vida provetaense, a reportagem feita para um público específico, os grupos evangélicos, faz com que a vila seja julgada por um ponto de vista oposto à reportagem veiculada pela “globo.com”. Com o fim de expor um pouco do conteúdo da reportagem recorro a sua ultima sentença:

Um lugar assim, incomum e quase perdido no tempo, merece uma visita e, certamente, uma oração para que Deus continue sendo prioridade na vida dos habitantes dessa ilha que, embora distante, é abençoada⁸⁰.

A maioria dos sites direcionados ao turismo tem inserido, há pouquíssimo tempo, Provetá no circuito turístico da Ilha Grande. Mesmo enfatizando os aspectos característicos da população, a imagem da vila como um isolado cultural vem sendo substituída por uma descrição que segue a tendência da construção do lugar como passível para a visitação. A estrutura dos sites que divulgam turisticamente a Ilha Grande contribui para essa inserção, pois a descrição das praias é feita uma a uma. O site ilhagrande.org, junto com fotos ilustrativas descreve a vila da seguinte maneira:

Provetá é uma vila tranquila e aconchegante. Ideal para quem que(r) descansar, encontrar a paz interior ou simplesmente refletir (...). A Vila do Provetá é habitada basicamente por pescadores e a atividade pesqueira ainda é bastante ativa, porém o turismo vem se desenvolvendo na região a cada ano (...). A praia é belíssima e possui uma extensão de 500 m, com águas verdes, transparentes, mornas e calmas devido sua localização abrigada (lado voltado para o continente). Também possui areia grossa-amarelada e muitos coqueiros e amendoeiras por sua orla. (...) Depois da Vila do Abraão é o maior núcleo de população da Ilha Grande (...). Grande parte de seus moradores são membros da Igreja evangélica Assembleia de Deus, atuante na região a mais de 3 décadas que impõem critérios religiosos rigorosos. É o ponto de partida para quem quer conhecer caminhando a Gruta do Acaiá, Praia dos Meros, Enseada de Araçatiba, Praia Vermelha e a Praia do Aventureiro. Possui rica vida marinha e é frequentada por tartarugas, garoupas e grandes estrelas-do-mar. Um espetáculo da natureza!(...) Provetá possui boa infraestrutura para os visitantes com pousadas, quartos para aluguel, campings, bares, lanchonetes, padaria, dentista, lan-house para acesso à internet, posto de saúde, escolas primária e secundária, mercadinhos e barcos que fazem traslado de Angra dos Reis para Provetá às 2a, 4a e 6ª(...). A Vila de Provetá desperta tanta curiosidade que em 2006 o apresentador do programa Domingo Legal Augusto Liberato, o Gugu, veio conhecer de perto as curiosidades do povo que vive em Provetá. Tomou banho de roupa com as senhoras e as crianças da vila, mostrou como vivem e o que pensam as pessoas da maior comunidade de evangélicos da Ilha Grande. Assim, Provetá ficou mais famosa e desde então muitos já visitaram este que é mais um pedacinho do paraíso desta maravilha chamada Ilha Grande⁸¹.

80 Fonte: <http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=84&materia=1106> em 20/12/2008.

81 Fonte: <http://www.ilhagrande.org/sys/s.ig?a=44> em 25/02/2011.

Essa caracterização possui um tom ameno e exalta as belezas naturais do lugar como normalmente é feito com as demais praias. Como discurso turístico, a caracterização exalta, superdimensiona e exagera atributos, qualidades, fatos, acontecimentos. Aqui a vila é inserida no circuito “paradisiaco” e ganha ares de local bem estruturado que conta com um bom comércio e opções variadas de locais para hospedagem. Ao ressaltar a existência da *lan house*, o (programa) Domingo legal e a Ilha Grande, o site dá ênfase aos caracteres próximos e familiares do turista, inserindo Provetá no mundo moderno e midiático. Assim, caracteriza o lugar como um espaço turístico, reconhecível por sinais claros, permitindo aos turistas que trafeguem sem maiores sobressaltos, sustos, surpresas ou medo (SIQUEIRA, 2006).

O famoso programa de televisão dá legitimidade à vila como um lugar interessante para visitação por conta da sua configuração pentecostal ímpar. Quando o apresentador Gugu Liberato visitou Provetá para “mostrar como vivem e o que pensam a curiosa vila de crentes” não era a primeira vez que Provetá se via diante das câmeras de televisão. Muitos moradores ainda guardam em sua memória as imagens e palavras que caracterizaram a vila em uma reportagem feita pela extinta rede Manchete, que mostrou a vila como uma “ditadura” religiosa, onde a arbitrariedade e ignorância de um pastor construiu um espaço sitiado, uma fortaleza isolada no tempo e no espaço em uma ilha paradisíaca de uma exótica “gente de outro mundo”, como dizia o título da reportagem (BAKKER, 2006). Mas dessa vez Gugu apresentou Provetá como uma simpática vila, que como os demais locais da Ilha Grande, possui uma natureza belíssima, porém com uma característica ‘curiosa’: aquela era uma comunidade especial, pois vem mantendo seus costumes e tradições pentecostais ao longo de gerações. A reportagem deu ênfase, sobretudo, à prática de tomar banho de mar com roupas. O clímax foi quando Gugu, abraçado por mulheres crentes, não crentes e muitas crianças, resolve “nativizar-se” entrando no mar de roupa, sob muita festa e gritaria (BAKKER, 2006).

Podemos observar uma mudança na construção da imagem da vila de Provetá; de lugar fechado para um lugar curioso que conta com uma cultura peculiar e interessante. O turismo sugerido pela caracterização do site parece colocar Provetá dentro das características que definem o turismo étnico. Nesse tipo de turismo, o nativo não está simplesmente “lá” para servir

às necessidades do turista; ele está ele mesmo em “exposição”, um espetáculo vivo. O cabelo comprido das mulheres, a predominante música evangélica, o alto falante da Igreja, a ausência visível de consumo de álcool bem como de outros comportamentos considerados pecaminosos nos espaços públicos, ao menos naqueles mais centrais.

Mas, a cultura provetaense não é valorizada pela distância cultural do viajante, como a forma que o programa do Gugu apresentou. Aqueles que majoritariamente desejam conhecer Provetá, não são pessoas laicas interessadas na singular cultura pentecostal dos provetaenses. Os mais interessados em visitar a vila são os próprios evangélicos, despertados pela curiosidade a um lugar onde “A Palavra” é vivenciada por “todos”.

4.3 Visitantes e Visitados

Nos capítulos anteriores vimos como a instituição religiosa Assembleia de Deus se inseriu de forma promissora no território da vila Provetá. O sucesso do estabelecimento da Igreja é concomitante a dispersão do *ministério Provetá* por povoados da Ilha Grande. Primeira Igreja evangélica da Ilha, o evangelismo era prática prezada por seus fiéis durante as primeiras décadas do estabelecimento da doutrina. Afinal, era dever do “crente” levar a *boa nova* aos vizinhos ilhéus. Isso tornou a vila e sua Igreja precursora, referência da religiosidade pentecostal na região. O evangelismo praticado nas praias e vilarejos da Ilha Grande teve como resultado o estabelecimento de algumas igrejas pertencentes ao *campo*. Existe Assembleia Provetá no Abraão, Praia Vermelha, Praia Grande e outras.

Nas vilas da Ilha Grande (e em outras partes do país), as igrejas Assembleia de Deus também celebram os conjuntos formados por sua membrasia. No entanto, os eventos acontecem em meio a manifestações culturais, como festas profanas ou celebrações das datas católicas. Em Provetá, os principais e únicos eventos sucedidos são aqueles produzidos pela Igreja Assembleia de Deus local. Desse modo, as festas pentecostais da vila possuem uma dimensão especial se comparadas com as festividades das igrejas situadas nas praias vizinhas. Isso por conta do diferenciado significado dos cultos na dinâmica do espaço público.

Nas primeiras décadas do estabelecimento da Igreja em Provetá as festas celebradas eram esparsas. Os únicos cultos considerados festivos eram aqueles celebrados no aniversário da fundação do templo (cuja data aproximada com o feriado de carnaval fazia com que fosse possível a realização de um ingente ‘retiro espiritual’) e o culto da noite de Natal. Nos últimos 40, 30 anos, os conjuntos foram sendo formados e as festas organizadas para celebração dos aniversários de fundação de cada conjunto.

Em Provetá, a característica da religiosidade praticada em um tempo passado idealizado é comumente lembrada pela maior parte dos atores sociais como que marcada por uma consciência e prática religiosa mais genuína. O “antes”, no “tempo do pastor Salles” a religiosidade presente na comunidade é evocada como mais próxima ao que sempre deveria ser: a vida social orientada de forma prioritária pelos costumes e doutrina pentecostal. Essa correlação entre um passado fortemente marcado pela religiosidade e um presente onde essa característica está mais precária, marca os discursos dos evangélicos provetaenses.

Os relatos sobre as festas evangélicas locais também remontam a um passado caracterizado pela forte religiosidade. Os sujeitos identificam o tempo anterior como mais próximo ao que consideram a originalidade da doutrina pentecostal. Assim as festas do passado são caracterizadas como mais próxima ao intuito verdadeiro de tal empreendimento. Recorro aos depoimentos de alguns atores sociais anteriormente citados para ilustrar essa concepção unânime acerca das festas passadas.

A festa antigamente eu achava mais animada, porque vinha muita gente pra festa então vinha muito barco, lotado. Quando eles iam embora, na hora que terminava a festa na segunda-feira, que eles voltavam pra casa, o Provetá todo ia pra praia. Todo mundo ia pra praia se despedir do povo e todo mundo chorava, e os barcos viçavam dando volta na beirada da praia, todo mundo acenando, e as bandas de dentro dos barcos tocando, era muito bom. E tem um detalhe naquele tempo não tinha cais, né? Aí tinha que pegar as pessoas no bote aqui na praia, e quando o mar tava bravo? Quando o mar tava bravo muitas vezes a gente via o bote afundar, era um desespero muito grande, o pessoal caía na água pra ajudar a colocar o pessoal no barco, por causa do mar muito bravo, né? Aí era difícil de sair o bote da praia. Aí a gente achava assim, ‘ah ano que vem não vão vir mais vão ficar com medo’, nada no outro ano vinha mais gente ainda! Vinha muita gente mesmo e era muito legal. Eliane, 40 anos.

Quando eu era criança, vinha muita gente de fora, mas festa da Igreja. A maior festa que tinha aqui era o aniversário da Igreja, que era em fevereiro. Então lotava muita gente. Vinha muita gente do Leblon, porque o pastor João Ribeiro, quando eu era adolescente ele era de lá, então vinha muita gente do Leblon, da Rocinha, de Belford Roxo, isso aqui lotava. Eles vinham pra Angra e o barco trazia. Teve uma época na inauguração da outra Igreja (primeira reforma), veio um barco de Santos, Santos é longe né? Veio de lá lotado de irmãos, uma coisa linda. Eu era pequena, nunca esqueci. Chegou na praia dois barcos grandes, aquela coisa, todo mundo cantando, foi muito lindo. E o pessoal não vinha, acabava o culto e (ia) embora não. Se a festa era na semana, ficava uma semana. Porque agora vem rapidinho. A Bíblia diz que a Igreja quando nasceu era aquela união, todas as coisas era de todo mundo, era assim antigamente, era tudo bem mais simples, as casas de palha, mas ninguém tinha vergonha de hospedar, ninguém tinha vergonha de dar comida, até mesmo numa mesinha de caixotinho, ninguém tinha vergonha, o que falava alto era o amor. E não sei se era porque as vezes era tão isolado que quando chegava uma pessoa assim a gente queria ter a amizade, queria conhecer as pessoas de fora, eu creio que era assim. Marilda, 51 anos.

A festa era a maior novidade pra gente porque também não tinha luz. Hoje há outras escolhas. Eu via aquilo ali como uma novidade, outras pessoas 'de fora' vinham então não ia ser só nós. Então mudava muito, cantores, não havia também essa ganância toda, porque quando você queria trazer cantor evangélico você tinha mais facilidade de trazer ele aqui. A gente nunca vai ter verba pra trazer os grandes cantores de hoje pra ver ao vivo. O meio evangélico cresceu muito e até no meio evangélico a desigualdade ela cresce muito. Antigamente vinham com mais facilidade. Ninica, 35 anos.

Era maravilhoso. A quantidade de gente nunca mudou, sempre veio muita gente. Sempre gente de lugares diferentes, países diferentes, peruanos, chilenos, já vinha! Eu era pequena, eles vinham assim com aquelas roupas e era mais curioso, porque a gente era criança então não tinha televisão, então a gente via o pessoal com cultura diferente, com roupa diferente, a Igreja ficava assim ó. As crianças não saíam do lugar, hoje as crianças correm no meio da Igreja, pastor pede pra ficar sentado, antes não, era tudo organizadinho. A gente não tinha tv, então aquilo era uma novidade, entendeu? Os visitantes era uma novidade, então chegava assim 'ah vão chegar tal hora na ponte', a praia ficava assim ó, entendeu? Pra gente saber como é que era. Era muito divertido, aí a gente tomava banho de tarde assim depois do almoço, botava a melhor roupa, chinelo era assim um mais velhinho pro dia-a-dia e um novo pra quando chegava as visitas. Marcela, 30 anos.

Era tudo com mais pureza. Vinham barcos cheios de gente, do Leblon, do Rio. Banda de música, muita gente vinham nos barcos pra aqui e era muita glória, vinha de Santos também banda de música, muitas pessoas de fora que vinham na Igreja né? Faziam festa, eu lembro que tinha, faziam até cabanas na Igreja, porque a Igreja era bem mais simples, fazia cabana de palha de coco, pra caber mais pessoas nos eventos. Faziam peças teatrais, poesias, muito lindo, era muito lindo. Antigamente eu acho que vinha mais gente, era mais simples e falam que o povo tinha o coração mais aberto pra hospedagem, por ser muito simples, o povo ia pra praia buscar os visitantes. Marilene, 48 anos.

Segundo a memória coletiva desse grupo social, o movimento de visitantes nas festas religiosas era maior e melhor que o observável nos dias de hoje. Pelos depoimentos, é possível supor que o Hotel da Igreja⁸² foi inaugurado simultaneamente a grande primeira reforma do templo, quando o pastor presidente ainda era o anteriormente citado João Ribeiro, proveniente da favela do Pinto, zona sul do Rio de Janeiro. Os provetaenses costumam se referir a enorme quantidade de visitantes que vinham de barco direto do Rio de Janeiro, especificamente do Leblon. Portanto, desde o início do evangelismo local, a recepção de visitantes é programada e realizada.

A festa anual dos tempos pioneiros do evangelismo local era a celebração do aniversário do templo, no qual era realizado um grande retiro espiritual uma vez ao ano. Conforme as narrativas coletadas, esse encontro com os visitantes era vivenciado com intensa satisfação. Receber pessoas e informações “de fora” era acontecimento considerado importante. Os visitantes emprendiam viagens longas nos grandes barcos de pesca, fazendo a tradicional cantoria de hinos evangélicos e ao chegarem à vila, contavam com a recepção amistosa em massa dos moradores locais que os esperavam na praia.

Os moradores não se importavam em apresentar a rusticidade da sua casa, da sua vila e Igreja ao receber visitantes provenientes do subúrbio das grandes cidades. Quando perguntados sobre o porquê dos visitantes virem menos a Provetá todos dizem que a melhoria social das pessoas e vila fizeram com que os moradores não queiram empreender o trabalho de receber grandes quantidades de pessoas em casa. Se antes, os visitantes eram considerados elementos importantes na construção social da vila, hoje sua presença não é tão aguardada e festejada como fora em um passado longínquo e também recente. Houve uma mudança no comportamento da maior parte dos fiéis, que não querem se dedicar ao trabalho de recepção a convidados, como explica o pastor Osmar:

82 O “Hotel” é o maior prédio destinado a visitantes em Provetá. Conhecido como Pousada ou Hotel da Igreja, esse grande prédio de dois pavimentos possui grandes quartos com vários beliches, banheiros, uma cozinha com fogão industrial, um salão que é refeitório nas datas de festa e também sala de aula da escola dominical no decorrer do ano.

Hoje em dia já é outra cultura, as crianças daquele tempo são os adultos de hoje, casados. Fizeram casas melhores, ninguém quer sujeira em casa, né? Aqui não existia piso, assim nada e agora as mulheres novas não querem trabalho em casa de areia, nem nada. O pessoal agora só quer casais...

Líbina é uma mulher de meia idade, que hoje ocupa a direção da Escola Estadual Pedro Ernesto, cujo ensino médio atende alunos de Provetá e das outras praias da região⁸³. Proveniente de Nova Iguaçu, subúrbio do Rio de Janeiro, é evangélica desde muito jovem. Nesta entrevista narra interessante passagem de uma igreja assembleia à outra, por causa do seu interesse pelos passeios e viagens empreendidas pela igreja maior, a Assembleia de Deus, ministério Cerâmica. A frequência em festas evangélicas é considerada habitual, mas a participação a um “retiro espiritual”, a primeira viagem empreendida a uma “ilha paradisíaca” foi um marco em sua vida.

Mariana: Uma vez você disse que a primeira vez que veio a Provetá foi para participar de uma festa. Antes dessa festa você já tinha ido a outras em outros lugares?

Líbina: Festa evangélica? Eu fui em várias, mas pra retiro espiritual mesmo foi aqui. Foi o primeiro retiro que eu fiz assim, longe né? Eu fui em vários mas pra passeio de escola e não retiro espiritual. Eu vim em 81, na época tinha terminado o magistério naquele ano e foi quando eu vim a passeio. Aliás, eu entrei na igreja pra poder vir nesse passeio. Eu era de outra igreja, aí nessa igreja não saía com os jovens nem nada, era outra igreja Assembleia que era pequena, aí quando eu soube que a igreja (Assembleia cujo ministério é) Cerâmica levava os jovens pra passeio aí eu pensei, é lá que eu vou batizar! Eu tava com 18 anos, eu não tava emembrada nem nada, até o pastor ficou chateado porque eu fazia parte do grupo né? Só que eu não tomava ceia porque jovem sem batizar não pode, mas quando eu soube do passeio eu pensei: “Não vou mais frequentar aqui”. Coisa de jovem, que gosta de grupão. Aí quando teve o primeiro passeio que... Quer dizer

83 A escola de Provetá tem um perfil atípico em relação às do continente. Por estar na Ilha, voltada para o mar aberto, lida com a constante adversidade climática. O seu corpo docente também é atípico: se mobiliza de diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro, desde o dia anterior, para estar às 5:00 no Cais de Santa Luzia, a fim de embarcar no “Irmãos Unidos II” - barco alugado pela Prefeitura - e realizar uma viagem que só terminará às 8:10 em Provetá, ou seja, um pouco mais de 3 horas de viagem pela Baía da Ilha Grande. Do outro lado da baía, os alunos das praias anteriores à de Provetá se encaminham para os cais, enquanto os que moram além, na Praia do Aventureiro, dão início a sua caminhada diária de 90 minutos até a escola. Há na própria escola um dormitório onde os professores podem pernoitar caso não queiram voltar para casa e pegar o barco no dia seguinte. Alguns deles até alugam casas em Provetá (os aluguéis costumam ser baratos no local), pois eles costumam fechar os horários das aulas de acordo com as possibilidades dos professores estarem na Ilha. A escola Pedro Ernesto é dividida em municipal e estadual. Fica por conta do município as séries do ensino fundamental e o estado é responsável pelo ensino médio. Essa divisão ocorre no espaço físico da seguinte maneira: na parte térrea, onde existe a maior parte das salas de aula, refeitório, biblioteca e secretarias faz parte do município. Subindo uma escada chega-se a uma pequena sala da diretora Líbina que cuida do colégio estadual e só há três salas de aula para atender o ensino médio onde eles não possuem biblioteca. A estrutura física do colégio é boa, nas três salas do ensino médio há uma grande televisão equipada com DVD. O que faz bastante falta é um espaço reservado para a biblioteca já que eles parecem ter verba para compra de livros, mas não tem onde guardá-los e deixarem disponíveis aos alunos.

já tinha havido vários, mas para mim foi a primeira vez e eu fiquei encantada quando cheguei aqui. Ruim, medo porque na época descia na pedra, não tinha caminho, não tinha ponte e um medo muito grande, mas aquele medo se tornou em êxtase quando eu cheguei e vi essa praia maravilhosa, né? Eu acordava cedo, andava a praia todinha, ficava deslumbrada com aquilo. Quando eu cheguei de volta era só contar porque nem máquina de tirar foto eu tinha.

Mariana: Antes dessa viagem você já havia feito alguma outra?

L: Não, só no Jardim zoológico, coisas no Rio mesmo. Eu comecei a ir depois que eu entrei pro Estado, a escola sempre ta organizando passeio, já fui até na Bahia em Porto Seguro, mas minha primeira viagem foi pra aqui em Provetá. Daí quando o pastor perguntou quantas professoras do Rio estavam presentes na Igreja, levantaram umas dez, aí eu tinha terminado (os estudos) naquele ano né? Aí ele falou “olha aqui nós estamos precisando de professores, a gente ta com três ou quatro turmas sem professor, quem de vocês gostariam de prestar o concurso que vai abrir a inscrição?”. Aí a maioria falou “ah não”, eu falei “eu também, Deus me livre, vim aqui nesse fim de mundo, pra cá só a passeio, né? Pra morar não, não tem luz!”.

Mariana: E como foi o retiro?

Líbina: Ah eu gostei. Gostei e não gostei, porque na época logo assim que eu vim eu senti que aqui eles ficavam olhando muito pra pessoa de cor, parecia que eles tinham medo sabe? As crianças passavam longe, não sei se eram os pais mesmo ou os maiores que colocavam esse medo. E eu fiquei assim triste por que... Quem já tinha vindo antes, já foi escolhendo as casas que ia ficar, e eu fiquei... Já tava à noite e eu fiquei na porta do Hotel (da Igreja) sentada esperando uma casa. Eu não conhecia ninguém, alguém que me chamasse pra eu ir, aí todo mundo foi e só ficou eu e uma menina esperando, a gente nem era muito amiga, muito chegada, eu fiquei ali. Eu fiquei triste foi uma coisa que me magoou muito. Eu ser deixada pra trás por causa da pele. Daqui a pouco chegou essa menina e falou “olha eu vou ficar lá no canto, lá na Fazenda⁸⁴, vamo lá, vamo ficar comigo, é uma senhora velhinha, ela mandou chamar e eu já fiquei lá uma vez e como você sobrou vamos”. Aí eu peguei minha sacolinha e fui. Cheguei lá a casa era de madeira, mas aí tinha um quarto com duas caminhas, uma pra mim e uma pra ela, “vocês podem ficar aqui, eu só não posso servir nada de comer, mas se vocês quiserem fazer alguma coisa”, aí pensei “eu vim pra cá pra fazer comida é ruim hein!” e tinha comida pra gente no Hotel.

Conforme a pesquisa do Ministério do Turismo, divulgada em agosto de 2005, o turista das classes populares costumam organizar o roteiro sozinho, em grupo ou com provedores informais, tendo como principal meio de transporte o ônibus. Normalmente hospedam-se e alimentam-se na casa de parentes ou amigos, bem como em meios de hospedagem de baixo custo. Pagam sua viagem a vista e escolhem o destino levando em consideração laços de

amizade e parentesco. Os pacotes turísticos são normalmente organizados de maneira informal entre amigos ou por pessoas do bairro, ocorrendo principalmente em forma de excursões de curta duração. Os deslocamentos abarcam a participação em eventos culturais, religiosos, esportivos, recreativos, bem como visitação a amigos e parentes (LEAL, 2007).

Nesse caso, as igrejas devidamente convidadas pela Assembleia Provetá se organizam para participar da festividade que irá acontecer na vila ilhéu. Os “convidados” vão para Angra de variadas formas, podem ir de carro, de van ou ônibus, em grupos grandes, em família ou até mesmo sozinhos. Mas o frete que os leva até Provetá (uma viagem de mais ou menos 2 horas) é responsabilidade da Igreja e seus fiéis; alguns homens buscam os grupos de visitantes no cais de Angra com os barcos em que trabalham na pesca⁸⁵.

A recepção desses convidados também é responsabilidade dos *visitados* (hospedeiros). Alguns fiéis ficam responsáveis por fazer o cadastramento daqueles que queiram receber visitantes que eles podem conhecer ou não. Lucia, evangélica que participa ativamente dos preparativos das principais festas locais fez referencia a tal movimentação:

Aqui (na minha casa) eu já hospedei. É um pessoal tranquilo, legal, que você sabe que não vai te incomodar, entendeu? Eu nunca tive problema. E sempre que a gente viaja pra outras igrejas a gente vai pra casa dos irmãos. A hospedagem do crente é a casa dos irmãos, entendeu? Isso já é de praxe. Todo mundo já ta acostumado. E aí pastor e cantor como tem uns que ficam incomodados e tal a gente coloca em hotel. Eu nunca fiquei na parte de hospedagem. Eu tenho vergonha de ficar pedindo, sabe? Mas tem sempre uma comissão de hospedagem (na produção das festas).

85 Quando fui participar do 21º aniversário dos Gideões em fevereiro de 2010, o embarque de um barco para visitantes no cais de pesca em Angra dos Reis estava marcado para 9 horas da manhã e o barco só chegou as 11 horas. Um dos visitantes fez o seguinte comentário: No tempo do outro pastor (Salles) não tinha isso. “Ele não pedia pro barqueiro ir buscar a gente não, ele exigia: ‘Fulano e cicrano, vão lá buscar meu povo’ e não tinha essa da gente ficar aqui no cais esperando”. Hoje o frete de pessoas feito por barcos pesqueiros carregam o ônus de ser uma prática ilegal, podendo acarretar em multa pela Capitania dos Portos. Por isso, há uma dificuldade em achar fiéis que façam esse trabalho para a Igreja.

Segundo depoimento de Lucia, a prática de hospedagem entre evangélicos é comum e todos parecem habituados em receber pessoas que podem não conhecer anteriormente⁸⁶. O fato de comungarem dos mesmos preceitos religiosos os coloca em comunhão, pois o crente sabe que os costumes e crença daquele visitante será semelhante ao empreendido por sua família. Nesse sentido não há por parte dos visitantes uma sociabilidade através da demarcação de fronteiras entre um “eles” e um “nós”. Visitantes⁸⁷ e *visitados* se consideram pertencentes a um mesmo grupo. A distinção presente se dá em termos da origem territorial⁸⁸. A configuração social da vila ilhéu os coloca em uma posição de superioridade com relação à religiosidade praticada em seu território e de inferioridade frente aos valores, vistos como mais racionais e urbanos, dos visitantes provenientes de locais que contam com maior infraestrutura e contato com outras fontes de informação e conhecimento.

Voltando a narrativa de Líbina, esta diz que os jovens de sua igreja já conheciam Provetá e alguns de seus habitantes e se hospedaram sem problemas na casa de algum *irmão* ou no Hotel da Igreja. No entanto, faz uma crítica ao povo local, ao considerar que fora deixada uma tarde inteira a espera de hospedagem pelo preconceito racial existente entre os ilhéus. Mas ao final da tarde, conseguiu uma casa simples, mas confortável para se hospedar. Mesmo com todas as críticas, fica claro em seu depoimento que a jovem evangélica se encantara, principalmente, com a beleza natural do lugar. Líbina nos dá importante informação ao dizer que em um determinado culto em meio ao retiro espiritual, um pastor local fez um apelo às visitantes que fossem professoras. Aquelas que tivessem disponibilidade e interesse viessem residir na vila, pois havia

86 Alguns visitantes religiosos preferem pagar e ficar hospedados nas poucas pousadas existentes na vila. Certa vez, para explicar tal preferência um pastor visitante me disse: “Não gosto dessa coisa dos *irmãos* terem a obrigação de nos dar casa e comida quando tem festa. Ano passado eu fiquei muito bem na pousada ali em frente à Igreja. Eu me sinto melhor assim, não dando trabalho pra ninguém, acho um absurdo as pessoas virem pra cá e darem essa obrigação para os irmãos”.

87 Essa circulação de visitantes não é designado como turismo pelos moradores locais, por conta da proximidade social que os visitados guardam com os seus hospedeiros (BIRMAN, 2009).

88 “Território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é, antes de tudo, uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por certo tipo de poder” (FOUCAULT, 1991, p.156). No caso provetaense controlado pelo poder da instituição religiosa local.

sério problema da falta desse profissional na escola primária existente na época⁸⁹ (década de 80). Esse exemplo indica que na prática de visitação religiosa, há um processo de comunicação que enfatiza a troca de informações num fluxo contínuo de pessoas e saberes que pode ter contribuído para o fortalecimento da religiosidade pentecostal no decorrer do processo histórico da vila.

Em determinado culto festivo, ouvi uma visitante proveniente de uma Assembleia de Deus de Xerém, bairro de Duque de Caxias, proferir o seguinte comentário no púlpito:

Olha eu to muito impressionada com a vila e essa Igreja. Como foi difícil trazer as minhas coisas para cá e eu fico imaginando a dificuldade que deve ter sido construir um templo tão grande e bonito aqui nessa ilha. Quanto esforço para trazer cada tijolo... Eu estou achando aqui tudo maravilhoso. Meu filho falou que quer comprar uma casa aqui, ele ta gostando muito... Olha essa Igreja, olha a o tamanho do conjunto de mulheres que vocês tem! Deve ter o mesmo número de membros que o meu, sendo que eu moro em um lugar que moram milhares de pessoas. Aqui, com o tamanho da vila e o numero de pessoas, veja quanta gente está aqui hoje e faz parte do conjunto! É muita benção, aleluia!

O lugar do “turista” confere e constrói uma situação singular de distanciamento simbólico onde as diferenças percebidas são transformadas em contrastes, onde a própria construção do olhar produz e marca a diferença no sentido de pertencimento (CARNEIRO & FREIRE-MEDEIROS, 2004). A vila é referida pelos visitantes assembleianos como um “paraíso abençoado”; aos olhos desse tipo de visitante ela é vista como lugar exemplar, que conseguiu evangelizar toda população. Essa leitura da paisagem à procura de significantes ou de certos conceitos ou signos pré-estabelecidos deriva de vários “discursos da viagem”, lembrando o aspecto salientado por Urry (2001) sobre a forma socialmente construída e controlada dos atores apreenderem o espaço turístico. Esse olhar envolve um devaneio que exclui outros aspectos da vila, como os bares, os desviados, a outra igreja evangélica⁹⁰, aspectos existente em seu entorno,

89 Infelizmente o problema da falta de professores ainda persiste.

90 Existe uma filial da Assembleia Provetá e também uma pequenina igreja pertencente à Congregação Cristã do Brasil em uma região da vila denominada Costeira. Este espaço costuma ser designado pelos moradores da área central como um lugar exterior à *comunidade*. Situado em um morro na parte Leste da vila, não é considerada parte da vila, tanto oficiosa quanto oficialmente (BAKKER, 2008).

mas que parecem imperceptíveis ao olhar desses visitantes. Esse tipo de visão também é embasado pela posição da Igreja de Provetá, matriz das igrejas das quais provêm a maior parte desses visitantes evangélicos. Nas dezenas de igrejas cujo ministério é Provetá corre a narrativa de uma espécie de mito: da vila Provetá, o berço do ministério, ser um lugar diferente e especial⁹¹. Afinal, para a doutrina pentecostal (e também no catolicismo) existem distinções no plano ‘horizontal’ entre os lugares na Terra considerados mais ou menos malignos, mais ou menos sujeitos a ação diabólica⁹². Podemos designar essa visitação como um tipo de peregrinação, que do ponto de vista geral, histórico-religioso, não   outra coisa que a viagem, empreendida individual e coletivamente, para visitar um lugar santo, onde se manifesta de um modo particular a presenç a de um poder sobrenatural.

Não há na programação das festas religiosas, um momento no qual ocorre um tipo de celebração profana, comum aos festejos católicos. Isso não quer dizer que os visitantes evangélicos não desfrutem de passeios semelhantes aos que turistas empreendem na região, como caminhadas, mergulhos e contemplação em meio as belezas naturais da Ilha. Assim enquanto não estão nas atividades específicas da Igreja, se torna difícil saber se estamos diante de um turista ou de um visitante religioso.

91 Certa vez, voltando de Provetá para o Rio de Janeiro eu e a bolsista Helena aceitamos o convite de alguns crentes para ir num encontro que haveria na Assembleia de Deus de Trindade , cujo ministério   Provetá. Mais especificamente, era o 19  aniversário do grupo de cantores dessa igreja, Grupo Novo Israel, e os “Gideões” de Provetá estariam presentes na comemoração. Fomos muito bem recebidos por Manoelzinho e sua família, que rapidamente nos hospedou em uma pousada.

Os donos das pousadas, evangélicos ou simpatizantes da igreja, disponibilizaram alguns quartos para ser ocupado pelos crentes que vinham de outras localidades prestigiarem o evento. Havia disponível nos dois dias de festividade café da manhã, almoço e jantar. As refeições eram feitas e servidas na própria assembleia para serem consumidas pelos fiéis coletivamente. Era o dia inteiro de celebração na igreja, com cultos, consagrações, entoação de hinos, mas os próprios crentes, cientes da nossa condição de “visitantes laicos”, disseram para irmos apenas   parte noturna da celebração.

Foi interessante contrastar a Assembleia de Trindade com a de Provetá; o prédio   menor e também fica na rua mais importante da vila turística. O som mecânico da igreja exibe volume mais baixo, afinal, há uma quantidade grande de turistas circulando pelo local. Ali a igreja convive com um forte trânsito turístico. Na rua principal enquanto aconteciam os cultos, centenas de turistas passavam em trajes de banho, às vezes olhando para igreja curiosamente ou mesmo passando despercebido.

Os fiéis não frequentaram as praias nesses dias. Muitos não passavam o dia todo na igreja, mas ficavam nas casas dos parentes e amigos, matando as saudades, conversando, dando voltas pelo “centrinho”. Depois do culto noturno, a maioria ia para os vários estabelecimentos voltados para os turistas onde faziam um lanche ou tomavam um sorvete com as crianç as.

Nos cultos não houve a manifestação do Espírito Santo, comuns em Provetá. A vila ilhéu é um lugar referido como ideal no imaginário dos fiéis de outras localidades, por ser uma sociedade “guiada” pelos preceitos evangélicos, onde a adesão a igreja pelos moradores é quase total.   provável que a vila seja o modelo, a síntese do objetivo de todas as igrejas ali representadas pelos seus pastores.

92 A vila ilhéu, que possui índices baixíssimos de criminalidade e violência   invariavelmente comparada aos subúrbios das cidades (de onde provem a maior parte dos visitantes) onde o estigma da violência está fortemente arraigado às características sociais.



Visitantes evangélicos chegando à praia de Provetá

A base do empreendimento de visitação religiosa local é a Igreja, as doações e o “trabalho” voluntário feito por fiéis. Isso faz com que a prática de visitação seja uma característica cultural dos assembleianos locais, pois segundo os próprios provetanenses não é tão comum essa dedicação à hospedagem nas festas empreendidas por outras assembleias, principalmente nas igrejas pertencentes a outros ministérios. O fluxo de visitantes religiosos a Provetá não se restringe as festas, muitos frequentam a vila no decorrer do ano, principalmente nas épocas de verão; mas é no contexto das festas religiosas que a vila atrai o maior número de visitantes. Nessa ocasião de encontro, há a sociabilidade entre desconhecidos, familiares e amigos, novas amizades são feitas, os jovens que moram distantes podem conversar, paquerar; sem falar nos novos projetos que em conjunto são desenhados pelos pastores ali reunidos como a abertura de uma nova igreja ou novos eventos. Qualquer membro que queira viajar para a festa é

recebido em pousadas ou casas de família, com todas as refeições pagas. É um tipo de viagem específica em que sucede uma “visitação comunitária”.

Mesmo se caracterizando como uma prática antiga, a frequência de visitantes nas festas religiosas da Assembleia de Deus em Provetá, se assemelha a frequência turística observável em outras localidades na Ilha Grande. Afinal, são grupos de pessoas que saem da sua rotina diária e viajam para passar o final de semana em um balneário. Acredito que a especificidade do uso que fazem do território (como por exemplo, andar e contemplar a praia de roupa e não de biquíni; ir para uma celebração religiosa ao invés de ir a bares e restaurantes) não podem ser determinantes para excluir esse segmento social (religioso e popular) do paradigma moderno da mobilidade voltada para algum tipo de atividade como lazer, descanso ou celebração. As características da visitação em Provetá, parecem se inserir na categoria de “turismo convivial”, embutido sobretudo para o encontro da família, dos amigos ou para participação de congressos e festivais (GRABURN, 2008) e também como um turismo não-hegemônico, ou astuto, segundo categoria de CERTEAU (1994), que é vivenciado quando as pessoas viajam fora dos limites do mercado turístico ou mesmo quando empreendem outras formas de deslocamentos no circuito escrito pelo capital (LEAL, 2007).



Hotel da Igreja em Provetá que em 2010 acabara de passar por uma reforma.

Hoje, as festas podem ser consideradas um ritual que focaliza a atenção por enquadramento; anima a memória e liga o presente ao passado relevante (DOUGLAS, 1976, p. 82). A estruturação voltada para a recepção nas festas pentecostais é parte integrante dos rituais festivos. Festas e visitação religiosa são componentes importantes da história e compõe importante referencia aos moradores sobre o que constitui a cultura local. Se parte dos moradores não querem se dedicar a tal empreendimento, muitos ainda consideram não só um dever receber aqueles que vieram prestigiar a sua Igreja e comunidade, como também parecem gostar de tal movimentação em sua casa. Desse modo, a recepção de religiosos em Provetá é um movimento que reforça a sacralização do território em questão. Além de ter auxiliado o desenvolvimento do evangelismo local, com troca de informações e saberes, a presença de evangélicos provenientes de lugares diversos, faz com que o local seja de fato um território que possui frequência específica, na qual os comportamentos e costumes são orientados pela doutrina pentecostal.

4.4 Os *saragaços* de um Carnaval⁹³

No início do feriado do carnaval de 2008, minha colega Natânia se hospedou na casa de Dona Deca, local privilegiado para observar a movimentação da rua principal da vila e as pessoas que segundo ela “chegavam em procissão para o carnaval”. Os rapazes estavam particularmente interessados em “dar uma força pros amigos” com a descarga de compras de supermercado e material de construção no cais. Muitos deles estavam ali porque queriam ver quem estava chegando para o “carne-mar” —como eles chamavam animadamente— os barcos lotados que chegavam à Provetá. Nesta semana do carnaval chegou cerca de dez barcos de passageiros por dia, além dos particulares.

Desde que começamos a fazer trabalho de campo ouvimos as pessoas dizer que “Provetá fica bom é no carnaval/Festa dos Gideões”. E segundo Natania o local estava mesmo irreconhecível.

Duas semanas antes da festa, as casas estavam todas sendo pintadas de diversas cores, os bancos da praça, muros da Igreja e lanchonetes também estavam sendo pintados. Um grande número de barraquinhas de açaí e sorvete foram abertas por toda a vila. Muitas casas indicavam com placas improvisadas que ali vendia *sacolé*. Muitos moradores alugavam suas casas para conhecidos, permanecendo na casa alugada, outros apenas recebiam visita de parentes e amigos. Os quintais das casas e a praia estavam cheios de barracas de camping.

Os jovens *desviados* da Igreja organizavam torneios de vôlei na praia e futebol no campo e preparavam minuciosamente o que seria a sua comemoração. Mas a vila inteira estava muito animada. Os crentes também teciam os preparativos de sua festa. No “claro de fevereiro”, coincidindo com os três primeiros dias de carnaval, aconteceria a festa mais importante da Igreja, o aniversário do Conjunto Gideões. A festa dos “homens pescadores”⁹⁴ era ainda comemorada ao lado do aniversário da Assembleia de Deus local e haveria shows gospel na

93 Essa parte do trabalho é inteiramente baseada em um relatório de campo da minha colega Natânia Lopes. As partes que escolhi para compor o capítulo que foram totalmente transcritas de seu relatório foram devidamente destacadas.

94 Embora figuras de destaque na Igreja não desempenhem o ofício de pescadores e façam parte do conjunto dos Gideões, a festa fora referida por Dona Magna e Irmã Marilene como “a festa dos homens pescadores”. Em que pese o fato de serem ambas esposas de pescadores, isso comprova a relativa coincidência (no imaginário local) entre as identidades da religião e da pesca (Lopes, 2008).

praça, além dos cultos, palestras e peças de teatro. A maior parte dos *desviados*, no entanto, esperava mesmo era o carnaval; o grande movimento na vila, os forrós na pousada da Dona Áurea, os luais na praia e as drogas que chegariam de fora.

Depois de ter se hospedado na casa de Dona Deca, Natania foi para casa de Dona Magna⁹⁵ que estava cheia de visitantes evangélicos para a festa da Igreja e também para o carnaval. Havia três famílias, cerca de vinte pessoas. Natania impressionou-se com o desprendimento dos donos da casa em meio a tanta agitação. “Havia muita gente diferente transitando por todos os cômodos, abrindo a geladeira, mexendo nos armários, usando o telefone”. Ela chegou a perguntar para Dona Magna se ela não se importava com aquela bagunça. Magna respondeu que não, que Deus protegia e abençoava a casa dela. Que não tinha ali nada de valor que pudesse ser roubado e que se entrasse alguém com má intenção — Deus repreendia. Magna disse que as portas de sua casa estavam sempre abertas a quem precisasse e contou-lhe que certa vez acolhera um gringo que encontrara no cais. Estava perdido, sujo, desesperado e não falava uma palavra de português. Ela o levou pra casa e fez um grande jantar o que o deixou muito agradecido e virou amigo da família.

Magna, de fato, era uma boa anfitriã e passava o dia dedicando-se a cuidar dos afazeres domésticos de uma casa com quase trinta pessoas, fora as visitas constantes de gente hospedada em outras casas e no hotel da igreja. De noite ia para o culto e estava sempre levando café com biscoitos para seu esposo Manoelzinho que, praticamente, passava o dia na Igreja ensaiando hinos com o conjunto ou envolvido nos preparativos da festa dos Gideões; pintando os lampiões e bancos da pracinha.

Era Dona Magna e a filha Manuela que preparavam as refeições da casa. Logo cedo começavam a fazer o almoço; comida caprichada, variada e farta. Cada dia um cardápio novo: sirisada; carne assada, lula, peixes. Ao voltar da Igreja Dona Magna sentava-se na mesa da área, cansada e conversava com Natania. Geralmente esta estava escrevendo em seu caderno de campo, pronta para sair com os jovens para os bares, forrós e luais. Magna sempre sugeria que Natania não fosse. Perguntava aonde ela ia, com quem ia ficar, a que horas voltava e sempre recomendava “juízo”. Magna sabia que a vila estava cheia de drogas trazidas pelos traficantes

95 Dona Magna é esposa de Manoelzinho e importante figura feminina local.

dos morros do Perez, Carioca, Sapinhatuba I e II, todos em Angra dos Reis⁹⁶. Segundo Natania, um destes traficantes estava hospedado em sua casa. Era namorado da filha de um pastor amigo da família.

O grupo inteiro com o qual ele estava dormia na varanda da casa, pois os quartos estavam todos ocupados. O tal pastor amigo de Manoelzinho não fora para a festa; só estavam na Ilha sua esposa, filhas, amigas das filhas e seus respectivos namorados. Ninguém era crente. Só a esposa do Pastor dava rápidas passadas pelos cultos.

No terceiro dia de carnaval, Natania ouviu um hóspede da casa dizendo que o rapaz do “movimento” que ali estava hospedado tinha brigado com homens de outra facção e que chegou lá muito nervoso, gritando, machucado; com o rosto ralado, cobrando da namorada “a minha chave” — uma arma que ela teria escondido— para matar seu agressor. Como a namorada se negava a dar a arma, ele tentou agredir a moça. Era por volta de cinco da manhã quando aconteceu o “saragaço”⁹⁷.

Chamaram a polícia pelo telefone e o rapaz foi preso, ficando mais de vinte e quatro horas no posto policial da vila esperando o primeiro barco para ser “deportado” para Angra. A orientação que Manoelzinho dera para o policial, segundo contou para dois pastores amigos que foram a sua casa, foi para não bater no rapaz, não machucá-lo. Queria apenas que o deixasse preso e o obrigasse a entrar no primeiro barco para Angra.

O grupo com quem o rapaz estava foi convidado a se retirar também. Dona Magna comentava o quanto o Pastor, sogro do traficante, ia ficar envergonhado quando soubesse do acontecimento. Ela disse que era assim mesmo: que as festas dos Gideões sempre eram acompanhadas de muita confusão; que era o Diabo atentando, mas que não adiantava porque Deus sempre vencia e na festa daquele ano, como nos outros, foram mais de cinquenta almas convertidas; mais de cinquenta pessoas aceitaram Jesus nos três dias de culto do conjunto dos Gideões. Que “Deus sempre derramava seu fogo sobre a Igreja”.

A tentação do Diabo para impedir que se cumpram as boas obras de Deus está cristalizada nestes quatro dias do “claro de fevereiro”. O carnaval, festa demoníaca, disputa com

96 Quando Natania nos informa que uma grande quantidade de pessoas ligadas ao tráfico em Angra frequenta Provetá nos grande feriados, chego à conclusão que isso se dá por Provetá não ser frequentada por um grande número de turistas. Nesses locais, como o Abraão, existe grande policiamento o que inibe tal frequência.

97 “Saragaço” é uma gíria local que significa “confusão” (LOPES, 2008).

a festa dos Gideões a presença dos jovens desviados. Se a maior festa da Assembleia de Provetá motiva nos crentes a efusividade de três gloriosos dias de intensa adoração e contato com Deus, o carnaval acena com as festas marginais e a grande quantidade de drogas (ecstasy, cocaína, craque, maconha, lança-perfume) e bebidas alcoólicas (LOPES, 2008). Durante a festa dos Gideões, Natania não participou das atividades da Igreja, pois estava envolvida com moradores que não frequentavam a Igreja, o grande movimento de visitantes, “pessoas de fora”⁹⁸ e as festas que aconteciam pelos bares e barraquinhas na praia. Mesmo assim chega à conclusão que:

(...) a tal batalha espiritual, cristalizada no caráter dicotômico da festividade, parece vir reafirmar qualquer coisa da essência da moral evangélica local: os crentes leem tudo o que acontece nestes dias, encaixam de forma exímia todos os eventos (mesmo as personagens, atitudes e perspectivas não cristãs ou até avessas à moral cristã) dentro de sua interpretação evangélica do mundo. Só posso dizer então que é um sistema de pensamento muito coerente capaz de “fagocitar” os acontecimentos produzindo uma atmosfera espiritual que é partilhada por *todos*.

A etnografia do carnaval dá-nos uma série de dados que possibilitam complementar minha análise. Se não levarmos em conta a frequência dos visitantes religiosos nas datas festivas, a frequência mais comum em Provetá é de pessoas provenientes dos “morros de Angra”. Estes veem Provetá como um destino mais favorável que os “locais turísticos” da Ilha Grande. Esses lugares exibem preços altos que visam à frequência de outro tipo de turista. Em Provetá existem as casas dos amigos conhecidos, o aluguel barato do espaço em quintal de casas ou até mesmo o aluguel de casas inteiras. Normalmente estes “turistas” tem algum vínculo de amizade ou parentesco com moradores locais. Estas visitas não são consideradas e denominadas “turismo”, mas “férias” ou “viagens”.

O cotidiano religioso, no entanto, não é posto de lado. Pelo contrário, a Igreja nessas datas se mostra mais presente e faz com que seja a principal atividade da vila mesmo em épocas propícias a festas comemoradas de forma “demoníaca” pela maioria das pessoas que vão visitar a Ilha Grande nessa época do ano. Há, portanto, uma tendência para a “sacralização” do profano, que formula uma versão religiosa para um movimento proveniente de um feriado que poderia ser visto apenas como turístico (STEIL ; CARNEIRO, 2008).

98 Em seu relatório Natania chama-os de turistas.

ANEXO A - Apresentação da Ilha Grande

A Ilha Grande compõe o 3º distrito do município de Angra dos Reis, representando aproximadamente 1/4 da área do município. Medindo-se no sentido Leste-Oeste, a Ilha tem cerca de 30 km em linha reta. Ela é uma parte da Serra do Mar, só que alagada pela Baía. Seu relevo é montanhoso e sua orla é entrecortada por muitas enseadas, pontões e 106 praias, somando 150 km de litoral. Lá estão presentes amostras de todos os ecossistemas costeiros do Estado do Rio de Janeiro: a mata atlântica, brejo, lagoa, manguezal, restinga, duna, praia e costão rochoso. Os núcleos populacionais abrangem cerca de 2 km quadrados, que corresponde apenas 1% do território da Ilha Grande.

As vilas são localizadas nas praias e o interior não é habitado. Sua população e seu modo de vida são comumente designados como ‘caiçara’, termo um tanto genérico para designar os habitantes de uma faixa do litoral brasileiro. Refere-se basicamente a um modo de vida local com uma economia voltada para a subsistência, com o cultivo de roças e a prática da pesca. No entanto, a história do lugar, com mudanças rápidas e frequentes na economia não pode acolher tal categoria, ou seja, o habitante da ilha não deve se moldar “a um estereótipo aceito de um caiçara imutável” (WILLEMS, 1966).

A face norte da Ilha, por ser abrigada pela Baía, favoreceu a ocupação desde a colonização. Nessa região se encontra a Vila do Abraão e a Vila Dois Rios, locais que abrigaram instituições carcerárias. Em Dois Rios uma fazenda foi convertida em Colônia Correccional em 1894 e com sucessivos nomes e funções, recebeu milhares de prisioneiros políticos e presos comuns até sua implosão em 1994. O “Presídio” como é comumente referido, fez com que a Ilha Grande fosse associada a uma ideia de reclusão, violência, disciplina e vigilância. Algumas pessoas que conheci no município de Angra dos Reis me disseram que quando havia notícias de alguma fuga de presos na ilha, “todos” evitavam sair de casa e as portas eram trancadas.

Na Vila do Abraão e Dois Rios, no entanto, nos surpreendemos com o discurso dos moradores locais que ao fazer referência ao “tempo do presídio”, nos descrevem um passado

onde tudo era mais organizado, tranquilo e até mais seguro. Para os moradores, o “presídio” significava a presença de uma instituição forte do governo no local, que oferecia emprego e serviços (Santos 2006)⁹⁹. Ainda hoje é possível perceber o quanto a presença do “presídio” foi e ainda é significativa para o cotidiano e cultura daquela parte da Ilha. Muitos funcionários aposentados ainda moram nessas vilas, ocupando casas do Estado. A repressão ainda hoje existente chega a assustar os visitantes desavisados que desembarcam no cais de turismo na vila do Abraão. Diversas vezes presenciei policiais que costumam esperar a chegada das barcas vindas de Angra dos Reis e Mangaratiba, para escolher pessoas que são levadas a delegacia local para serem revistadas de uma forma bastante incisiva. Há, portanto, uma continuidade nas funções da polícia para lidar com os crimes comuns e ambientais (PRADO, 2004). Ocupado pela polícia militar, um dos maiores prédios da vila do Abraão é a extensão da 166ª Delegacia de Polícia de Angra dos Reis, o que demonstra vigilância e controle excessivo para um lugar comumente designado como “paraíso”.

A atividade econômica preponderante entre os moradores da ilha era a pesca com fins comerciais. Houve, no entanto, uma grande redução dessa atividade a partir da década de setenta, ocasionada por diversos fatores concomitantes como: a pressão de grupos externos de pesca industrial de grande porte; a redução dos mananciais; o fechamento das fábricas de sardinha locais; a criação das unidades de conservação e a expulsão dos “caiçaras” pela especulação imobiliária (PRADO, 2003).

Com essa redução aliada à extinção do Presídio na década de noventa, o turismo vem se consolidando como a atividade econômica mais importante do lugar (MELLO, 1987). Nas conversas informais em que eu perguntava acerca da origem do turismo na região, essa relação causal era sempre mencionada pelos moradores locais. Um fato simbólico que vem acontecendo e que ilustra essa substituição são as antigas fábricas de sardinhas que vem sendo transformadas em pousadas. Com uma arquitetura interessante, esses prédios têm sofrido as adaptações necessárias para se adequar aos moldes de instalações para hospedagem.

99 Para uma análise sobre as instituições carcerárias da Ilha Grande, ver os trabalhos de Myriam Sepúlveda dos Santos (2006 e outros) que descreve as formas pelas quais o presídio, e a violência que lhe é inerente, têm atravessado diferentes períodos da história da Ilha Grande.

ANEXO B - Credo das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil¹⁰⁰

Creemos...

1. Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
2. Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17).
3. Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
4. Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
5. Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
6. No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
7. No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
8. Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pd 1.15).
9. No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
10. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12.1-12).

11. Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14).
12. Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
13. No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
14. E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

ANEXO C - Imagens



Assembleia de Deus da extinta favela Praia do Pinto 1940.



Mapa simplificado da Ilha Grande.



Parte central da vila Provetá vista da região da Costeira.



Praça e Igreja Assembleia de Deus de Provetá.



Faixa colocada na fachada da Igreja indicando a data da fundação da Assembleia Provetá.



Igreja Assembleia de Deus, ministério Provetá, localizada no município de Caraguatatuba, litoral paulista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Abrão de (Org.). *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Assembleia de Deus, 1982.
- ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si*. Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.
- BAKKER, André. *Entre Telas e Orações: Religião e Mídia em uma comunidade evangélica da Ilha Grande*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais, UERJ, 2006.
- _____. *Deus, o Diabo e a Televisão: Mídia Moderna de Massa e Pentecostalismo em uma Comunidade Evangélica da Ilha Grande*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UERJ, 2008.
- BECKER, H. “De que lado estamos?” In: BECKER, H. *Uma teoria da ação coletiva*. p. 122-136. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BENSA, Alban. “Da micro-história a uma antropologia crítica”. In Revel, Jacques (Org.) *Jogos de Escala: A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Assembleia de Deus, 1997.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. Texto em português, da edição revista e atualizada, tradução de João Ferreira de Almeida. Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1999.
- BIRMAN, Patrícia. “Mediação Feminina e Identidades Pentecostais”. In: Cadernos Pagu (6-7) pp.201-226, UNICAMP, 1996.
- _____. “Imagens Religiosas e Projetos para o Futuro”. In Birman, Patrícia (org.) *Religião e Espaço Público*. Cnpq/ Pronex, Attar Editorial, Rio de Janeiro, 2003.
- _____. “Religião e Política no Rio de Janeiro: ‘crentes’ e confrontos na edificação de um paraíso”. Projeto de pesquisa para o Cnpq, 2004.
- _____. “O Espírito Santo, a Mídia e o Território dos Crentes”. Ciências Sociais e religião, yer 8 n°8, 2006 a.
- _____. “Memória, Política e gestão Religiosa do Espaço: análise da comunidade de Provetá, na Ilha Grande”. In: Almeida, Ronaldo (orgs.) *Religião e Cidades: São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: CEBRAP, 2008.
- BORDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In *Usos e Abusos da História Oral*. , p. 183 – 191, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- BRUNER, E. *Cultures on Tour: Ethnographies of Travel*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- CAMARGO, C. P. F., SOUZA, B. M. *Católicos, protestantes e espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CARNEIRO, Sandra M. de Sá & FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Antropologia, religião e turismo: múltiplas interfaces. *Religião & Sociedade* 24 (2), p. 100-125. Rio de Janeiro 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 4. Rio de Janeiro, CPAD, 2005.
- CONTINS, Marcia. Catolicismo Popular, Pentecostalismo e Técnicas Corporais: uma visão comparativa dos usos da prece em dois contextos religiosos. Comunicação apresentada no VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004.
- CORBAIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CRETTON, Vicente. "Território Sagrado: A geografia das relações sociais em uma comunidade evangélica da Ilha Grande." Rio, UERJ, (mimeo). Monografia, Ciências Sociais, UERJ, 2007.
- CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. "O ofício do etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'". In, Edson de Oliveira Nunes, Org. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DUARTE, Luiz F. D.; HEILBORN, M. L.; LINS DE BARROS, M.; PEIXOTO, C. – orgs. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martin Fontes, 1996.
- ELIAS, N., DUNNING, E. "O lazer no espectro do tempo livre". In: *A busca da excitação*, pp. 139-186, Difel, 1992.
- FARCY, J. C.. "O tempo livre na aldeia (1830-1930)". In: *História dos Tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 273-332.
- FREIRE-MEDEIROS, B., CASTRO, C. A Cidade e seus Souvenirs: O Rio de Janeiro Para o Turista Ter. In: *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v.1, p. 2, 2007.

FREYRE, Gilberto. “Tempo, ócio e arte: reflexões de um latino-americano em face do avanço da automação”. Biblioteca Virtual Gilberto Freyre, 1970.

FONSECA, André Dione & FARIAS, Marcilene Nascimento de. “Gênero e Religião: a questão do ministério feminino na igreja Assembleia de Deus. In: *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 311-333, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994b.

GEERTZ, Clifford. “Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita”. In: *Obras e Vidas - o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2002.

_____. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. “A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro”. In: *Religião e Sociedade*, 21(1): 87-120, 2001.

GRABURN, Nelson. Reconstruindo a tradição: turismo e modernidade na China e no Japão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.23, nº68, p. 11-21, out 2008.

GRUNEWALD, Rodrigo. “Turismo e etnicidade”. *Horizontes Antropológicos*, vol.9, nº20, p141-159, out-2003.

LEAL, Rosana. *As maneiras de fazer turismo nas classes populares: Astúcia, criatividade e relações de vizinhança*. VII RAM, 2007.

LOPES, Natania. *Relatório de Campo*. Rio de Janeiro, mimeo, 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996.

_____. & MARIZ, Cecília Loreto. “Mulheres e a prática religiosa nas camadas populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos”. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34): 71-87, 1997.

_____. “Representações e relações de gênero em grupos pentecostais”. *Revista Estudos Feministas*. v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGNANI, José Guilherme. “Os circuitos dos jovens urbanos”. In *Tempo Social* vol. 17, nº.2, p.173-205, nov. 2005 .

MALINOWSKI, Bronislaw. *A Vida Sexual dos Selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.

MELLO, Carl E. Vieira de. *Apontamentos para servir à história fluminense (Ilha Grande) Angra dos Reis*. Angra dos Reis: Conselho Municipal de Cultura, 1987.

MENEZES, Renata de Castro. “Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a Escola Francesa de Sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo”. In: *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 29(1): 179-199, 2009.

MEYER, Birgit. “Pentecostalismo, Prosperidade e Cinema Popular em Gana”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 23(2). P.11-32, 2003.

MIRANDA, Guilherme. El Tiempolibre y ocio reivindicado por los trabajadores. In. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, vol. 4 (3), 2006.

NOVAES, Regina Reyes. “Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas”. In. SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 181 – 207, 2001.

OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembléias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado*. Rio de Janeiro, CPAD, 1997.

PAULA, Robson de. ““Os cantores do Senhor’: Três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil”. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27(2): 55-84, 2007.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PRADO, Rosane. “Crentes na Ilha Grande”. In: *Religião e Espaço Público*, CNPq/Pronex, Attar Editorial, 2003.

_____. (org). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro, editora UERJ, 2006.

_____. Tensão no Paraíso: Aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande. *Caderno Virtual do Turismo n°7*. Rio de Janeiro: Instituto Virtual do Turismo/COPPE/UFRJ, 2003-a.

_____. As espécies exóticas somos nós: Reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. Horizontes Antropológicos – Turismo, nº20 ano 9, Porto Alegre, EFRGS, 2003-b.

_____. & CATÃO, Helena. Fronteiras do Manejo: “Embates entre concepções num universo de Unidade de Conservação”. In: *Ambiente & Sociedade*. v. XIII, n. 1, p. 83-93, jan.-jun. Campinas, 2010.

SANTOS, Myrian dos. A construção da violência: o caso da Ilha Grande. In Prado (org.) *Ilha Grande: do Sambaqui ao Turismo*. Rio de Janeiro, EdUERJ/Graramond, 2006.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

SIQUEIRA, Euler D. “O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo”. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, Edit. Anhembi Morumbi, 2007, v.4, p. 01-20.

STEIL, Carlos A. *O Sertão das Romarias. Um Estudo Antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa-BA*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. & CARNEIRO, Sandra M. de Sá. “Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil”. In: *Religião & Sociedade*. vol.28 nº.1 Rio de Janeiro, Julho, 2008.

STOCKING JR., George. "The ethnographer's magic: fieldwork in british anthrpology from Tylor to Malinowski", in George Stocking Jr., *The Ethnographer's magic and other essays*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1992.

STRAUSS, Lévi. *O pensamento selvagem*, São Paulo, CEN, 1976.

TARDUCCI, Monica. “O Senhor nos Libertou: gênero, família e fundamentalismo”. In: *Cadernos Pagu*. IFCH/UNICAMP, n. 3, Campinas, 1994.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

URRY, J. *O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo, Sesc/Studio Nobel, 2001.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978 [1909].

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Assembleia de Deus, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O conceito de sociedade em antropologia”. In: *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 181-264.

WEBER, Max. “Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva”. In: *Metodologia das Ciências Sociais (Parte 2)*. São Paulo: Editora da Unicamp/Cortez, 1994.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLENS, Emílio. Buzios Island. A Caiçara Community in Southern Brazil. University of Washington Press, Seattle and London, 1966.